

Ana Catarina Vasques Rodrigues Mesquita



***O JORNAL  
E A PRÁTICA DO JORNALISMO  
NO ROMANCE QUEIROSIANO***

Orientadora: Professora Doutora Rosário Cunha

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares  
Universidade Aberta, 2010





Ana Catarina Vasques Rodrigues Mesquita



***O JORNAL  
E A PRÁTICA DO JORNALISMO  
NO ROMANCE QUEIROSIANO***

Orientadora: Professora Doutora Rosário Cunha

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares  
Universidade Aberta, 2010



Ana Catarina Vasques Rodrigues Mesquita

***O JORNAL  
E A PRÁTICA DO JORNALISMO  
NO ROMANCE QUEIROSIANO***

Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses  
Multidisciplinares, percurso de Literatura, sob a orientação  
da Professora Doutora Rosário Cunha.

Universidade Aberta

2010





## Agradecimentos

Um projecto desta índole, apesar de individual, contou necessariamente com o apoio de muitas pessoas que, de variadas formas, me ajudaram a elaborá-lo. Assim, não poderia deixar de dedicar umas breves palavras de agradecimento que, apesar de não conseguirem retribuir totalmente todo o apoio que recebi, constituem uma forma simbólica de mostrar o meu profundo reconhecimento por toda a ajuda que, como sabemos, é tão importante quando embarcamos numa nova aventura em mares desconhecidos.

Começo pela pessoa mais importante na realização deste projecto, a minha orientadora, Professora Doutora Maria do Rosário Cunha, sempre presente em todos os momentos desta dissertação. O meu profundo agradecimento por, em primeiro lugar, ter, desde o primeiro minuto, partilhado o meu entusiasmo por esta viagem pela obra de Eça. Em segundo lugar, foi preciosa a sua ajuda, quer através da leitura atenta de todo o trabalho que fui produzindo, quer através dos preciosos conselhos que me foi dando, pela pistas que me foi fornecendo, e pela cedência de bibliografia específica. O seu conhecimento acerca do universo queirosiano é verdadeiramente inspirador, e a sua palavra amiga no momento certo nunca me deixou baixar os braços, mesmo nos momentos de maior dificuldade. Muito obrigada pela amizade, pela dedicação, pela seriedade com que encarou este projecto e por, mesmo quando espacialmente distantes, me ter dado toda a ajuda de que precisei.

Não posso esquecer o importantíssimo apoio de toda a minha família, onde primordialmente incluo os meus pais e a minha irmã, que sempre acreditaram nas minhas capacidades e estiveram sempre ao meu lado ao longo deste projecto, apoiando-me incondicionalmente, com a paciência necessária nos momentos mais difíceis, e com a partilha do entusiasmo nos momentos de vitória.

Aos meus queridos amigos Ana Gomes, Ana Silva, Luís Spencer Lima, Paulo Guerra e Carmo Teixeira, ao meu amigo e cunhado, Bruno Ameida, e ao meu namorado, Emanuel Nunes, agradeço a profunda amizade, o carinho, o entusiasmo por este projecto e as palavras tão importantes de incentivo.

Aos Professores que, ao longo do meu percurso de estudante, comigo partilharam a paixão pela literatura e me incentivaram no rumo profissional que escolhi, particularmente à Professora Doutora Isabel Margarida Duarte, Professora Margarida

Correia, Professora Lídia Rocha, Professora Anabela Constantino e Professora Fátima Menezes.

Finalmente, e de uma forma muito especial, ao meu avô Joaquim, que mesmo não estando já fisicamente presente entre nós, será sempre uma inspiração, pelo seu amor pelos livros, que me incutiu desde muito pequena, pela força de carácter que até hoje influencia quem sou, e pelas palavras certas no momento exacto, que para sempre deixarão uma profunda saudade e marca na minha individualidade.

# Resumo

Como todos sabemos, Eça de Queirós teve uma vasta carreira como jornalista, na qual espelhou, inicialmente, os seus ideais acerca do que deveria ser um jornalismo sério e frutífero, para mais tarde criticar a classe jornalística, denunciando seus vícios. Esta crítica passou não só pelos seus textos de imprensa mas também pelos seus romances, onde o leitor se depara com cenas em que tanto a figura do jornalista como a própria instituição são apresentadas de forma negativa. Ao longo desta dissertação, debruçámo-nos sobre as razões que envolvem esta crítica que, sendo Eça jornalista, poder-se-á transformar, por vezes, numa auto-crítica. Abordámos também a forma como essa crítica é levada a cabo pelo escritor nos seus romances mais marcantes, em termos de fases distintas da sua escrita. Para além deste propósito, a dissertação teve como objectivo analisar a importância da presença do jornal no romance, não só como instituição, mas também como objecto presente no quotidiano das diversas personagens.

O trabalho teve como fase inicial a leitura de bibliografia de enquadramento da questão, que passou pelo entendimento da forma como se fazia jornalismo no século XIX, quem foi Eça como jornalista e a imagem que este tinha da sua própria profissão, assim como as críticas por si feitas a esta classe. Estas primeiras leituras permitiram a redacção dos capítulos iniciais da dissertação, que serviram como contextualização, assim como aprofundamento de conhecimentos sobre o autor, relacionados com o objecto de estudo. Paralelamente, foram lidos e analisados outros textos de Eça, cartas, textos de imprensa, ou outras obras que, não fazendo parte do *corpus*, considerámos fontes de informação necessária à nossa análise.

Seguiu-se a leitura aprofundada do *corpus* seleccionado: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *Os Maias*, *A Ilustre casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*. A leitura do *corpus* permitiu a selecção e conseqüente tratamento da informação relevante para a dissertação. Numa primeira parte, debruçámo-nos sobre o estudo do jornal como objecto do quotidiano, como instituição, como espaço de redacção, assim como os temas que directamente se relacionam, nos romances de Eça, com a imprensa. Numa segunda parte, estudámos a figura do jornalista: o retrato; a arrogância, a mesquinhez e a falta de ética; a estupidez, a leviandade e a falta de cultura; o poder e o prestígio.



# Abstract

As we all know, Eça de Queirós had a wide career working as a journalist, exposing, initially, his ideals about what serious and fruitful journalism should be. Lately, he would criticise journalists, denouncing their vices. This criticism is not only present in his press texts but also in his novels, where the reader is surprised with scenes in which both the journalist as well as the institution itself are presented in a negative way. Throughout this dissertation, we have looked at the reasons that involve this criticism, which, being Eça a journalist himself, can become, sometimes, a self-criticism. We have also discussed how this critique is carried out by the writer in his more striking novels, in what regards different stages of his writing. Beyond this purpose, the dissertation aimed to analyse the importance of the presence of the newspaper in the novel, not only as an institution, but also as an object in the daily life of the different characters.

The study had, as the first stage, the reading of literature to frame the issue, which incorporates the understanding of the way journalism was carried out in the nineteenth century, who Eça was as a journalist, and the image that he had of his own job, as well as the criticism he made to his own class. These early readings led to the writing of the initial chapters of the dissertation, which served as a background and depth of knowledge about the author that was related to the object of study. Furthermore, other texts written by Eça were read, including letters, press texts, or other books which, not being a part of the corpus, were considered important sources of information to our study.

What followed was the further reading of the selected corpus: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *Os Maias*, *A Ilustre casa de Ramires* and *A Cidade e as Serras*. The reading of the corpus allowed the selection and subsequent processing of the relevant information for the dissertation. In the first part, we focused on the study of the newspaper as an object of everyday life, as an institution, as a place where journalists write, as well as the subjects that are related, in Eça's novels, to the press. In the second part, we studied the journalist figure: the portrait; the arrogance, the avarice and the lack of ethics; the stupidity, the frivolity and the lack of culture; the power and the prestige.



# ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	I
<b>RESUMO</b> .....	III
<b>ABSTRACT</b> .....	V
<b>ÍNDICE</b> .....	1
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	3
<b>PARTE I: CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	9
CAPÍTULO 1: O desenvolvimento do jornalismo no século XIX- o caso português.....	12
CAPÍTULO 2: Eça e o seu percurso jornalístico.....	21
CAPÍTULO 3: O olhar crítico de Eça sobre a imprensa do seu tempo.....	37
<b>PARTE II: ANÁLISE DO <i>CORPUS</i></b> .....	51
Considerações prévias.....	53
CAPÍTULO 1: O jornal.....	59
1. como objecto do quotidiano .....	61
2. como órgão de imprensa.....	75
3. como espaço de redacção.....	87
4. Temas frequentes associados aos periódicos .....	95
4.1. O palco de conflitos pessoais.....	97
4.2. O <i>High Life</i> .....	109
4.3. A política.....	119
CAPÍTULO 2: O jornalista .....	127
1. O retrato.....	129
2. A arrogância, a mesquinhez e a falta de ética.....	137
3. A estupidez, a leviandade e a falta de cultura .....	145
4. O poder e o prestígio.....	151
<b>CONCLUSÃO</b> .....	157
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	163



# INTRODUÇÃO



Uma leitura atenta da obra queirosiana permite detectar uma relação constante entre as funções de romancista e jornalista que Eça soberbamente soube acumular, conseguindo uma “permanente unidade, a unidade do estilo e da ironia, do interesse humano e da observação política, da intuição e da síntese, da imaginação e do realismo, da escolha do tema e do acontecimento.”<sup>1</sup> Os seus textos, publicados em vários jornais e revistas da época, revelam um escritor com uma identidade e um discurso muito próprios, apresentado a visão que possuía da sociedade e instituições políticas e culturais do seu tempo. A sua relação com o jornalismo teve três vertentes: como espaço de publicação e divulgação de algumas das suas obras; como suporte e meio de afirmação de certos posicionamentos políticos, ideológicos ou estéticos; como exercício da função de correspondente exterior, através da crónica.

Ainda que Eça de Queirós tenha cultivado a escrita de diferentes tipos de texto, jornalísticos, doutrinários, ensaísticos, o predomínio pertence à narrativa ficcional, não colocando, porém, de lado, a sua vertente jornalística que, de várias formas, se manifesta ao longo dos seus romances. De facto, a posição de Eça como jornalista reflecte-se na sua obra ficcional, que se transforma num espelho de crítica social, com uma forte vertente pedagógica, no que se refere às normas de conduta moral e social.

Por outro lado, soube sempre levar a cabo um processo de auto-crítica e de distanciamento face à prática do jornalismo, o que lhe permitiu uma abordagem imparcial e muitas vezes irónica da sua própria função e do meio onde se movia. Escreve Elza Miné, a propósito:

“Pensar o jornalismo de Eça de Queirós pode ainda sugerir-nos a busca de elementos em que se inscrevem opiniões, pontos de vista sobre o papel do jornalista e os modos como se desenvolvem, em seu tempo, as atividades da imprensa periódica, no âmbito dos próprios textos de imprensa, por ele produzidos. Constituem o que chamamos de sua “teoria do jornalismo”. Ou ainda, alargando-se tal exame, fazer o mesmo relativamente a

---

<sup>1</sup> Dalcídio Jurandir, “Eça de Queiroz, Repórter”, Lúcia Migue Pereiral e Câmara Reis (orgs.) in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p.204.

algumas de suas obras de ficção, em que representação e juízos de jornais e jornalistas de seu tempo são flagrantes”<sup>2</sup>.

Eça esteve toda a sua vida ligado ao jornalismo. Foram várias as participações em publicações da imprensa, de onde se salientam o *Distrito de Évora* (como director e redactor único: conceito do “one man newspaper”), a *Gazeta de Portugal*, a *Revista de Portugal*, *As Farpas*, com Ramalho Ortigão, a *Revista Moderna*, *O Atlântico*, *A Ilustração*, *O Tempo*, *Actualidade*, *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Encarnou, desde sempre, o ideal de um jornalismo crítico, como comprovam os seus textos publicados na imprensa, permitindo uma reflexão até sobre a ética jornalística no século XIX. N’ *As Farpas*, o jornalismo, a par do teatro e da literatura, reflectia o estado da decadência do país. Presenciamos, pois, a relação de amor/ódio perante a imprensa, tal como acontecia com Balzac, Zola, Stendhal ou Victor Hugo. Mas a escrita de Eça, apesar de ter grandes vultos europeus da literatura como modelos, “pugna «pela originalidade», sendo assim contrária às «ideias feitas» e aos «lugares comuns» (palavras largamente recorrentes na sua pena) da Literatura e da mentalidade europeias da altura”<sup>3</sup>.

Relativamente à sua função de romancista, Eça apresenta também aqui um olhar crítico sobre a concepção e prática do jornalismo, e sobre os seus profissionais. Para tal, cria uma galeria de personagens representativas da profissão de jornalista. Há várias cenas ocorridas em redacções de jornais, em que o jornalista é caricaturado. Assim, estas personagens, apesar de ficcionais, apresentam os piores defeitos da profissão: falta de escrúpulos, corrupção e submissão ao poder e ao dinheiro. O jornal é descrito como um espaço de ambiente sujo, sem luz, desleixado, coincidente com o aspecto dos seus jornalistas. Alguns romances de Eça insinuam também vícios da imprensa da época: a parcialidade do director do jornal, que é também o redactor único do mesmo; o facto de os jornais serem usados como espaços de difamação e de disputas pessoais, através de artigos e cartas cuja publicação dependia muito das relações de amizade e troca de favores.

---

<sup>2</sup> Elza Miné, “Imagens Finisseculares do Novo Mundo no Jornalismo de Eça de Queirós” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Vol.I, Coimbra, Almedina, 2002, pp.31-32.

<sup>3</sup> Ângela Varela, “A Ascese da Escrita Queirosiana”, *op. cit.*, Vol.I, Coimbra, Almedina, 2002, pp.363-364.

Muito se tem estudado e escrito sobre Eça, não só sobre a sua obra ficcional, como também sobre os seus textos de imprensa e a sua carreira jornalística. No entanto, a representação ficcional do jornal, do jornalista e do jornalismo aparece ainda sob a forma de observações que vão surgindo nos vários estudos que se vão fazendo sobre o autor, mas não no seio de uma análise levada a cabo com este objectivo preciso. Quer-se com isto dizer que a presença destes elementos em conjunto, na ficção do autor, não foi ainda tratada com profundidade, parecendo faltar um estudo mais denso sobre o texto do romance como reflexo de todos estes pontos em conjunto: não só a visão crítica de Eça como jornalista e sobre o jornalismo, mas também a importância do jornal como instituição e objecto na vida quotidiana das personagens, retratando, por extensão, a importância do jornal na época de Eça.

A presente dissertação pretende debruçar-se sobre as razões que envolvem a crítica ao jornalismo feita pelo autor, a qual, sendo Eça jornalista, poder-se-á transformar, por vezes, numa auto-crítica. Pretende abordar também a forma como essa crítica é levada a cabo pelo escritor nos seus romances mais marcantes, em termos de fases distintas da sua escrita: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *Os Maias*, *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*. A figura do jornalista é de tal forma presente na obra do escritor que se transforma numa personagem tipo, amplamente caricaturada por Eça, que não se inibe de colocar na berlinda representantes da função que ele próprio exerceu durante grande parte da sua vida. Se n' *Os Maias* presenciamos os corruptos Palma Cavalão do jornal *A Corneta do Diabo* e Neves d' *A Tarde*, n' *O Crime do Padre Amaro*, podemos assistir ao jogo de interesses que leva à publicação dos artigos d' *A Voz do Distrito*, jornal cuidadosamente manipulado pelo seu director, o Dr. Godinho, que cuidadosamente contrata Agostinho Pinheiro como jornalista, companheiro ideal para as patifarias e a mesquinhez com que orienta a sua publicação periódica. Já n' *O Primo Basílio*, surge a figura do jornalista Savedra d' *O Século*, com a sua hipocrisia social, a sua visão distorcida do papel do jornalismo, o mau gosto, o aspecto balofo e decadente, e a sua escrita banal e tão recheada de mentiras.

Para além deste propósito, a dissertação terá como objectivo analisar a importância da presença do jornal no romance, não só como instituição, como espaço de redacção, mas também como objecto presente no quotidiano das diversas personagens, como objecto de leitura ou simplesmente deixado estrategicamente em cena por um ou

outro motivo específico, pousado numa dada divisão da casa ou, por exemplo, servindo para, depois de lido, embrulhar outros objectos, chamando a atenção do leitor para o seu carácter efémero, assim que novas notícias chegam com o número seguinte da publicação.

Assim, decidimos dividir este trabalho em duas partes distintas. Na primeira parte, é nosso objectivo contextualizar a análise do corpus. Para tal, consideramos fundamental conhecermos um pouco mais do percurso jornalístico de Eça de Queirós, contextualizando-o na história do jornalismo português do século XIX, em comparação com as grandes capitais europeias onde Eça viveu: Paris e Londres. É também nosso objectivo observar de perto a crítica levada a cabo por Eça ao jornalismo do seu tempo, deixada em vários textos de carácter jornalístico, desde o *Distrito de Évora, as Farpas*, passando pelas *Crónicas de Londres, Cartas de Inglaterra, Ecos de Paris*, entre outros.

Numa segunda parte, será feita a análise do corpus. Neste, incluímos cinco obras, já referidas, que passam pelas diferentes fases literárias da obra do autor e que pensamos melhor condensarem o objecto de estudo deste trabalho. Esta parte divide-se no estudo do jornal e do jornalista. O jornal será observado de várias perspectivas: como objecto do quotidiano, como órgão da imprensa, como espaço de redacção e, finalmente, associado a vários temas, entre os quais destacamos o *High-Life*, a religião e os conflitos pessoais e sociais. Será também abordada, como já foi referido, a forma como o jornalista é descrito, de uma forma negativa e sarcástica.

Muito já se estudou sobre Eça de Queirós, mas a sua obra abre de tal forma caminho para diferentes campos de análise, que parece nunca se esgotar como objecto de estudo. É, de facto, como tão bem descreve o Professor Carlos Reis, “como uma paixão que nunca se esgota”<sup>4</sup>. Há sempre um pormenor, um detalhe que remete para uma nova pista interpretativa, transformando a obra deste grande vulto da literatura portuguesa num grande universo intemporal que apaixona e continuará a apaixonar a comunidade literária, e não só, de todo o mundo.

---

<sup>4</sup> Carlos Reis, *Estudos Queirosianos – Ensaio sobre Eça de Queirós e a sua obra*, Lisboa, Editorial Presença, 1999, p.11.

**PARTE I:**  
**CONTEXTUALIZAÇÃO**



**CAPÍTULO 1**

**O DESENVOLVIMENTO DO**

**JORNALISMO NO SÉCULO XIX:**

**O CASO PORTUGUÊS**



Ao longo do século XIX, a Europa foi palco de profundas convulsões, quando o Liberalismo político e económico avançou sobre o continente, e a burguesia, motor da revolução liberal, ganhou um lugar de grande destaque social. O conhecimento estava disponível a um número cada vez maior de cidadãos, criando-se uma nova forma de cultura, produto do avanço tecnológico e da universalização do saber.

No jornal, a burguesia faz uso da palavra, transformando-o numa grande força social e atraindo para as suas páginas escritores como Eça de Queirós ou Balzac<sup>1</sup>. Há um caminho percorrido desde a imprensa de opinião, romântica, à imprensa da notícia, contemporânea e, “se quisermos ver o fenómeno no quadro da estética, encontraremos a corrente romântica a dar lugar à corrente do realismo.”<sup>2</sup>

Percorrendo um pouco a história do jornalismo de oitocentos em Portugal, o primeiro diário português foi o *Diário Lisbonense*, fundado por Estêvão Brocard, tendo o primeiro número saído a 1 de Maio de 1809, em Lisboa, na Impressão Régia. A partir de 14 de Junho do mesmo ano, a *Gazeta de Lisboa* passou também a periódico diário, e em Setembro foram fundados mais três jornais diários: *O Mensageiro*, *Novo Diário de Lisboa* e *Journal de Lisboa*, também impressos na Impressão Régia. Assim, percebe-se que, num curto espaço de tempo, estabeleceram-se cinco periódicos em Lisboa, ainda que efémeros, com excepção do *Diário Lisbonense* e da *Gazeta de Lisboa*.

Após a revolução de 1820, o movimento jornalístico português cresceu, sendo maior o número de periódicos que, por sua vez, alcançavam um público cada vez mais vasto. Como escreve José Tengarrinha, “a actividade jornalística começava a atingir uma envergadura nunca até aí nem de longe alcançada, bastando dizer que só em Fevereiro de 1821 saíram em Lisboa 17 jornais políticos.”<sup>3</sup>

O Decreto de 4 de Julho de 1821 foi de vital importância, uma vez que veio estabelecer, pela primeira vez, a liberdade da imprensa. Nasceu a imprensa de opinião, que já era uma realidade noutros países, como Inglaterra ou França. Os jornalistas exilados que regressaram a Portugal após a revolução de 1820, trouxeram

---

<sup>1</sup> Balzac não deixa, no entanto, de reflectir sobre o ofício de jornalista, fazendo uma caricatura dos jornalistas da sua época. Veja-se, a propósito, a obra não ficcional *Les Journalistes* (1843).

<sup>2</sup> A. do Carmo Reis, *Eça de Queirós na Trajectória do Jornalismo Contemporâneo*, Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde, nº15/16, Dezembro, 1995, p.46.

<sup>3</sup> José Tengarrinha, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Portugália Editora, 1965, p.71.

consigo técnicas jornalísticas inglesas e francesas, modernizando os processos em vigor em Portugal. Foi no ano da revolução que Portugal atingiu o número *record* de 39 novos jornais.

Devido a toda a agitação e instabilidade política que se fizeram sentir em Portugal durante parte do século XIX, estávamos atrasados em matéria tipográfica em relação ao resto da Europa. Na verdade, em todo o continente só havia dezasseis tipografias, o que é bem representativo do atraso do nosso país:

“Deve sublinhar-se que era grande o atraso tipográfico entre nós, relativamente aos mais evoluídos países europeus. Na verdade, por volta de 1820, Portugal continental só tem tipografias em Lisboa, Coimbra e Porto, o que representa um retrocesso considerável em comparação com os séculos XVI, XVII e XVIII.”<sup>4</sup>

A 22 de Dezembro de 1834, foi promulgada a lei que estabeleceu definitivamente em Portugal a liberdade da imprensa. No entanto, a escrita periódica não deixou de sofrer a influência dos abalos sociais pelos quais o nosso país passou, desde 1834 até à Regeneração, em 1851. Neste período, vulgarmente conhecido como o *Primeiro Romantismo*, a imprensa teve um lugar de grande destaque social. Em 1834, foram fundados sete periódicos. No ano seguinte, já haveria cinquenta e quatro novas publicações e, em 1837, surgiram cinquenta e nove periódicos.

O jornal com maior impacto na primeira metade do século XIX foi *A Revolução de Setembro*, fundado por José Estêvão, Manuel José Mendes Leite e Joaquim da Fonseca Silva Castro, existindo desde 22 de Junho de 1840 a 23 de Março de 1892. Neste jornal trabalhou aquele que foi considerado um dos maiores jornalistas portugueses de sempre: António Rodrigues Sampaio<sup>5</sup>.

Os jornais fundados após 1834 apresentam características diferentes dos anteriores. Em primeiro lugar, destaca-se um maior desenvolvimento técnico, que muito se ficou a dever ao contributo dos jornalistas portugueses que haviam estado

---

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p.83.

<sup>5</sup> Jornalista e político português que, entre outras funções, foi deputado, par do Reino, ministro e presidente do ministério. Polémico, mesmo revolucionário, mas sempre coerente e fiel aos seus princípios e desígnios, foi um agitador social, o que lhe valeria a alcunha de *o Sampaio da Revolução*, já que se notabilizou como redactor principal do jornal *A Revolução de Setembro*.

no exílio noutros países europeus. O contacto com jornais como o *Times*<sup>6</sup>, considerado o mais importante em todo o mundo, ou o *Morning Post*<sup>7</sup>, por exemplo, foi crucial para que os jornalistas de regresso ao seu país trouxessem consigo novas técnicas e processos. Em segundo lugar, os jornais políticos apresentam novas ideias, aparecendo como órgãos de partido ou facções dentro do mesmo partido. O formato mais vulgar dos jornais passa a ser o *infólio*<sup>8</sup>, apresentando uma divisão em três colunas.

Quanto ao Brasil, o primeiro jornal publicado foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, a 10 de Setembro de 1808, de acordo com os moldes aplicados à *Gazeta de Lisboa*. De 1822 para a frente, passou-se a designar apenas *Gazeta do Rio* e, após a independência, foi substituído pelo *Diário do Governo*<sup>9</sup>. O segundo periódico brasileiro tinha como nome *Idade de Ouro no Brazil*<sup>10</sup>, sendo publicado na Baía, bissemanalmente. Tinha um formato pequeno e tornou-se logo órgão oficial do Governo.

O aparecimento destes jornais ficou a dever-se à instalação da corte no Brasil, quando a Imprensa Régia se estabeleceu no Rio de Janeiro, por Decreto de 13 de Maio de 1808. No mesmo ano, a 1 de Junho, o *Correio Braziliense*<sup>11</sup> era editado em Londres, mas redigido em português, pela mão de Hipólito José da Costa. Considerado o primeiro jornal brasileiro, que circulou até 1823 (29 volumes editados, no total). O principal objectivo deste jornal era lutar pela independência do Brasil, tendo um vasto número de leitores, não obstante as providências tomadas pelo Governo. Os jornais seguintes publicados no Rio de Janeiro foram *O Patriota* e *O Popular*, em 1813. Depois destas publicações, só em 1821 viriam a ser criados outros periódicos, como é o caso de *O Amigo do Rei* ou o *Diário do Rio de Janeiro*. Depois da independência do Brasil, em 1822, o jornalismo sofreu um enorme desenvolvimento.

---

<sup>6</sup> Fundado em 1785, por John Walter.

<sup>7</sup> Fundado em 1771, por John Bell.

<sup>8</sup> Formato em que cada folha de impressão é apenas dobrada em duas.

<sup>9</sup> O *Diário da República*, órgão oficial de imprensa em Portugal, é fruto da junção do *Diário do Governo* com o *Diário das Sessões*.

<sup>10</sup> Com quatro páginas, circulou às terças e sextas-feiras, no período de 14 de Maio de 1811 a 24 de Junho de 1823.

<sup>11</sup> Outros jornais foram editados por refugiados políticos em Londres e Paris, nomeadamente *O Investigador Portuguez em Inglaterra* (1811-1819), publicado também em Londres, *O Observador Lusitano em Pariz* (de Janeiro a Abril de 1815) e os *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras* (1818-1822), ambos com origem em Paris.

Entre 1865 e 1885, deu-se uma transformação da imprensa, desenvolvendo-se a imprensa noticiosa, que tinha como principal objectivo informar, opondo-se, assim, à imprensa de opinião. Augusto Abelaira refere uma passagem de *A Cidade e as Serras*, em que Zé Fernandes pergunta a Jacinto se a avaria da Azoff, relatada através do telégrafo, o prejudicava directamente, ao que Jacinto, surpreendido, responde que aquele acontecimento era apenas uma notícia. Abelaira escreve:

“Para responder à pergunta do Zé Fernandes teria bastado que Jacinto dissesse: «Não!». Mas ao acrescentar «é uma notícia» decidiu-se por um esclarecimento suplementar, algo paradoxal, quis dizer (consciente, inconscientemente?) que o conteúdo da informação não era necessariamente útil, que a característica dum informação de tipo noticioso é precisamente ser notícia, que uma notícia vale por si mesma, independentemente do conteúdo informativo, que o significado dum notícia é esse mesmo: ser notícia. Pouco importando se beneficia ou prejudica alguém. Descoberta genial, em pleno século XIX!”<sup>12</sup>

Um dos exemplos da imprensa noticiosa é o *Diário de Notícias*, fundado no final de 1864, por Eduardo Coelho, sem qualquer filiação partidária. Este periódico, essencialmente informativo, tinha em vista alcançar públicos mais alargados e variados, custando a baixa quantia de dez réis, quando até ao seu aparecimento, os jornais custavam de trinta a quarenta réis. O seu conteúdo foi também inovador, apostando nos *faits divers* e em romances-folhetim extravagantes, e apresentando uma linguagem acessível ao grande público. Foi o primeiro jornal a subsistir com base em anúncios publicitários e a ser vendido nas ruas, por ardinhas.

Eça começou a sua carreira jornalística pouco tempo após o aparecimento deste jornal, em 1866, dirigindo e escrevendo *O Distrito de Évora*. A experiência de Eça n’*O Distrito de Évora* influenciou a sua forma de perspectivar a criação literária, com uma progressiva preocupação de aproximação ao real e uma abordagem de temas que reflectiam os problemas sociais, encarnando ainda o espírito romântico do jornalismo opinativo.

---

<sup>12</sup>, Augusto Abelaira, “É uma notícia!” in Lima, Isabel Pires de (org.), *Retratos de Eça de Queirós: 40 olhares de escritores e artistas sobre a prosa de Eça de Queirós, um dom e dos deuses como a beleza*, Porto, Edição Campo das Letras – Fundação Eça de Queiroz, 2000, p.64.

A relação entre o jornal e o público sofreu também alterações, uma vez que “a imprensa exclusiva ou preponderantemente noticiosa, se é certo que pode esclarecer o leitor acerca de determinado acontecimento, não o ajuda a formar uma posição crítica em face dele. Atendo-se a dados meramente *objectivos*, não se identifica com o pensamento do leitor nem pretende, pelo menos aparentemente, exercer qualquer influência sobre ele.”<sup>13</sup> A imprensa transformou-se numa grande indústria, perdendo, muitas vezes, o seu valor formativo.

Seguindo o exemplo do *Diário de Notícias*, outros jornais foram fundados pelo país. Em Junho de 1875, já haveria em Portugal trinta e três periódicos construídos segundo o modelo do *Diário de Notícias*. Paralelamente a este tipo de jornais, os de carácter político e outras publicações de vários tipos continuaram a existir, mas os jornais mais importantes que se publicavam em Lisboa no ano de 1870 eram: o *Jornal do Commercio*, *A Revolução de Setembro*<sup>14</sup>, o *Diário de Notícias*, o *Diário Popular*, a *Gazeta do Povo* e *A Nação*.

A imprensa periódica oitocentista tornou-se um meio privilegiado de levar a leitura ao povo e de dinamizar a vida cultural do país. O público começa a manifestar uma preferência cada vez maior pela imprensa noticiosa, objectiva, devido à crise ideológica que a burguesia sofreu no final do século XIX. É neste contexto que surge o folhetim: o folhetim série (excertos de obras) e o folhetim crónica (crónica de actualidades). Os leitores burgueses manifestavam um gosto particular por aventuras e histórias de amor, daí que também se justifique o sucesso dos folhetins nos jornais. À medida que se foi enraizando nos hábitos do público urbano, o folhetim conduziu ao surgimento de alguns géneros literários novos, como o romance folhetim, o romance e conto de actualidade, e o romance policial.

Através do folhetim, o jornal passou a ser encarado como uma forma de publicitar obras e lançar nomes de escritores. Por um lado, o romance folhetim garantia ao escritor o conhecimento da sua obra no espaço público. Por outro lado, considerado por muitos como negativo, representava a sujeição da literatura ao espaço fragmentado e periódico da imprensa, assim como a sujeição aos gostos literários do público-alvo, gosto esse muitas vezes de qualidade duvidosa.

---

<sup>13</sup> José Tengarrinha, *ibidem*, p.195.

<sup>14</sup> Por iniciativa de Eça, a produção poética de Fradique Mendes surge, em 29 de Agosto de 1869, neste periódico.

A verdade é que muitos escritores, como Eça de Queirós, submeteram os seus textos à publicação fragmentada, em periódicos, uma forma mais imediata de os tornar conhecidos do grande público e de avaliar o impacto que junto deste poderiam ter. Paralelamente, as revistas literárias, que já existiam no século XVIII e que passaram por um grande desenvolvimento no século XIX, ajudavam a divulgar nomes de autores e obras junto do grande público.<sup>15</sup>

É no período que vai de 1851 a 1890 que surge a imprensa operária, a republicana e a socialista, frutos da liberdade de expressão. É também nesta altura que Eça e Ramalho Ortigão publicam as *Farpas*, criticando de forma irónica as realidades decadentes do país. Eça escreve, a propósito d' *Farpas* e do seu objectivo:

“não são o legitimismo, nem a república, nem o constitucionalismo, nem o sebastianismo. Desejam simplesmente ser a lógica e o bom-senso.”<sup>16</sup>

Considerava ser de grande importância levar a realidade para os periódicos, estudando, traçando o perfil da sociedade e alertando para os seus problemas. Por isso escreve a Luís de Magalhães, de Paris, a 4 de Junho de 1891:

“As suas *Revistas*<sup>17</sup> têm sido excelentes. Esta última, sobretudo, agrada-me consideravelmente. Conhecimento muito exacto das coisas, sentimento muito flagrante das nossas *reais realidades*, desassombro superior em dizer a verdade, penetração que fura para longe, forma de admirável lucidez e precisão – enfim tudo o que faz um bom e sólido estudo, se encontra nessas bem-vindas crónicas.”<sup>18</sup>

Vemos, pois, que o jornalismo que se fez em Portugal no período de oitocentos passou por fases distintas, mas é indubitável que viu a sua força crescer como nunca antes. No final do século XIX, desenvolve-se a reportagem, nova forma

---

<sup>15</sup> No século XIX, é publicada a *Révue de Littérature, Histoire, Arts et Sciences des Deux Mondes*, publicada em 1848 e contando com a pena de Balzac, Renan, Saint-Beuve, Taine e Victor Hugo; na *Nouvelle Révue de Paris*, de 1866, colaboraram Balzac, Flaubert e Lamartine; *La Syrix*, de 1892 e 1894, contou com a participação de André Gide, Eugénio de Castro, Maurras e Paul Valéry, entre outros.

<sup>16</sup> Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.37.

<sup>17</sup> As revistas de política interna publicadas no 3º volume da *Revista de Portugal*.

<sup>18</sup> Eça de Queirós, *Correspondência*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.179.

de fazer jornalismo, logo conquistando o público, pela quantidade de informação que transmite e pela forma viva de comunicar.

Eça de Queirós tentou sempre dignificar o jornalismo, encarando-o como uma forma de reformar a sociedade. Na opinião de Jaime Brasil, se Eça não tivesse optado pela carreira de cônsul e se “tivesse ficado a doutrinar os seus concidadãos na imprensa, por certo imprimiria diferente carácter à sociedade portuguesa.”<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup>Jaime Brasil, “Eça de Queiroz, jornalista” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p.515.



**CAPÍTULO 2**  
**EÇA E O SEU**  
**PERCURSO JORNALÍSTICO**



Paralelamente ao seu desempenho como romancista, Eça de Queirós foi também um grande jornalista do século XIX, funções que, aliás, se vêem complementadas na sua obra ficcional. O seu olhar observador, crítico e mordaz de jornalista sobre a sociedade do seu tempo está bem patente na crítica social que encontramos nos seus romances. Mas foi, de facto, como jornalista que se estreou no mundo das letras, função que exerceu desde a década de sessenta até ao final dos anos noventa, quando cessou a sua colaboração com o jornal brasileiro *Gazeta de Notícias*. Nos jornais, participa como colaborador, correspondente, e neles publica alguma da sua ficção.

Aos vinte anos, publicou o artigo “Notas Marginais”, incluído em *Prosas Bárbaras*, série de folhetins dominicais publicados na *Gazeta de Portugal*, entre 1866 e 1867. Os seus textos revelavam já qualquer coisa de novo, muito característico do escritor e até mesmo extravagante, traços que permaneceriam na sua obra futura, ainda que amadurecidos pela experiência. As *Prosas Bárbaras* eram já “um misto de ficção e crónica”<sup>1</sup>

Os primeiros folhetins de Eça revelam um fundo lírico da sua personalidade. Segundo João Gaspar Simões, “Eça de Queiroz sentia como poeta, mas não lhe era dado verter em verso as emoções que como poeta sentia. Para se exprimir, e exprimir-se fundamente, só a prosa o satisfazia – embora fizesse da prosa um instrumento poético.”<sup>2</sup> Na opinião de João Gaspar Simões, Victor Hugo teria sido a grande influência de Eça para a redacção dos folhetins da *Gazeta de Portugal*. Em “Notas Marginais”, apresenta este lirismo da fase inicial da sua escrita: “o que há de realmente significativo neste poema é a própria conjugação harmónica das palavras: a melodia que elas são em si mesmas, vagas, abstractas, ideais, puramente *fantásticas*, no sentido em que Vico<sup>3</sup> empregava esta palavra tão querida dos seus discípulos inconscientes – Michelet ou Hugo, Heine ou Novalis.”<sup>4</sup>

Algum tempo decorre até que Eça escreva a “Sinfonia da Abertura”, em que revela o mesmo estado de sensibilidade de “Notas Marginais”, continuando em busca da

---

<sup>1</sup> Astrogildo Pereira, “Eça de Queiroz Cronista” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz* ed. cit., p.184.

<sup>2</sup> João Gaspar Simões, *Eça de Queiroz: O Homem e o Artista*, Lisboa, Edição Dois Mundos, 1945, pp.114-115.

<sup>3</sup> Giambattista Vico - nasceu em Nápoles no dia 23 de Junho de 1668. Muito inquieto durante a infância, Vico não conseguiu seguir com regularidade os estudos elementares, abandonando a escola para se dedicar ao estudo solitário; insistindo no autodidactismo, alcançou uma formação cultural muito vasta, abrangendo os principais ramos da Filosofia do seu tempo: a Filosofia Política, a Filosofia do Direito e a Filosofia da História; dedicou-se também às outras áreas do conhecimento, especialmente a Literatura, a Retórica, a Filologia e a História. A pesquisa de Vico teve o propósito de descobrir as origens das coisas humanas, para poder explicar os fundamentos da vida em sociedade, cuja finalidade ultrapassou o intento meramente formal da investigação filosófica. Formulou também a sua crítica às práticas sociais que impedem a efectivação da igualdade e da liberdade.

<sup>4</sup> João Gaspar Simões, *ibidem*, pp.118-119.

expressão certa que servisse os anseios da sua alma. No terceiro folhetim, faz um comentário lírico a *Macbeth*, de Shakespeare, não um estudo sobre o texto, mas uma reflexão acerca da interpretação musical de Verdi, revelando o escritor o seu entusiasmo pela música.

No folhetim seguinte, Eça volta-se para a interpretação crítica. No sumário do folhetim, podia ler-se: “Os grandes aborrecidos – Sem refúgio – O tédio, Pöe, «Flores do Mal»<sup>5</sup>, «Salammbô»<sup>6</sup> – O Egoísmo”. Oito dias depois, publica a “Ladainha da Dor”, sendo o tema fornecido por Berlioz, com as «Soirées de l’Orchestre», e por «Les Nuits Florentines», de Henri Heine. Consagra depois um folhetim à morte, “Os Mortos”, tendo por base o dia dos finados. Segue-se “As Misérias” que, segundo João Gaspar Simões, “devia ser um ciclo de contos sobre a vida rude de certos homens, mas apenas se publicou o primeiro: «Entre a Neve»”<sup>7</sup>.

De seguida, no folhetim que teve como título “Farsas”, procurou ser ainda mais realista do que já fora em folhetins anteriores. Na verdade, “o traço realista aparenta-se aos dos futuros romances da fase naturalista, mas sem finura alguma, sem justeza. Falta-lhe a equilibrada sátira que tempera as suas obras mais escabrosamente realistas.”<sup>8</sup> Em “Ao Acaso”, que nas *Prosas Bárbaras* surge com o título “A Península”, Eça revela já uma maior observação dos factos, e os acontecimentos são descritos de uma forma mais detalhada. No último folhetim de 1866, o escritor faz como que uma reflexão sobre o que é o sonho, o que são as visões, examinando criticamente as suas fantasias e alucinações.

O desejo de se tornar financeiramente independente levou Eça a partir, em Dezembro de 1866, para Évora, a fim de dirigir o periódico bissemanal *O Distrito de Évora*, oposicionista ao Governo. A tipografia, redacção e administração do jornal eram na Praça de D. Pedro, nº3. O primeiro número saiu a 6 de Janeiro de 1867 e era constituído por três páginas de texto e uma quarta de anúncios, todas elas escritas por ele, o que acontecia porque, na época, nos periódicos de pequena expansão, o jornalista era não só o único redactor do jornal, como também o seu director. Aliás, dos cem mil réis que recebia para

---

<sup>5</sup> *Flores do Mal* foi editado em 1857, provocando imediatamente um grande escândalo. Seis poemas do livro foram condenados e proibidos de circular, no dia 20 de Agosto desse ano, pelo tribunal correcional de Paris. Os editores Poulet-Melassis et de Broise tinham no armazém duzentos exemplares aquando da condenação e, para não destruírem os livros, limitaram-se a retirar as páginas dos poemas proibidos. Nasceram assim os exemplares amputados que são disputadíssimos pelos bibliófilos. Em 1992, *As Flores do Mal* foi pela primeira vez publicado integralmente, em edição bilingue, com tradução e introdução de Fernando Pinto do Amaral.

<sup>6</sup> *Salammbô* é o título de um romance histórico de Gustave Flaubert, publicado pela primeira vez em 1862.

<sup>7</sup> João Gaspar Simões, *ibidem*, p.124.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p.126.

despesas de redacção, teria de retirar os seus honorários, pelo que, mandar vir colaboradores seria sacrificar o que ganhava como jornalista.

Em *O Distrito de Évora*, com apenas 21 anos, Eça já reflectia sobre a importância do jornalismo, seus deveres e objectivos sociais. O jornal era por si visto como um meio civilizador, com responsabilidades em todos os sectores da vida social. O jornalismo era entendido por Eça como tendo uma função fortemente pedagógica, educadora. Na opinião de Elza Miné, Eça “focalizou naquela folha alentejana os objectivos e deveres primordiais de um órgão de imprensa, apresentou características da actividade jornalística e traçou as linhas mestras que deveriam pautar o comportamento de um profissional do periodismo, num conjunto de afirmações que tecem, marcadas por certa feição retórica, uma verdadeira proclamação apologética (do jornalismo) e a que subjaz uma convicção plena que é a do seu tempo e de sua geração, no poder mobilizador da palavra.”<sup>9</sup>

No *Distrito*, apresentou também vícios do jornalismo: a superficialidade, a ligeireza, o excessivo poder dos jornais na formação da opinião pública, o facto de os conceitos de fama e heroísmo estarem sujeitos ao que era transmitido pela imprensa. Eça apresentou-se, também, como um resistente à importação de hábitos e costumes anglo-americanos e condenou a linguagem sensacionalista dos jornais. Para Eça, os deveres principais da imprensa seriam informar, interpretar, actuar e intervir, como forma de construir o futuro, uma vez que, na sua opinião, os periódicos teriam capital importância na vida do país, a nível político, moral, religioso, literário e industrial:

“É o grande dever do jornalismo fazer conhecer o estado das coisas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os actos culposos, frouxos, nocivos, velar pelo poder interior da pátria, pela grandeza moral, intelectual e material em presença das outras nações, pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo respeito do direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes.”

---

<sup>9</sup> Elza Miné, *Eça de Queiroz Jornalista*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986, p.15.

A actividade do jornalismo nunca deve abrandar, a sua consciência deve ter sempre o mesmo vigor, a sua pena o mesmo colorido, o seu sentimento moral a mesma justa intensidade.”<sup>10</sup>

Criticou duramente a política governamental e a imprensa do governo, nitidamente parciais. O *Distrito de Évora* era, pois, opositor ao Governo, sendo uma arma do escritor para o combater e apontar tudo o que nele via de errado. Segundo as palavras de Jaime Brasil, “tratava-se, portanto, de bater no Governo, de apontar os malefícios, a estupidez, o ridículo dos homens do Governo.”<sup>11</sup> Contudo, ao contrário do que se possa pensar, não fazia parte dos planos de Eça uma carreira política. Pelo contrário, as suas preocupações como escritor estavam, acima de tudo, relacionadas com a arte de escrever, pois “escrever era, para ele, um fim em si mesmo”.<sup>12</sup> No entanto, como artista, possuía uma intuição instantânea dos elementos que entram na composição do fenómeno político. Denunciou o modo de se fazer política, destacando o jogo de interesses que, por exemplo, caracteriza as relações diplomáticas. Leia-se no nº10, de 10 de Fevereiro, do *Distrito de Évora*:

“ Tudo é representação aparente e movimento teatral na diplomacia moderna.

As questões internacionais, as acções políticas, a história contemporânea, isso é feito e colaborado entre os governos.

As embaixadas fazem parte das cortes, das camarilhas, dos saraus. Os embaixadores representam os reis, não representam o povo. Eles são um resto das velhas camarilhas feudais e católicas.”<sup>13</sup>

O primeiro número do *Distrito de Évora* saiu no dia 6 de Janeiro de 1867. O jornal *Folha do Sul*, que defendia os interesses do partido governamental, tornar-se-ia o opositor do jornal de Eça. Nos primeiros dois meses, ainda consegue apresentar uma fachada literária para o seu jornal, mas assim que a situação política na capital começa a ser

---

<sup>10</sup> Eça de Queirós, *Da Colaboração no «Distrito de Évora» - II (1867)*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.9.

<sup>11</sup> Jaime Brasil, “Eça de Queiroz, jornalista” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, ed. cit., p.512.

<sup>12</sup> Maria Filomena Mónica, *Eça de Queiroz Jornalista*, Cascais, Principia, Publicações Universitárias e Científicas e Associação Portuguesa de Imprensa Não Diária (AIND), 2003, p.9.

<sup>13</sup> Eça de Queirós, *Da Colaboração no «Distrito de Évora» - I (1867)*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.68.

inquietante, a literatura é deixada para segundo plano. De tal modo os artigos de Eça vão ter força na região, que um *Manifesto*, assinado por 637 cidadãos do distrito, verberando o imposto de consumo e as medidas fiscais do Governo, é publicado na primeira página do *Distrito de Évora* de 17 de Março. Contudo, a Câmara dos Deputados acaba por votar por 100 votos contra 47 o imposto de consumo, o que faz rejubilar a *Folha do Sul* que, como vimos, era o concorrente directo do jornal de Eça, e que publicava o que o escritor considerava insultos, em vez de argumentos. A veia política desiludiu-o, mas ganhou a força de que precisava como grande romancista que viria a ser.

De facto, Eça preocupava-se com questões ligadas à justiça, à repressão que os mais fortes faziam sobre os mais frágeis. No nº4 do *Distrito de Évora*, escreve, a propósito: “Em cada cidade, em cada município, em cada povoado, há sempre um grupo de homens que estão longe do povo, dos seus interesses, dos seus tormentos, da sua alma: chama-se a este grupo mundo oficial, camarilha, aristocracia, etc.”<sup>14</sup> Na sua opinião, os mais poderosos desprezavam os populares, fugindo à prática da verdade e da justiça, tão caros ao escritor. A classe política movia-se segundo uma rede de interesses pessoais, que nada faziam ganhar ao país ou à sua massa popular, que tanto necessitava de reformas que tivessem por base mudar as suas condições de vida, nomeadamente as da população alentejana. Por isso, escreve: “O que é necessário é que todos os que amam a justiça se reúnam contra todos os que servem a opressão.”<sup>15</sup>

Eça dividiu *O Distrito de Évora* em várias secções: «Correspondência do Reino», «Leituras Modernas», «Política Estrangeira», «Política Nacional», «Crónica», «Interesse Provincial», «Revista Crítica de Jornais», «Crítica de Literatura e Arte» e «Agricultura, Comércio e Indústria». Publicava a maioria dos artigos sem assinatura. Outros ainda eram assinados com anagramas, nos quais usava “A.Z.”, as últimas letras de “Eça” e de “Queiroz”, ou iniciais avulsas: “A.M”. e “A.G.M”. Segundo João Gaspar Simões, “estes oito meses de vida jornalística provinciana são a verdadeira escola do romancista Eça de Queiroz.”<sup>16</sup>

Na secção “Correspondência do Reino”, Eça escrevia como se estivesse em Lisboa e de lá mandasse as suas impressões da capital, aprendendo a ser descritivo, fiel aos factos, cada vez mais pormenorizado e preciso, qualidades que encontrou em si e que o foram surpreendendo. O último número do *Distrito de Évora* sai a 25 de Agosto.

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, p.13.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.39.

<sup>16</sup> João Gaspar Simões, *ibidem*, p.135.

Eça terá sido convidado por Luís de Resende para uma viagem rumo à inauguração do Canal do Suez. Se tinha ou não possibilidades económicas para realizar esta viagem ficaremos sem saber, embora tenhamos informação de que durante a sua vida viveu sempre acima das suas possibilidades. Ele próprio confirma este facto, por exemplo, numa carta que escreve a Ramalho Ortigão, de Newcastle, a 17 de Janeiro de 1878:

“ Eu, como todo o mundo, tenho um orçamento: - o meu é assim – de um lado os meus rendimentos, do outro as minhas dívidas. (...) é necessário pagar as minhas dívidas, aqui, as dívidas especiais de Newcastle - de que a minha casa e a minha presença são a garantia: e, para isso, seria necessário que eu tivesse de contado de oitocentos mil réis a um conto. É claro isto. Ora é justamente esta soma que eu não tenho - nem um amigo a quem a pedir: aqui só tenho conhecimentos - ou amigos pobres.”<sup>17</sup>

A verdade é que a 23 de Outubro de 1869 partiu para Alexandria. Visitou o Egipto e a Palestina, assistiu à abertura do Canal do Suez e, chegando a Lisboa, fez a reportagem do acontecimento - «De Port-Said a Suez»<sup>18</sup> - , no *Diário de Notícias*. Dessa sua incursão nasceram outros textos, encontrados em Tormes e tornados públicos em 1926 e 1966. Os filhos, Maria e José Maria, encontraram, na mala que viera de Paris após a morte do pai, dois conjuntos de textos. Num debruçava-se sobre o Egipto, e o outro estava dividido em duas partes: uma sobre a Palestina e a outra sobre a Alta Síria. Eça percebe a importância histórica do canal como um dos símbolos do capitalismo do século XIX. Sabia que o Canal do Suez marcava uma etapa política na história do domínio do homem sobre a natureza e na história da economia. Assim, conta o que observou e colheu a respeito do Canal, tal como as ilações que daí retira. Assumindo a posição que podemos considerar de repórter, descreve ao leitor a inauguração do Canal, as dificuldades, o grande projecto que constituiu, os custos que o mesmo envolveu, não esquecendo de referir todo o sacrifício dos trabalhadores. São todos os detalhes que dá, a capacidade de observação, o poder de antevisão dos factos, a análise crítica do que o rodeia que levam a que Eça, como repórter,

---

<sup>17</sup> Eça de Queirós *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.32.

<sup>18</sup> O *Diário de Notícias*, n.º 1507, de 3.ª feira, 18 de Janeiro de 1870, apresentava assim a primeira das quatro crónicas que Eça de Queirós publicaria no jornal nos dias subsequentes.

se coloque, nas palavras de Dalcídio Jurandir, “entre os maiores de todos os tempos”.<sup>19</sup> De facto, Eça procurou sempre fazer um jornalismo que estivesse à altura da sua arte, sempre observador, de espírito crítico aguçado, tentando superar a sua época.

Em *As Farpas*, folhetins publicados com regularidade entre 1871 e 1872, encontram-se os melhores textos jornalísticos da sua juventude, tendo estes sido revistos pelo próprio Eça quando os reuniu em *Uma Campanha Alegre*, em 1890-1891. Perante a Europa industrial e capitalista, Eça “não escondia a revolta pelas condições de vida portuguesa, denunciadas nas *Farpas*, nos romances, em cartas, crónicas, etc.”<sup>20</sup>

Nos textos reunidos em *Uma Campanha Alegre*, critica o estado da nação, a falta de valores, a corrupção política e moral, o mau funcionamento e falta de seriedade das instituições, as condições precárias em que o povo vive, o vazio da vida burguesa, a falta de ideias e o atraso intelectual e cultural da população, nomeadamente dos jovens que parecem viver na inércia. Numa carta a João Penha, assim se refere ao projecto que então começava:

“As «Farpas» são pois o *trait*, a pilhéria, a ironia, o epigrama, o ferro em brasa, o chicote – postos ao serviço da revolução.”<sup>21</sup>

Escreve também sobre os problemas económicos do país, associados à crise do comércio e da indústria e a uma descrença na instituição do Estado:

“O País perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direcção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarnekida. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Já se não crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos vão abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas ideias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso.

---

<sup>19</sup> Dalcídio Jurandir, “Eça de Queiroz, Repórter” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, ed. cit., p.202.

<sup>20</sup> Astrogildo Pereira, *loc. cit.*, p.224.

<sup>21</sup> Eça de Queirós, *Cartas e Outros Escritos*, ed. cit. p.7.

Perfeita, absoluta, indiferença de cima a baixo! Todo o viver espiritual, intelectual, parado. O tédio invadiu as almas. A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. A ruína económica cresce, cresce, cresce... O comércio definha. A indústria enfraquece. O salário diminui. A renda diminui. O Estado é considerado na sua acção fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo.”<sup>22</sup>

Em Dezembro de 1874, Eça partiu para Newcastle. A 14 de Abril de 1877, começou a escrever para o *Actualidades*, periódico do Porto, os textos que, publicados postumamente, se viriam a chamar *Crónicas de Londres*. Entre Abril de 1877 e Maio de 1878, Eça de Queirós publicou 15 artigos no jornal *Actualidades*. Eram crónicas em que se debruçava sobre variados temas, deixando sempre bem demarcada a sua posição acerca da realidade em seu redor. As *Crónicas de Londres* tratam de quatro tópicos principais: política, sociedade, novidades teatrais, literárias e musicais, e aquele tópico a que se pode dar o nome de “várias” ou “curiosidades”. O cronista pretendia assim informar, comentar, escrevendo acerca de assuntos mais sérios, ao mesmo tempo que usava uma linguagem irónica, por vezes até mesmo sarcástica, que diverte o leitor. Parte da observação de factos do quotidiano que chamavam a sua atenção para realidades maiores, comenta também notícias dos jornais e revistas inglesas que lia.

Relativamente à política externa, Eça desenvolve aspectos relacionados com manifestações reivindicatórias da classe operária, os motins americanos e a fome na Índia. No que diz respeito à política interna, poucas considerações teceu, exceptuando a demissão do ministro do exterior, Lord Derby, e casos particulares da vida política inglesa. O escritor não se restringiu a contar os factos. Na verdade, “levantou as opiniões por eles suscitadas e dos factos e opiniões deu seu juízo.”<sup>23</sup>

Considerando agora a secção destinada à sociedade, Eça escrevia sobre a vida da aristocracia e da família real, descrita de forma irónica. Relativamente às *notícias literárias e artísticas*, debruça-se sobre vários aspectos: breves notícias de novas publicações; crítica de um *best-seller* da época; comentários de ordem geral, como é o caso dos redigidos acerca da produção literária produzida em Inglaterra. Dentro destes últimos, podemos incluir os comentários à literatura de Natal. Finalmente, na secção *várias* ou *curiosidades*,

---

<sup>22</sup> Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp.9-10.

<sup>23</sup> Elza Miné, *ibidem*, p.57.

Eça escreve acerca de tudo o que pode ser alvo de interesse jornalístico, como a morte de alguém amplamente conhecido, uma catástrofe, acontecimentos ligados ao crime, invenções, proezas. Simultaneamente, é comum aqui encontrarmos críticas à instituição da Igreja.

O seu destino seguinte seria Bristol, local de onde passou a colaborar em jornais mais importantes. Foi também no contexto da sua convivência com o universo britânico que começou a publicar, a 24 de Julho de 1880, as conhecidas *Cartas de Inglaterra*<sup>24</sup>, para a *Gazeta de Notícias*, periódico sediado no Rio de Janeiro, onde viria a publicar as obras *A Relíquia*, *A Correspondência de Fradique Mendes* e *O Defunto*. Esta colaboração teria a duração de dezasseis anos. A *Gazeta de Notícias* tinha sido fundada em 1875 e representava “uma grande inovação na imprensa brasileira, barateando-a, inaugurando a venda avulsa na via pública, pondo enfim o jornal mais ao alcance directo do povo, no seu aspecto leve e alegre, sem prejuízo da feição doutrinária.”<sup>25</sup> Desde cedo este periódico se destacou, já que nele colaboraram nomes como Machado de Assis, Eduardo Prado, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, entre outros. Foi principalmente graças ao grande sucesso de *O Primo Basílio* no Brasil que Eça terá sido contratado por Ferreira de Araújo para colaborar na *Gazeta de Notícias*.

Nestes textos, Eça foca aspectos do quotidiano inglês e questões de índole política, nomeadamente o imperialismo, que critica duramente. As suas crónicas são de cunho descritivo e, ao mesmo tempo, de crítica social a aspectos particulares da sociedade britânica. As cartas facilitam uma leitura da Inglaterra vitoriana, segundo a perspectiva de Eça.

A colaboração de Eça para a *Gazeta de Notícias* insere-se em secções fixas sob diversos títulos: «Notas Contemporâneas», «Colaboração Europeia», «Cartas de Paris e Londres», «Ecos de Paris», «Cartas Familiares de Paris», «Bilhetes d’aquém-mar, «Bilhetes de Paris». Na *Gazeta*, Eça foi também o responsável pela criação do seu «Suplemento Literário», do qual foram publicados seis números. A estrutura do Suplemento “aparenta-o com o esquema básico de muitas das revistas ilustradas tão em voga no último quartel do século XIX, em que, de uma maneira leve, se ministrava ao leitor um pouco de «instrução e recreio» para retomar a expressão do próprio Eça, no artigo de

---

<sup>24</sup> Actualmente, estes textos estão reunidos num volume da edição crítica, da responsabilidade de Elza Miné e Neusa Cavalcante: *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós – Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

<sup>25</sup> Manuel Bandeira, “Correspondência de Eça de Queiroz para a imprensa brasileira” in Lúcia Miguel Pereira Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, ed. cit., p.168.

apresentação do Suplemento, ao caracterizar a Europa.”<sup>26</sup> No Suplemento, dedicou espaço às artes plásticas, à música, à literatura, às variedades e à ciência. De 1883 a 1886, a correspondência interrompeu-se, uma vez que Eça estava a escrever o romance *A Relíquia*, que viria a ser publicado na *Gazeta* de 24 de Abril a 10 de Julho de 1887.

Transferido do consulado de Bristol para o de Paris, Eça continuou a mandar as suas correspondências para o Rio de Janeiro, as quais foram mais tarde compiladas em diversos volumes. Em Paris, encontrou muitos assuntos sobre os quais se debruçou nas suas crónicas, desde os mais graves aos mais grotescos. Nos textos recolhidos postumamente sob o título «Ecos de Paris», por exemplo, vemos narrados acontecimentos como as Festas Russas em Paris para a recepção do Czar, o assassinato de Cánovas<sup>27</sup>, a revolta dos estudantes, entre outros.

Eça escrevia para jornais portugueses, regra geral, a partir do estrangeiro, o que lhe concedia uma visão global da imprensa internacional, em particular a francesa e a inglesa, e do que acontecia política e socialmente na Europa. Desta forma, avaliava a sua pátria como um observador externo a muitos dos factos aí passados, perspectivando-os em comparação com outros países europeus, mais desenvolvidos e civilizados. Eça criticava todos aqueles que viviam à sombra do passado *glorioso* de Portugal, estagnados no tempo. Na sua opinião, eram estes os que, sendo aparentemente bons patriotas, na verdade não contribuíam para a evolução da nação. Cada vez mais crente no Realismo que defendia, ansiava por um país que encarasse os seus problemas de frente, de modo a arranjar soluções e a tornar-se mais forte e mais culto.

Em 1888, começou a publicar em *O Repórter*, dirigido por Oliveira Martins, *As Cartas de Fradique Mendes*, tendo a sua colaboração cessado com a saída de Oliveira Martins da redacção, em 1889. Tal como descreve Eça, Fradique era um aventureiro, atormentado diante das injustiças sociais e da decadência da sociedade lusitana. Mas, como afirma Dalcídio Jurandir:

“estamos em pleno domínio da ironia, do diletantismo, do cepticismo, com que o escritor exhibe a sua posição dentro do «estancamento burguês».”<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*, Ed. crítica de Elza Miné e Neusa Cavalcante, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, p.23.

<sup>27</sup> O primeiro-ministro espanhol Antonio Cánovas foi assassinado por um militante anarquista italiano, Miguel Angiolillo, a 8 de Agosto de 1897.

<sup>28</sup> Dalcídio Jurandir, *ibidem*, p.221.

Veja-se, a título de exemplo, uma carta a Madame de Jouarre, na qual Fradique caracteriza de forma irónica um comendador que teria uma existência tranquila, preocupado apenas consigo mesmo, indiferente aos problemas sociais:

“O universo, para o comendador Pinho, consta de duas entidades – ele próprio, Pinho, e o Estado que lhe dá os seis por cento: portanto o universo todo está perfeito, e a vida perfeita, desde que Pinho, graças às águas de Vidago, conserve apetite e saúde, e que o Estado continue a pagar fielmente o cupão.”<sup>29</sup>

*As Cartas de Fradique Mendes* apresentam também uma reflexão crítica, ou uma caracterização ajuizadora: sobre a imprensa e a prática jornalística, sobre o clero, sobre a vida no campo.

Em 1889, em Paris, Eça de Queirós manifesta o desejo de fundar uma revista capaz de impressionar a Europa. No entanto, devido a problemas de ordem financeira, teve de imprimir a revista não em Paris, como gostaria, mas sim no Porto. Nascia a *Revista de Portugal*, cujo primeiro número saiu em Julho de 1889, vendendo 3000 exemplares, o que não aconteceu com as vendas seguintes, que não chegaram aos 1000 exemplares. Na *Revista* participaram nomes como os de Teófilo Braga, Moniz Barreto, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Alberto de Sampaio, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Luís de Magalhães, etc.

Quando Eça quis fundar a *Revista de Portugal*, preocupava-o a criação de um periódico capaz de reformar mentalidades, de elevar de novo o país, melhorar a sua reputação em relação ao resto da Europa, nomeadamente a nível cultural. A revista tinha uma colaboração seleccionada em áreas diversas, desde a Filosofia, a História, passando pela Crítica, pela Economia, até à Arte, à Literatura e à Sociologia. Escreve, a propósito da *Revista*, a Oliveira Martins, de Londres, a 15 de Agosto de 1888:

“Eu desejo fazer dessa publicação tudo que há de melhor, em todas as especialidades, e mostrando enfim que Portugal não é tão estúpido como por aqui se pensa.”<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp.179-180.

<sup>30</sup> Eça de Queirós, *Cartas e Outros Escritos*, ed. cit., p.14.

De facto, esta publicação foi idealizada por Eça para servir como espaço de debates de ideias, elevando o espírito crítico ao seu carácter construtivo. Essas características deveriam “contribuir para a análise das grandes questões sociais, económicas, políticas e culturais que interessavam a um Portugal em crise de confiança e quase decadente.”<sup>31</sup>

Em 1890, na mesma revista, publica uma tradução de *As Minas de Salomão*, de Henry Rider Haggard. Dá ainda início a um ciclo de «Notas do mês», sob o pseudónimo de João Gomes, que põe em crónica a actualidade política, e escreve um artigo a propósito da morte de D. Luís, em que afirma a sua adesão à conservação do *status* monárquico.

Entretanto, os colaboradores da revista começaram a falhar, levando Eça a desempenhar múltiplas funções. A revista foi extinta em Maio de 1892, tendo ao todo sido publicados vinte e quatro números. A falta de funcionalidade do organigrama da revista, tendo a direcção fixada em Paris, onde Eça tinha a sua residência, o secretariado em Lisboa e o trabalho tipográfico no Porto, contribuiu para que o periódico tão ambicionado por Eça tivesse uma vida breve.

Curiosamente, esta preocupação de fundar uma revista que tivesse impacto no continente europeu transparece, por exemplo, no romance *Os Maias*, quando Carlos e Ega (por muitos considerado alter-ego de Eça) reflectem a vontade de criar “uma revista, que dirigisse o gosto, pesasse na política, regulasse a sociedade, fosse a força pensante de Lisboa...”.<sup>32</sup> As personagens mostram um grande desejo de concretização dos seus planos, sonhando com todos os pormenores do periódico, e revelando-os a Afonso da Maia, que, com tanto entusiasmo, pensava já em contribuir para o sucesso da revista:

“E ao almoço, com efeito, para justificar as suas ocupações em Lisboa, falaram da revista como se ela já estivesse organizada e os artigos a imprimir na oficina – tanta foi a precisão com que lhe descreveram as tendências, a feição crítica, as linhas de pensamento sobre que ela devia rolar...”.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Carlos Reis, *Eça de Queirós: a escrita do mundo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, Edições Inapa, 2000, p.81.

<sup>32</sup> Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.129.

<sup>33</sup> *ibidem* p.565.

Em 1897, Eça foi um grande colaborador da *Revista Moderna*, periódico editado em Paris, por Martinho Carlos de Arruda Botelho. Na teoria, o director era Botelho, mas na prática quem tudo fazia era Eça de Queirós. Entre Maio desse ano e Abril de 1899, a revista publicou trinta números. É nesta altura que Eça começa a publicar, em folhetins, *A Ilustre Casa de Ramires*. Colaborou ainda pontualmente com jornais como *O Atlântico*, *a Ilustração* e *O Tempo*.

A carreira jornalística de Eça de Queirós é indissociável da sua ficção, uma vez que transportou para o universo ficcional as suas preocupações sociais, políticas, o seu sentido crítico apurado, não só acerca de assuntos relativos a Portugal, como também sobre questões de ordem internacional. Como escreve Maria Filomena Mónica, “poucos jornalistas existiram, ao tempo, capazes de escrever como ele. A sua prosa era soberba, a sua cultura acima do vulgar, a sua lucidez incomparável.”<sup>34</sup>

Aliás, ao tornar-se romancista, nunca deixou de lado o jornalismo, uma vez que continuou a sua saga como crítico mordaz da sociedade em que vivia. Esta acumulação das funções de jornalista e escritor era comum na Europa do século XIX, influenciando a forma como o jornalismo era feito e determinando até a sua evolução. Eram os escritores que dirigiam e redigiam os periódicos, uma vez que a profissão de jornalista só veio a ser realmente autónoma no final do século XIX, com os Congressos Internacionais da Imprensa<sup>35</sup> e a criação de sindicatos e associações profissionais. No contexto da literatura portuguesa, juntam-se a Eça neste caminho jornalístico nomes de escritores portugueses como Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco e Feliciano de Castilho, por exemplo, e também de escritores franceses como Balzac, Vitor Hugo e Zola, entre outros.

Apesar de sabermos que o jornalismo foi, durante muito tempo, uma forma de conseguir proventos para manter o seu *status*, Eça era indubitavelmente apaixonado pelo que fazia. Foi “um jornalista de raça, isto é: de temperamento, de vocação, de amor apaixonado pelo ofício.”<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Maria Filomena Mónica, *ibidem*, p.44.

<sup>35</sup> A 26 de Setembro de 1898, realizou-se em Lisboa, na Sociedade de Geografia, o Sétimo Congresso Internacional da Imprensa.

<sup>36</sup> Jaime Brasil, *ibidem*, p.510.



## **CAPÍTULO 3**

# **O OLHAR CRÍTICO DE EÇA SOBRE A IMPRENSA DO SEU TEMPO**



Já em *O Distrito de Évora*, Eça de Queirós assume o papel de um jornalista crente na força da sua função, acreditando que a mesma teria o poder e a obrigação de formar a sociedade, através do carácter pedagógico que acreditava estar na posse da imprensa. Na opinião deste grande vulto da literatura, o jornalismo deveria ter “um só pensamento, o interesse público, o ideal social e deve[ria] ficar só com a rigidez da verdade e da justiça, pois que tem por fim fazer triunfar o bem”.<sup>1</sup>

Eça de Queirós percebia a força social e cultural que representava o jornalismo no século XIX, preocupando-se com a vertente pedagógica que a imprensa poderia e deveria ter relativamente à construção de uma nova mentalidade no seio da sociedade portuguesa de oitocentos. Desta forma, entendia o jornalismo como uma função de responsabilidade social, não deixando, porém, de observar que a ética jornalística era muitas vezes subvertida. Mesmo sendo jornalista, não hesitou em criticar os defeitos da sua classe, em escrever “contra o mau jornalismo as páginas candentes que escreveu. Só os do ofício conhecem os podres e mazelas da imprensa corrupta e mesquinha, e sofrem com isso.”<sup>2</sup>

Esta dupla perspectiva da imprensa - de valorização e, simultaneamente, de crítica - não foi exclusiva de Eça. Nomes como Balzac<sup>3</sup> e Zola<sup>4</sup> podem ser associados ao jornalismo francês e à análise que do mesmo foram capazes de fazer.

No *Distrito de Évora*, o autor tece considerações sobre a prática do jornalismo e os seus deveres perante a sociedade. Defende um jornalismo de carácter interventivo, tendo sempre em consideração o interesse público. Assim, numa das secções do periódico, a «Revista Crítica dos Jornais», dá a conhecer ao leitor o que julgava que deveria ser o bom jornalismo, revendo exaustivamente a produção de outros periódicos locais. Refere também o papel importante do jornalista, como aquele que acorda consciências, colocando em relevo o facto de que o bom jornalista não deve procurar a glória ou a imortalidade, como acontece em outros ofícios. Pelo contrário, deve ser fiel às suas crenças, mesmo sabendo que o pedaço de papel onde escreve com dada

---

<sup>1</sup> Eça de Queirós apud Elza Miné, *Eça de Queiroz Jornalista*, Lisboa, 1986, 2ª Edição, p.16.

<sup>2</sup> Jaime Brasil, “Eça de Queiroz, jornalista” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p.517.

<sup>3</sup> Também na ficção, Balzac se relaciona com a imprensa, descrevendo-a em pleno desenvolvimento e, por estar aliada ao capital financeiro, muitas vezes alheia ao interesse público. Veja-se, a título de exemplo, o romance *Ilusões Perdidas*. A obra relata episódios da vida do poeta provinciano Lucien de Rubempré que, em Paris, obtém sucesso quando entra no mundo do jornalismo. No entanto, cai em desgraça, em boa parte pelos próprios poderes ambivalentes da imprensa.

<sup>4</sup> Inicia-se no ramo jornalístico escrevendo colunas para os jornais *Cartier de Villemessant's* e *Controversial*. Os seus textos não poupavam críticas severas a Napoleão III.

frequência é efêmero, e o novo dia trará novas ideias, novas palavras, novos textos. O jornalista luta diariamente pelo seu lugar na construção social em que se insere, nunca devendo desanimar com os obstáculos que se colocam no seu caminho. Assim define a complexidade das funções do bom jornalista:

“Há homens, há trabalhadores de ideias, filósofos, que fazem o mesmo áspero trabalho incessante; mas estes têm a glória, que é como um bálsamo divino derramado nos seus cansaços.

O jornalista não: trabalha, luta, derrama ideias, sistemas, filosofias sociais e populares, estudos reflectidos, improvisações, defesas eloquentes, nobres ataques da palavra e da ideia; pois bem, tudo isto passa, morre, esquece; aquela folha delgada e leve onde ele põe o seu espírito, a sua ideia, a sua alma, perde-se, desaparece, some-se, sem esperanças de vida, de duração, de imortalidade, como uma folha de árvore ou como um trapo arremessado ao monturo.

E no meio desta luta perpétua, destas inquietações da alma, destes esgotamentos da vida e da seiva moral, não lhe é permitida ao menos a espontaneidade do espírito, da ideia, das palavras. Tem de se conter: tem graves obrigações impostas pela consciência própria e por aquela posição onde é contemplado e vigiado. Nunca deve perder a atitude do bem, da justiça, da verdade, da oposição serena.”<sup>5</sup>

O verdadeiro jornalismo, para Eça, deveria ser imparcial, e o bom jornalista deveria servir não os seus interesses pessoais, mas sim o ideal de reforma social. Na *Correspondência de Fradique Mendes*, numa carta a Bento de S., critica o mau jornalismo, apresentando os seus principais defeitos. Em primeiro lugar, refere que a Imprensa, com a sua maneira superficial e leviana de julgar e descrever o que observa e, muitas vezes, o que nem consegue comprovar, enraizara na sociedade o hábito dos juízos ligeiros:

---

<sup>5</sup> Eça de Queirós, *Da Colaboração no «Distrito de Évora» - I (1867)*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp.10-11.

“E quem nos tem enraizado estes hábitos de desoladora leviandade? O jornal - o jornal, que oferece cada manhã, desde a crónica até aos anúncios, uma massa espumante de juízos ligeiros, improvisados na véspera, à meia-noite, ente o silvar do gás e o fervilhar das chalaças, por excelentes rapazes que rompem pela redacção, agarram uma tira de papel, e, sem tirar mesmo o chapéu, decidem com dois rabiscos de pena sobre todas as coisas da Terra e do Céu.”<sup>6</sup>

De seguida, apresenta uma característica da imprensa que considera ainda mais desprezível. Trata-se do facto de servir de veículo à vaidade, escrevendo Fradique que “o jornal é com efeito o fole incansável que assopra a vaidade humana, lhe irrita e lhe espelha a alma”<sup>7</sup>. De facto, muitos usavam o jornal como forma de auto-publicidade, como meio de sentir o seu estatuto social elevado, ao ver o seu nome escrito nas páginas de um periódico. O que levava a que os periódicos se tornassem num meio de divulgar nomes e o que determinados indivíduos faziam: viagens, debutes, aniversários, festas, etc. Mais uma vez, o verdadeiro papel da imprensa é deixado para segundo plano, tendo alguns periódicos a função básica de divulgar factos quotidianos de personalidades conhecidas da sociedade, o que em nada contribuía para a vertente pedagógica da imprensa, defendida pelo escritor, mesmo quando escrevia para os leitores do Brasil, uma vez que “não ia com o seu temperamento a tarefa semanal de pôr os leitores “ao corrente dos *fait divers* de Londres e Paris.”<sup>8</sup>

Por último, tem em consideração aquele que considera o derradeiro pecado da imprensa: a intolerância. O escritor quer com isto dizer que um jornal pode desencadear conflitos, escondido atrás de uma bandeira de imparcialidade, avivando todos os ódios que lhe convém avivar, “destila[ndo] intolerância, como um alambique destila álcool”.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.217.

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p.219.

<sup>8</sup> Manuel Bandeira, “Correspondência de Eça de Queiroz para a imprensa brasileira” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p.180.

<sup>9</sup> Eça de Queirós, *ibidem*, p.223.

Nas *Farpas*,<sup>10</sup> vários comentários são tecidos acerca dos jornais da época. Escreve sobre a divisão da imprensa entre periódicos noticiosos e políticos, referindo os últimos como parciais na apreciação dos factos. Jornais diferentes apoiam políticos, partidos diferentes. Quase todos os jornais descrevem a mesma realidade, mas da perspectiva política que mais lhes convém.<sup>11</sup> Eça refere-se, por exemplo, ao *Jornal do Comércio*, como republicano, representante da burguesia liberal e, assim, “dizia aos tiranos coisas desagradáveis que deviam magoar Napoleão III<sup>12</sup>, o defunto Calígula<sup>13</sup>, e outros ex-opressores.”<sup>14</sup>

Quanto aos jornais noticiosos, num artigo de Fevereiro de 1872, retrata diferentes formas de narrar os acontecimentos pelos diversos periódicos, acabando por a verdade ficar perdida algures no meio de tanta informação diversa. As palavras são de tal forma manipuladas que se esquece a simplicidade que bastaria para ilustrar a realidade. É o caso da descrição da visita do imperador do Brasil a Alexandre Herculano pelos diversos periódicos:

“ O *Diário de Notícias* diz que o imperador foi à *mansão* do Sr. Herculano.

O *Diário Popular*, ao contrário, afirma que o Imperador foi ao *retiro* do homem eminente que...

(...) Uma correspondência para um jornal do Porto afiança que o Imperador foi ao *aprisco* do grande, etc.

(...) Ora, no meio disto, uma coisa terrível se nos afigura: é que Sua Majestade se esqueceu de ir simplesmente a *casa* do Sr. Alexandre Herculano!”<sup>15</sup>

---

<sup>10</sup> Utilizamos, neste trabalho, os textos que o próprio Eça de Queirós seleccionou da sua colaboração n’*As Farpas* e publicou em 1890-1891, sob o título de *Uma Campanha Alegre*.

<sup>11</sup> Veja-se a descrição detalhada que Eça faz da imprensa política e do seu processo de julgar as pessoas em *Uma Campanha Alegre*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, pp. 17-19.

<sup>12</sup> Foi presidente e posteriormente imperador da França (1852-1870).

<sup>13</sup> Refere-se a Caio Júlio César Augusto Germânico, imperador romano de 16 de Março de 37 até o seu assassinato, em 24 de janeiro de 41. Ficou conhecido pela sua natureza extravagante, por vezes cruel, e foi assassinado pela guarda pretoriana em 41, aos 29 anos. A alcunha *Calígula* foi dada pelos soldados das legiões comandadas pelo pai, que achavam graça vê-lo mascarado de legionário, com pequenas *caligae* (sandálias militares) nos pés. Existem poucas fontes sobreviventes que descrevam o seu reinado, nenhuma das quais o refere de maneira favorável; pelo contrário, as fontes centram-se na sua crueldade e tirania.

<sup>14</sup> Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, ed. cit., pp.34-35.

<sup>15</sup> *Ibidem*, pp.303-304.

Eça de Queirós salienta também, nas *Farpas*, situações particulares de periódicos, que critica. É o caso da publicação, no *Diário Popular*<sup>16</sup> de 24 de Junho de 1871, de uma declamação de amor de um poeta a uma mulher, na qual é escrito que “a missão da arte é ensinar a amar”<sup>17</sup>, e que “a arte nada tem com os direitos civis”<sup>18</sup>. O colaborador d’*As Farpas* sente-se indignado com estas ideias, expostas no poema. Considera que, se um homem pobre vai para a cadeia ou tem de pagar avultada multa, se por acaso disser uma praga na rua, também um poeta lírico, que publica num jornal o que Eça considera desonestidades, deveria ter o mesmo julgamento, e nunca semelhante texto deveria constar de um jornal:

“Como se consente então a sua publicação em verso? (...) porque há-de ser permitido que um poeta, com as suas endechas podres, perturbe o pudor e a tranquilidade virgem?”<sup>19</sup>

A crítica ao Romantismo presente neste excerto abunda, como sabemos, em tantos outros textos de Eça e nos seus romances: é, pois, natural a perspectiva segundo a qual o jornal deva conceder espaço a um discurso que retrate a sociedade ao invés de pintar uma ilusão desta. Os jornais ofereciam ao leitor textos que reflectiam o Romantismo ou até mesmo o Ultra-Romantismo, tornando-o sentimentalista, saudosista, em vez de criar um espírito combativo e uma capacidade de análise crítica. Vejamos, por exemplo, o caso da personagem Alencar, d’*Os Maias*, representante desta corrente literária na obra, e que encontra nos periódicos uma forma de publicar a poesia que faz para Raquel Cohen: “Tu viste há tempos, no «Diário Nacional», os versos que lhe fiz?”<sup>20</sup>

Continuando nas *Farpas*, encontramos um texto que Eça escreve contra *Nação*<sup>21</sup>. Nele, afirma que o periódico vive no passado, recusando-se a aceitar a realidade do presente. No mesmo artigo, simula, ironicamente, como seria a descrição de um baile pela *Nação*, e ainda faz o leitor rir quando afirma que este jornal,

---

<sup>16</sup> O *Diário Popular* foi um jornal diário lisboeta, de grande tiragem nacional. Publicou-se entre 1943 e 1991.

<sup>17</sup> Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, ed. cit., p.66.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.67.

<sup>20</sup> Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.179.

<sup>21</sup> Periódico de linha conservadora, da época do Segundo Reinado, no Brasil, foi fundado e dirigido por Ferreira de Aguiar.

respondendo a um artigo de Antero de Quental, o caracterizou de *fariseu* “arrastando por entre a multidão a fímbria da sua toga.”<sup>22</sup> Escreve Eça a propósito do periódico:

“Nação, Nação, boa amiga, não nos queiras mal! (...) Estás apodrecida, cheia de algas, de conchas, de crostas de peixes, mas não andaste no ludíbrio de todas as ondas e na camaradagem de todas as espumas! Tu eras excelente - se fosses viva. Mas és um jornal *sombra*. És tão viva como *Eneias*. Tão contemporânea como *Telémaco*.”<sup>23</sup>

Eça apresenta ainda casos de reacções de jornais a artigos escritos por si ou por Ramalho Ortigão. É o que acontece com *O Clamor do Povo*<sup>24</sup>, que censurou *As Farpas* devido a um artigo acerca da condessa de Teba<sup>25</sup>. O jornal chama a atenção para o facto de a condessa ser uma pobre senhora desgraçada, sem ninguém que a defenda. O escritor responde, afirmando que os jornais franceses se queixavam de que, pelo contrário, a condessa teria quem a defendesse de mais. Refere, além disso, que quando passara em Lisboa, a condessa não mostrara sinais dessa fragilidade e desgraça apontadas pelo periódico:

“*O Clamor do Povo* pinta, com grande sensibilidade, a senhora condessa de Teba usando, depois de destronada, uma coroa de espinhos. Não vimos. S. Ex.<sup>a</sup>, quando passou em Lisboa, levava apenas um elegante chapéu branco, evidentemente saído dos *ateliers* de madame Julie, em Bond-Street.”<sup>26</sup>

Também num texto publicado em Dezembro de 1872, Eça é sarcástico relativamente ao jornal *Bem Público*, de cariz marcadamente católico, que criticara fortemente três artigos das *Farpas*. O escritor recorre a uma crítica mordaz quanto ao papel castrador da Igreja no que toca à liberdade de expressão da imprensa, e sublinha o facto de este jornal, como outros da mesma espécie, utilizarem as suas publicações para

---

<sup>22</sup> Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, ed. cit., p.81.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p.82.

<sup>24</sup> Jornal democrata cristão, fundado e dirigido por Casimiro Rodrigues de Sá, Abade de Padornelo, freguesia do concelho de Paredes de Coura.

<sup>25</sup> Refere-se a Eugénia de Montijo, 19ª Condessa de Teba e esposa de Napoleão III.

<sup>26</sup> Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, ed. cit., p.198.

transmitir ideias convenientes à Igreja Católica, muitas destas, segundo a opinião de Eça, torpes e ultrapassadas. O cronista deixa o seu conselho ao jornal:

“Contenta-te em ser um jornal boa pessoa, pesadote e pacatote - e a ter o inteiro aplauso de antigos egressos. Mas não venhas interpor-te no nosso caminho. Toma ao teu canto o teu rapé, e usa em silêncio a tua flanela. E serás grande, ó *Bem!* Ó bom *Bem!* Ó *Bem* bom! Bum!”<sup>27</sup>

Quanto à relação entre o jornalismo e a política, o escritor chama a atenção para os ataques que os jornais políticos fazem uns aos outros, perdendo a sua função principal no meio de insultos que são mutuamente lançados. Afirma que estes periódicos atacam sistematicamente os políticos da facção oposta, mas utilizando todos as mesmas fórmulas, o que, na opinião do cronista, os inutiliza, e demonstra que precisam de uma nova orientação:

“Se um fala verdade, todos a falam. Se um a falseia, todos a falseiam. Portanto ou tendes de aceitar a vossa condenação, ou tendes de confessar a vossa falsidade.

Qual é a conclusão? A necessidade de uma propaganda nova. É o que a imprensa está pedindo há longo tempo”.<sup>28</sup>

Por fim, refira-se ainda a diferença apontada entre os jornais portugueses e franceses, em época de eleições:

“Todos os jornais, na época de eleições, têm os seus candidatos predilectos. Os jornais franceses lançam os nomes desses, à adesão pública, no alto da página, em tipo enorme. Os jornais portugueses é numa prosa dormente que os aconselham, com recato.”<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> *Ibidem*, p.246.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p.38.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p.49.

Será mais tarde, vivendo durante algum tempo em solo britânico, que terá oportunidade de se debruçar, de forma atenta e sistemática, sobre artigos publicados no *Punch*, no *Tun*, na *Whitehall Review*, na *Vanity Fair*, no *Daily Telegraph*, na *Saturday Review*, no *Athenaeum*, no *Times*, no *Standard*, ou no *Spectator*. Assim, podemos constatar que “Eça de Queirós manteve contacto directo com um amplo leque em termos de publicações periódicas em Inglaterra”.<sup>30</sup>

Deste contacto, nascem vários juízos valorativos que tece sobre os assuntos tratados na imprensa britânica, assim como os procedimentos jornalísticos da mesma, como é o caso da “ausência de sentimento da proporção das coisas”.<sup>31</sup> Desta forma, e tomando como exemplo o *Times*, não raras vezes ridiculariza as afirmações contidas neste periódico. A marca da sua ironia aparece, também, no sentido de demarcar a sua opinião relativamente aos factos noticiados. É comum aproveitar textos da imprensa britânica para criticar a ambição imperialista inglesa e os seus métodos, não esquecendo de apresentar a sua oposição face ao moralismo inglês, encarnado no *Times*.

Chega mesmo a descrever divertidamente uma partida feita a este periódico que, tendo uma reputação de tão alto gabarito, acabou por ser vítima de uma brincadeira que se baseou na alteração da informação que constava num determinado artigo. A forma como narra o episódio faz o leitor imaginar o riso do próprio escritor ao escrever acerca do acontecido, pelo insólito e inédito da situação:

“Nunca, decerto, desde a invenção da imprensa, aconteceu um jornal publicar, na sua melhor página, em letras salientes, doze linhas imundas de desbragada obscenidade; e ser o «Times», o primeiro que o fez, o «Times», o mais pesado, mais moroso, mais solene, mais pedagógico, mais reverente de todos os jornais que têm existido desde a invenção da imprensa – é, digam o que disserem, divertido.”<sup>32</sup>

Eça explica que, mesmo os jornais europeus mais prestigiados cometem erros, fruto do desconhecimento face ao que verdadeiramente se passa em outros países. A

---

<sup>30</sup> Elza Miné, op. cit., pp. 23-24.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p.27.

<sup>32</sup> Eça de Queirós, *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d., p.190.

propósito, relembra um artigo do *Fígaro*, relativamente aos filhos das famílias aristocratas portuguesas, no qual se afirma como um facto aquilo que Eça sabe não corresponder à verdade:

“Lembrarei apenas que, ainda não há uma semana, o articulista encarregado no «Fígaro» de criticar cada dia os acontecimentos políticos da Europa, e que, portanto, deve conhecer a Europa, estudando a situação política de Portugal, afirmava, e com soberba certeza, que «em Lisboa os filhos das mais ilustres famílias da aristocracia se empregavam como *carregadores da alfândega*, e ao fim de cada mês mandavam receber as soldadas pelos seus *lacaïos*»! Estes herdeiros das grandes casas de Portugal, carregando pipas de azeite e fardos de café no cais da alfândega, e conservando todavia os criados de farda para lhes ir receber o salário – formam um quadro simplesmente portentoso. Pois quem o traça é o «Fígaro», um dos mais considerados jornais de Paris, e um dos que tem um pessoal mais largo e mais remunerado.”<sup>33</sup>

A função de Eça como correspondente internacional abriu o seu campo de visão para a imprensa, agora não só nacional, mas europeia. Aliás, Eça escreveu no estrangeiro textos que representam talvez o melhor do seu jornalismo, as impressões que ficou do mundo em que viveu. A convivência próxima com periódicos franceses e ingleses concedeu ao jornalista uma visão panorâmica da imprensa de oitocentos, consolidando e amadurecendo os seus ideais de jornalismo, e permitindo-lhe revelar ao público leitor as observações e reflexões pertinentes que lhe sugeria a leitura dos jornais. Preocupava-o a influência que o discurso jornalístico pudesse ter na (des)construção de mentalidades, adulterando os valores que deviam, na verdade, ser transmitidos. Contudo, esta crença no triunfo do bem que poderia ser alcançado através da actividade jornalística já não tem a mesma força quando Eça trabalha como correspondente para *A Actualidade* e para a *Gazeta de Notícias*. Nesta fase da sua vida, deixa transparecer uma

---

<sup>33</sup> Idem, *Cartas de Paris*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.127.

certa sensação de desalento e descrença face à capacidade que tem o ser humano de analisar os seus erros e procurar evoluir individual e socialmente

Num dos textos que hoje constituem as *Cartas de Paris*, Eça tece uma crítica à famosa *Revista dos Dois Mundos*<sup>34</sup>. Neste texto, confessa que para os jovens escritores realistas, pertencer à *Revista* significava estar preso ao passado, quando o caminho era o futuro e uma nova forma de expressão literária. Apesar de anos mais tarde vir a reconhecer o valor desta publicação com a sua vasta projecção mundial, não deixa de lhe atribuir um estilo que considera entediante, talvez por não ir ao encontro das temáticas que, como jornalista e escritor, considerava fundamentais para a reforma social:

“Tão persistentes são as impressões da mocidade, que ainda hoje eu não vejo a «Revista dos Dois Mundos» sem um sentimento vago e inexplicável de tédio. Sei perfeitamente que ela é cheia de bom senso e de saber especial, possui uma língua sóbria e pura, tem muita elegância e finura académica, e por vezes se lhe encontra, aqui e além, um sopro de originalidade. Mas quê! A sua presença é para mim como a de uma grave matrona, pesada, rica, bem colocada no mundo, cujos lábios descorados, faltos de sangue vivo, só deixam cair, com uma arte discreta, o que está absolutamente dentro do decoro e da tradição.”<sup>35</sup>

Grande parte do trabalho que se fazia na imprensa do seu tempo era, para si, superficial, ficando muito aquém da capacidade que, não desviada do seu verdadeiro caminho, poderia ter na formação do indivíduo e, conseqüentemente, na evolução da sociedade em que este se insere:

“Em média, porém, afoitamente se pode afirmar que na Europa e na América a imprensa é superficial, linguareira e sectária. (...) Tais defeitos são sobretudo nocivos porque a imprensa os comunica ao público, com quem está em

---

<sup>34</sup> Revista Ilustrada, que surgiu em 1877, publicada em Paris, em língua portuguesa.

<sup>35</sup> Eça de Queirós, *Cartas de Paris*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, (s,d), p.56.

permanente comunhão, e assim, em lugar de educadora, se tem lentamente tornado uma viciadora do espírito e dos costumes.”<sup>36</sup>

Curioso é pensar que a realidade da imprensa retratada por Eça se mantém até hoje. Que pensaria o escritor se pudesse espreitar os dias de hoje, com uma imprensa maioritariamente pouco construtiva, ainda menos moralizadora e despertadora de consciências do que no seu tempo? Corroborando as palavras de Jaime Brasil, “não sei como Eça de Queiroz falaria hoje da imprensa se lhe fosse dado conhecer até onde ela desceu. Porque foi um grande jornalista e escreveu as mais desassombradas páginas, em louvor da sua dignidade, ao vituperar o arremedo de jornalismo do seu tempo, decerto diria, agora, palavras muito mais vivas e empregaria uma ironia muito mais cruel do que para vituperar o jornalismo constitucional.”<sup>37</sup>

Há, no entanto, um importante valor que Eça reconhece como veiculado pela imprensa de Paris e que, na sua opinião, deveria existir nos jornais portugueses e brasileiros: a capacidade de transmitir a um povo confiança e orgulho no seu país, sem precisar de copiar modelos estrangeiros, dando valor ao que se faz no próprio país e contribuindo, assim, para o seu desenvolvimento:

“Há aqui apenas um excelente sistema, desde longos anos adoptado pela Imprensa em Paris, que nós deveríamos sofregamente seguir no Brasil e em Portugal, e que consiste em afirmar, com afoita certeza, sem escrúpulos, sem pudores, que tudo quanto se diz ou se faz em Paris é perfeito, do mais nobre gosto, de um esplendor soberbo, e desmedidamente superior ao que se faz e diz nas outras nações subalternas. Excelente e fecundo sistema! Ele termina por plantar fortemente, no espírito dos outros, como um dogma, a ideia da supremacia total da França: - e sobretudo convence a França da sua supremacia, e absolutamente a penetra daquela confiança própria que é sempre a inspiradora dos grandes feitos e das grandes obras.”<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> *Ibidem*, p.125.

<sup>37</sup> Jaime Brasil, *ibidem*, p.519.

<sup>38</sup> Eça de Queirós, *Cartas de Paris*, ed. cit., p.297.

Em suma, o jornalista e o cronista manifestam-se na obra que nos deixou como legado “como dois processos ou duas formas de expressão, diferentes porém não inconciliáveis, daquilo que a meu ver constitui a característica essencial da sua personalidade de escritor: o satírico, isto é, o moralista.”<sup>39</sup> É o próprio escritor que, em *Uma Campanha Alegre*, refere que “o riso é uma filosofia. Muitas vezes o riso é uma salvação.”<sup>40</sup> Acreditava, pois, nas virtudes morais do riso, sendo permanentemente irónico, de uma forma espontânea.

Nas palavras de A. Carmo Reis, Eça reflecte sobre o “ofício do Jornalismo como potência de arte e cidadania; valorizando a vertente alternativa à imprensa de informação, contrapondo à caducidade da notícia quotidiana a mensagem durável que veicula a formação do espírito.”<sup>41</sup> Na verdade, Eça fez do jornalismo uma arte com um cunho muito próprio. Imprimiu-lhe um sentido de crítica, de opinião, ultrapassando a notícia de factos quotidianos, fazendo a mente dos seus contemporâneos voar mais longe e criar juízos valorativos sobre a realidade que os cercava e, por fim, fazendo-os construir uma sociedade mais justa e verdadeira.

---

<sup>39</sup> Astrogildo Pereira, “Eça de Queiroz Cronista” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p184.

<sup>40</sup> Eça de Queirós, *Uma Campanha Alegre*, Lisboa, ed. cit., p.12.

<sup>41</sup> A. Do Carmo Reis, *Eça de Queirós na Trajectória do Jornalismo Contemporâneo*, Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde, n°15/16, Dezembro, 1995.

**PARTE II:**  
**ANÁLISE DO CORPUS**



# **CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS**



Na segunda parte desta dissertação pretende-se estudar a inscrição do jornal e do jornalista na ficção de Eça de Queirós, tendo como *corpus* obras que demarcam fases específicas da sua escrita. São elas: *O Crime do Padre Amaro* (1876), *O Primo Basílio* (1878), *Os Maias* (1888), *A Ilustre Casa de Ramires* (1900)<sup>1</sup>, *A Cidade e as Serras* (1901)<sup>2</sup>.

Ao longo da obra de Eça, contemplamos a presença do jornal, e mesmo da revista, como uma constante na vida das personagens, quer através da leitura, quer possuindo uma existência de objecto do quotidiano, que surge na mão ou debaixo do braço de alguém que o transporta, que está colocado em qualquer parte da casa, chegando até a poder ser considerado elemento decorativo e identificador do ambiente vivido em determinado microespaço social. Eça transforma um simples objecto do dia-a-dia em motivo de interesse para o leitor atento dos seus romances. De facto, no decorrer da leitura das suas obras, o leitor é surpreendido pela abundância de pormenores que decorrem da descrição de objectos que, brotando da sua simplicidade, constituem pistas interpretativas:

“Ahora , cuando las corrientes literárias que alborotaron el siglo passado y los comienzos del presente se han confundido en un conjunto promiscual y generalmente gris, los escritores mui definifos, como Eça de Queiroz, parecen adquirir un valor nuevo. Son como esos objetos a los que estamos viendo todos los dias y que, en um momento cualquiera en que reposamos en ellos nuestra attention, surgen de improviso como recientes y nunca vistos.”<sup>3</sup>

Esta abundância de pormenores é caracterizadora do Realismo, movimento literário em que facilmente inserimos a obra de Eça de Queirós, ainda que o seu Realismo tivesse características muito próprias, rapidamente identificáveis como queirosianas, uma das quais contemplando o uso da ironia na apresentação da realidade, a que está, como sabemos, associada a crítica. Eça troça de seus próprios personagens,

---

<sup>1</sup> Publicada postumamente, esta obra tivera já uma versão incompleta na *Revista Moderna*.

<sup>2</sup> Publicação póstuma, com texto revisto por Ramalho Ortigão e Luís Magalhães.

<sup>3</sup> Antonio Espina, “En la hora de Eça de Queiroz” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, pp.403-404.

provocando o sorriso do leitor. Numa carta a Rodrigues de Freitas, de 1878, o escritor apresenta uma feroz defesa do Realismo:

“O que lhe agradeço profundamente é a sua defesa geral do Realismo. Os meus romances importam pouco; está claro que são medíocres; o que importa é o triunfo do Realismo – que ainda hoje *méconnu* e caluniado, é todavia a grande evolução literária do século; e destinado a ter na sociedade e nos costumes uma influência profunda. O que queremos nós com o Realismo? Fazer o quadro do mundo moderno, nas feições em que ele é mau, por persistir em se educar *segundo o passado*; queremos fazer a fotografia, ia quase dizer a caricatura do velho mundo burguês, sentimental, devoto, católico, explorador, aristocrático, etc.”<sup>4</sup>

Através da leitura deste excerto, conseguimos compreender o apoio incondicional que Eça, neste momento do seu percurso literário, dá ao Realismo, como uma nova corrente capaz de quebrar com a tradição de uma escrita romântica, totalmente contrária à realidade. Se os escritores românticos se propunham pintar o que idealizavam do mundo em que viviam, os realistas desejavam antes fotografar a realidade, através de uma escrita que não temia apresentar até mesmo o lado mais negativo da sociedade. O realismo de Eça contempla, como ele próprio escreve, uma quase caricatura da realidade, uma vez que ridiculariza as suas personagens, exagera os seus vícios, de modo a criticar o mundo burguês da época. No mesmo ano, Eça escreve uma outra carta, desta vez a Teófilo Braga, onde aponta aquela que considera a sua missão como escritor realista:

“A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 – e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam – eles e elas. É o meu fim nas *Cenas da Vida Portuguesa*. É necessário acutillar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso – e com todo o respeito pelas

---

<sup>4</sup> Eça de Queirós, *Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp.44-45.

instituições que são de origem eterna, destruir as *falsas interpretações* que lhes dá uma sociedade podre. Não lhe parece Você que um tal trabalho é justo?”<sup>5</sup>

A leitura deste pequeno trecho da carta deixa evidente a necessidade que Eça tinha de que os seus romances funcionassem como um espelho da sociedade, apresentando-lhe o seu lado mais negativo. Digamos que encarava o realismo como tendo uma forte função pedagógica, acreditando no forte poder da literatura como uma arma para reformar o país. A crítica é, pois, um elemento caracterizador do realismo e, por extensão, do naturalismo, ainda que rejeitada pelos românticos, que preferem a idealização da sociedade à sua representação real.

Na obra de Eça que constitui o *corpus* deste trabalho abundam traços do realismo. Nomes de publicações reais surgem a par de nomes ficcionais, povoando as conversas das personagens sobre vários assuntos, e permitindo ao escritor o seu toque de ironia, quer relativamente à situação política, económica, social, cultural de Portugal, quer no que diz respeito ao que se passava no resto da Europa. O conteúdo de várias publicações surge no universo da ficção, permitindo ao leitor conhecer o que chamava a atenção do público leitor português no jornal, e se esta mesma atenção variava conforme o meio social e a educação.

A presença dos periódicos no romance queirosiano permite ao escritor traçar o perfil da sociedade portuguesa de oitocentos e, mais especificamente, conduz à caracterização do jornalismo que se fazia nesta época, uma vez que o jornal surge não só como objecto, mas também como espaço onde as notícias são redigidas. De facto, o espaço de redacção é sujeito a um olhar crítico, de forma a enfatizar os pobres textos que ali eram produzidos, salientando-se o facto de não raras vezes este órgão de imprensa ser usado como troca de favores e como palco de conflitos, em que a função social e pedagógica do jornal é esquecida em detrimento de interesses pessoais, políticos e até mesmo económicos.

A figura do jornalista é também uma constante nos romances de Eça de Queirós. Ele, também jornalista ao longo da sua vida, não deixa, porém, de apontar os erros e vícios desta profissão, que considerava de grande importância para a sociedade, mas que estaria nas mãos de indivíduos que, infelizmente, desviavam a imprensa da sua função

---

<sup>5</sup> Idem, *Correspondência*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.35.

de transmitir informação de qualidade e de, simultaneamente, reformar a sociedade. Nas palavras de Jaime Brasil:

“A sua mágoa, a de todos os jornalistas que desejariam ver a sua profissão prestigiada (...) levava o jornalista Eça de Queiroz a castigar, nos mais duros termos, a venalidade e corrupção, a ignorância e a suficiência de pretensos jornalistas, e não só dos patrões mas da própria criadagem, dos escribas-lacaios.”<sup>6</sup>

O jornalismo aparece nos romances de Eça como parte constitutiva da crítica social que pretende fazer ao seu país e, talvez por isso, submeta as personagens ao ridículo, quer pela forma como as descreve, quer pelos comportamentos morais e sociais que lhes atribui. Escreve Roberto Rosa acerca do romancista:

“Observava a Humanidade primorosamente, é certo, mas dava-a nos seus romances deformada, vista apenas com o monóculo do ridículo para, através dela, visar o que achava necessário combater.”<sup>7</sup>

Através dos seus romances, Eça procurou evidenciar a importância da imprensa no quotidiano da sociedade portuguesa do século XIX. Através da crítica ao jornalismo que se fazia, mostrava a sua vontade de ver nascer jornalistas que honrassem os nobres propósitos que deveriam ser a base da sua profissão. Acreditava que no meio de tantos jornalistas, como o seu famoso Palma Cavalão d’ *Os Maias*, poderiam surgir ou ressurgir homens que tivessem o mesmo alto conceito de jornalismo que o escritor possuía.

Nas páginas que se seguem serão, pois, analisados todos estes aspectos, objectos de uma análise interpretativa que terá por base a informação presente nos romances referidos. A primeira parte centrar-se-á no jornal (objecto, instituição, redacção), e na segunda parte será analisada a figura do jornalista.

---

<sup>6</sup> Jaime Brasil, “Eça de Queiroz, jornalista” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis, (orgs.), *op. cit.*, pp.517-518.

<sup>7</sup> Roberto Nobre, “Crítica e auto- crítica em Eça de Queiroz” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis, (orgs.), *op. cit.*, p.611.

# **CAPÍTULO I**

## **O JORNAL...**



**1**

**... COMO OBJECTO DO QUOTIDIANO**



O jornal aparece várias vezes ao longo dos romances de Eça de Queirós como objecto presente no quotidiano das personagens, independentemente da classe social a que pertencem. A diferença poderá estar no tipo de publicação que lêem. De facto, os periódicos são, antes de tudo, objectos de leitura por parte dos que habitam o universo ficcional de Eça. Paralelamente, o jornal que uma personagem lê acaba por desempenhar o papel de emblema social, uma vez que define e caracteriza o seu status, o que se pode comprovar pela variedade de títulos de publicações, que se estabelecem como signos ideológicos. O jornal surge ainda como objecto constante, e com diferentes propósitos, em vários espaços. Vejamos, primeiro, como o jornal pode ser um emblema social, identificador e caracterizador das personagens.

Pedro da Maia, de temperamento romântico, tinha por hábito ler *A Grinalda*<sup>1</sup>, jornal literário.<sup>2</sup> Quando Pedro decide casar, entrando em conflito com o pai e abandonando, por isso, a casa paterna, Vilaça encontra Afonso da Maia sentado à mesa do almoço onde "ao centro, um ramo esfolhava-se num vaso do Japão, à chama forte da lenha: e junto ao talher de Pedro estava o número da *Grinalda*, jornal de versos que ele costumava receber..."<sup>3</sup> Não é por acaso que esta publicação aparece associada a Pedro, de temperamento romântico, guiado pelos sentimentos, capaz de tudo pela paixão arrebatadora que o unia a Maria Monforte. Extremamente sensível, arrebatado facilmente por sentimentos fortes, Pedro apreciava a poesia romântica habitualmente publicada no jornal *A Grinalda*.

As personagens pertencentes a classes sociais mais elevadas, aparecem frequentemente a ler publicações de jornais franceses ou ingleses. É o caso do Visconde Reinaldo, n' *O Primo Basílio*, que vivera em Londres e em Paris e "lia o «Times» languidamente, enterrado numa poltrona."<sup>4</sup> Podemos mesmo afirmar que a variedade de títulos de jornais define o perfil cultural e social das personagens. Se Afonso da Maia lê o *Times* ou o *Figaro* para se manter informado acerca do que de mais importante acontece no resto da Europa, já Dâmaso Salcedo tem apenas a curiosidade de saber o

---

<sup>1</sup> *A Grinalda* (1855-1859) foi um antigo jornal portuense, que acolhia nas suas páginas muita da poesia romântica que então se produzia, e no qual participaram escritores como Ramalho Ortigão ou Júlio Dinis.

<sup>2</sup> A preferência de Pedro por este jornal não causa surpresa, uma vez que tivera uma educação romântica, típica na sociedade portuguesa de oitocentos. O temperamento romântico de Pedro é condicionado também pela hereditariedade, traços de personalidade que herda de sua mãe.

<sup>3</sup> Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.30. A esta edição referem-se todas as posteriores citações do romance, para que passam a remeter as páginas indicadas entre parênteses no texto.

<sup>4</sup> Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.150. A esta edição referem-se todas as posteriores citações do romance, para que passam a remeter as páginas indicadas entre parênteses no texto.

que vai acontecendo no *High Life* europeu, procurando, muitas vezes, modelos a imitar<sup>5</sup>. Simultaneamente, Dâmaso tem consciência de que a manutenção do seu status social exigia a leitura de determinadas publicações. Veja-se, pois, como a educação diferente de Afonso e Dâmaso definem os critérios diferentes com que olham os jornais. Desta forma, o leitor encontra-os, várias vezes, a ler os mesmo periódicos, mas com motivações diferentes. Carlos da Maia é uma das personagens queirosianas que o leitor consegue flagrar no decorrer da sua leitura de periódicos franceses, como é o caso do *Pays*. Se, por um lado, conseguimos colocá-lo no mesmo patamar de Afonso, dada a sua educação e elevado nível cultural, por outro afasta-se um pouco do avô e aproxima-se por vezes das motivações de Dâmaso, quando se deixa envolver pelo ambiente lisboeta e pela convivência com pessoas de nível cultural abaixo do seu. De seguida, sigamos mais de perto os olhos diferentes com que Carlos e Dâmaso lêem as notícias internacionais.

Incluído no conjunto de jornais franceses, encontra-se, como já foi referido, o famoso *Figaro*, tantas vezes presente nas obras de Eça de Queirós, como uma referência internacional de prestígio, pelas mais diversas razões. Dâmaso Salcede é uma das personagens que lê esta publicação, procurando sempre novidades da sociedade francesa. Eça descreve esta personagem investigando o *Figaro* “na sua indolência de homem chique”(191). Mais adiante na obra, é curiosa a forma como o autor ilustra a importância da leitura de certos periódicos para esta personagem, para estar a par de tudo o que ao mais alto nível social se passava em Paris, pois era esta a sua principal preocupação, sempre no âmbito da futilidade que lhe é característica. Assim, é sugestiva a imagem que apresenta Dâmaso percorrendo o jornal “como uma fera a quem se abre a jaula” (264). Na verdade, a falta de princípios desta personagem leva-a a julgar os outros pelo que lê nas colunas sociais, regozijando-se pelos infortúnios daqueles que, de uma forma ou de outra, haviam atravessado o seu caminho e os seus planos. É, de facto no *High Life* que repousa a sua predileção de leitura, uma vez que a vida social e os privilégios que desse convívio lhe podem advir constituem a motivação dos seus dias.

Carlos da Maia também é um leitor assíduo do *Fígaro*. É sugerida ao leitor a predileção da personagem pelo jornal em causa, uma vez que Domingos, antes de sair, lhe deixava a caixa de *cigarettes* e o *Fígaro*. Outros leitores assíduos do *Fígaro* n’ *Os*

---

<sup>5</sup> Veja-se, a título de exemplo, como Dâmaso, até nas suas palavras quotidianas, parece introduzir a língua francesa com facilidade, como quando leva Carlos para visitar a filha de Maria Eduarda, que estava doente. Na página 259 da edição citada, dirige-se à criada, com estas palavras: “- Ah! *Bonjour Melanie!* (...) *L’enfant était meilleur?* Ali lhe trazia o doutor, *monsieur le docteur Maia*.”

*Maias* são Ega e Taveira, que o lêem num momento de descontração, estirados em suas poltronas. Estas personagens também se interessam pela vida social mas, simultaneamente, procuram nas páginas destes jornais informações sobre a vida política, económica e cultural da Europa.

Várias publicações internacionais percorrem vários espaços d' *Os Maias*, como por exemplo os Paços de Celas que, constituindo um ambiente de tertúlia, não deixava de oferecer aos seus frequentadores assíduos, muitos deles jovens estudantes universitários com a preocupação de se manterem informados sobre tudo que se passava pela Europa, fontes de informação consideradas como tendo muita credibilidade:

“À noite, na sala de jantar, moços sérios faziam um whist sério: e no salão, sob o lustre de cristal, com o “Fígaro”, o “Times” e as revistas de Paris e de Londres espalhadas pelas mesas” (90).

Lembre-mo-nos de que muitas notícias internacionais funcionavam como mote de discussão e construção de uma perspectiva do país, em comparação com os restantes países europeus. No excerto transcrito, evidencia-se que as publicações internacionais proliferavam em Celas, quase como elemento obrigatório e de destaque no meio da decoração. Os títulos franceses e ingleses apresentam-se como um símbolo do elevado grau cultural dos estudantes de Coimbra.

A existência plural de publicações inglesas e francesas é particularmente visível no romance *A Cidade e as Serras*, em casa de Jacinto, devido ao nível cultural da personagem que, além disso, vive em Paris, como é visível, por exemplo, na seguinte passagem em que Jacinto se dirige a Zé Fernandes:

“- Eu preciso escrever uma carta, seis linhas... Tu esperas, não, Zé Fernandes? Tens aí os jornais de Paris, da noite; e os de Londres, desta manhã.”<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Idem, *A Cidade e as Serras*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, (s/d), p.28. A esta edição referem-se todas as posteriores citações do romance, para que passam a remeter as páginas indicadas entre parênteses no texto.

O mordomo da casa de Jacinto trazia sempre as publicações inglesas e francesas mais conhecidas para deleitar o patrão e o seu convidado. Ler o jornal torna-se num hábito rotineiro, quase automático, ao qual as personagens não conseguem fugir:

“E terminámos por remexer languidamente os jornais que o mordomo trouxera, num monte fecundo, sobre uma salva de prata - jornais de Paris, jornais de Londres, semanários, magazines, revistas, ilustrações” (110).

De facto, é visível a importância da leitura dos jornais ao longo dos romances de Eça. Zé Fernandes, em ambiente parisiense, não perde a oportunidade de aproveitar qualquer tempo morto para se dedicar à leitura do melhor da imprensa, seja o *Fígaro*, *A Gazeta de França* ou *A Voz de Paris*. Aliás, estas leituras são caracterizadas pelo narrador como das “ mais urgentes”. (179) Daí concluirmos da visível importância e credibilidade que alguns jornais tinham em comparação com outros. O prestígio das grandes publicações francesas era, de resto, conhecido pelo resto da Europa.

Nesta obra, é interessante encontrarmos a única personagem de origem mais humilde do universo ficcional de que faz parte a ler o *Fígaro*. Trata-se de Grilo, o mais antigo criado de Jacinto, que desde a infância acompanha o patrão e que, tendo vivido em Paris com Jacinto, estaria habituado à leitura em língua francesa e, já em Portugal, desejava manter-se informado do que continuava a acontecer em França. Aliás, no início, Grilo está contrariado nas Serras. Assim, a leitura dos jornais franceses funcionava como uma âncora à civilização de que sente a nostalgia.

Ainda como emblema social, repare-se, em *O Crime do Padre Amaro*, a frequente leitura do *Popular*, pelo cónego Dias:

“(...) e instalou-se, com um olho no «Popular» e outro na porta  
(...) E o cónego, depois de ter considerado longo tempo, com o  
«Popular» caído nos joelhos...”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Idem, *O Crime do Padre Amaro*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, (s/d), p.348. A esta edição referem-se todas as posteriores citações do romance, para que passam a remeter as páginas indicadas entre parênteses no texto.

Mas a leitura deste periódico não era exclusividade do cônego. Parece ser um jornal particularmente lido pelos membros da Igreja. De facto, também Amaro surge “parando à janela a olhar a negrura da noite, lendo aqui e além uma notícia ou um anúncio do «Popular»...” (401) Ora, não é por acaso que os membros do clero surgem associados à leitura de determinados periódicos. Já aqueles que mantinham um ódio de estimação aos membros da Igreja, liam outros jornais, como é o caso de João Eduardo, que lê *A Voz do Distrito*. Outro ponto que aqui se torna evidente é a forte ligação do clero à imprensa, usando-a como veículo de transmissão dos seus interesses e disfarce dos seus vícios. Aliás, apesar de jornais como *A Voz do Distrito* procurarem colocar a nu os podres da Igreja, a verdade é que a influência do clero acaba por prevalecer. Observemos que, no final obra, o leitor encontra ainda “rapazitos de voz plangente oferecendo o «Jornal de Pequenas Novidades»” (500), como um sinal de que tudo na vida voltou ao seu ciclo natural. A história triste de Amélia terminou, mas as pequenas coisas quotidianas, como a leitura de jornais, sobreviveram ao tempo e às tragédias, assim como o poder do clero. Por isso nos deparamos com a conversa final de Amaro e do cônego Dias, sorridentes e continuando a sua vida de vícios, como se nenhum dos actos impróprios à sua condição lhes pesasse na consciência.

Falamos já de vários jornais internacionais que habitam os romances de Eça. No entanto, diversas publicações nacionais, desde as de maior amplitude às de menor, povoam a ficção e nos revelam outro ponto a considerar: a presença constante do jornal como hábito de leitura. N’ *Os Maias*, Ega almoça solitariamente, no Ramalhete, “na larga mesa, lendo a «Gazeta Ilustrada»” (660). Craft entretem-se com o *Diário da Manhã*. Já Luísa, em *O Primo Basílio* lê habitualmente o *Diário de Notícias*, sentada à mesa ou estendida na sua *causeuse*. Como elemento representante da mulher pertencente à média burguesia, Luísa provavelmente procuraria notícias do *High Life* e, ao mesmo tempo, leria os folhetins cujas histórias românticas serviam como um escape à realidade, acabando por moldar a sua personalidade e, conseqüentemente, como a tantas outras mulheres da sua classe, por conduzi-la ao adultério. É, de resto, nesta secção que toma conhecimento da chegada do primo. A leitura do jornal era um hábito tão enraizado nos costumes de Luísa, que, mesmo doente, pedia a Jorge que o lesse para ela todas as manhãs:

“ (...) e não dispensava Jorge, queria-o ali, ao pé, com exigências de criança! Parecia receber a vida dos seus olhos, a

saúde do contacto das suas mãos. Fazia-lhe ler o jornal pela manhã, e vir escrever para o pé dela” (420).

O *Diário de Notícias* marca também presença em *A Cidade e as Serras*, quando Jacinto, já cansado da realidade à sua volta e da tecnologia, ergue “melancolicamente um velho «Diário de Notícias»”(112), talvez como um meio nostálgico de estabelecer a sua ligação às origens portuguesas, uma forma de estabelecer uma conexão com aquilo que nem ele ainda sabia o que era, mas que lhe começava a fazer falta.

O *Jornal do Comércio* surge em *O Primo Basílio*, quando Sebastião consulta os espectáculos que estariam em cena, para Luísa poder assistir com Jorge, enquanto ele procuraria resolver o problema de chantagem exercida por Juliana. O interessante é que o mesmo periódico aparece em *A Cidade e as Serras*, com alguma insistência por parte do narrador, quando Jacinto e Zé Fernandes viajam para Portugal, em direcção a Tormes. Quando as vinte e três malas que traziam de Paris se dispersam, pouco lhes resta, a não ser um “paletó alvadio, a bengala de Jacinto, e o «Jornal do Comércio»”(139), que lhes era comum. Quando Jacinto se dirige a Zé Fernandes, afirmando que não consegue adormecer sem ler e perguntando ao amigo se tem algum livro, este afirma que apenas possui o velho *Jornal do Comércio*:

“Eu? Um livro? Possuía apenas o velho número do «Jornal do Comércio», que escapara à dispersão dos nossos bens. Rasguei a copiosa folha pelo meio, partilhei com Jacinto fraternalmente. Ele tomou a sua metade, que era a dos anúncios. E quem não viu então Jacinto, senhor de Tormes, acaçapado à borda da enxerga, rente da vela de sebo que se derretia no alqueire, com os pés encafuados nos socos, perdido dentro das ásperas pregas e dos rijos folhos da camisa serrana, percorrendo num pedaço velho de gazeta, pensativamente, as partidas dos paquetes - não pode saber o que é uma intensa e verídica imagem do Desalento” (150).

Sendo *A Ilustre Casa de Ramires* um romance cuja acção se passa no norte de Portugal, é natural que haja uma supremacia de jornais nortenhos, como é o caso da *Gazeta do Porto*, que o protagonista, Gonçalo, frequentemente lê, quer “sentado num

banco de pedra do jardim, debaixo de uma mimosa”<sup>8</sup>, quer durante “um passeio no pomar” (203). O mesmo periódico é objecto de leitura por parte de Gracinha, irmã de Gonçalo, que, “ à beira do divã, percorria, pensativamente a velha «Gazeta do Porto»”(301). Ainda nesta obra, Sanches Lucena acaba por morrer durante a leitura do jornal:

“ - E que me dizes tu à novidade? O pobre Sanches Lucena?...

Sim, Gonçalo soubera na Assembleia. Um ataque, hem?

- Mendonça acendeu, chupou o cigarro:

- De repente, com um aneurisma, a ler o «Notícias»” (147).

Como já referenciado, no universo ficcional queirosiano, nem só os elementos pertencentes às classes sociais mais favorecidas têm como hábito a leitura de periódicos. Enquanto Carlos da Maia, no consultório, passava os olhos por uma revista, o criado adormecera sobre o popular *Diário de Notícias*:

“E Carlos - exactamente como o criado que, na ociosidade da antecâmara, dormitava sob [sic] o “Diário de Notícias”, acaçapado na banquetta - acendia um cigarro “Laferme”, tomava uma revista, e estendia-se no divã” (103).

Baptista, criado antigo de Carlos, no Ramalhete, esperava-o lendo o jornal, na confortável antecâmara dos «quartos do menino»...” (137). Josefa, cozinheira de Ega, na Vila Balzac, cultiva o hábito da leitura do *Jornal de Notícias*, sendo, por isso, alvo de ironia por parte do patrão, que assim mostra o seu desprezo pela imprensa periódica, pelo menos a portuguesa:

“...uma rapariga muito sardenta e muito forte sacudiu o gato do colo, ergueu-se, com o «Jornal de Notícias» na mão. Ega apresentou-a, num tom de farsa:

---

<sup>8</sup> Idem, (s/d), *A Ilustre Casa de Ramires*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, (s/d), p.21. A esta edição referem-se todas as posteriores citações do romance, para que passam a remeter as páginas indicadas entre parênteses no texto.

- A Sr.<sup>a</sup> Josefa, solteira, de temperamento sanguíneo, artista culinária da Vila Balzac, e, como se pode observar pelo papel que lhe pende nas garras, cultora de boas letras” (148).

Em *O Primo Basílio*, Jorge, desconhecendo a chantagem que Juliana estava a fazer com Luísa, fica estupefacto quando, chegando silenciosamente ao quarto, apanha a criada “comodamente deitada na *chaise-longue*, lendo tranquilamente o jornal” (362).

Outro aspecto a considerar é o facto de que, em todos os romances, constatarmos que nem sempre há uma referência a periódicos específicos. No entanto, os jornais, mesmo sem referência ao título que os identifica, estão constantemente em cena e nas mãos, não só de personagens centrais, como também de personagens secundárias ou até mesmo de figurantes. Surgem muitas vezes como objectos obrigatórios deixados em determinado local da casa, ao acaso ou propositadamente, quase como um elemento decorativo de dada divisão. É o que acontece na sala de Maria Eduarda, servindo, muitas vezes e paralelamente ao que ocorre com os livros, como elemento identificador da personagem:

“(…) as flores que Maria punha nos vasos, um jornal esquecido, as lãs de um bordado, o simples roçar dos seus frescos vestidos, tinham comunicado já um subtil calor de vida e de conchego aos mais empertigados contadores do tempo de Carlos V, revestidos de ferro brunido” (454).

A internacionalmente conhecida *Revista dos Dois Mundos* surge no meio da decoração da mesa dos Gouvarinho:

“Uma cesta de esplêndidas flores quase enchia a mesa, onde se acumulavam também romances ingleses, e uma «Revista dos Dois Mundos» em evidência, com a faca de marfim entre as folhas” (388).

O consultório de Carlos está também repleto de publicações, como podemos observar no episódio em que a condessa de Gouvarinho o procura no consultório, e Carlos desembaraça “logo o divã dos jornais e das brochuras”(205). Podemos ainda

verificar a existência de periódicos no escritório de Jorge, em *O Primo Basílio*, onde “uma colecção empilhada de «Diários do Governo» branquejava a um canto” (49). Aliás, tal facto seria de esperar, uma vez que Jorge era funcionário público. Também neste romance, a dado momento, Luísa sai com Basílio e D. Felicidade, e, na rua, “pelas portas do café abertas, viam-se sobre as mesas jornais enxovalhados” (97).

Os periódicos abundam de tal forma no espaço envolvente das personagens que, algumas vezes, são um objecto que está à mão, não para a leitura mas para outras funções, como a de papel de embrulho, acentuando, deste modo, o carácter efémero do jornal. De facto, uma vez lido, perde todo o seu valor de leitura, e só o número seguinte permitirá renovar a atenção do leitor, quando novas notícias forem publicadas. Esta situação ocorre n’ *Os Maias*, quando Eça pede a Carlos se não teria uma espada que lhe pudesse emprestar para completar o fato de máscara que vestiria para a *soirée* dos Cohens, ao que o amigo acede. Curiosamente, “ao pé do reposteiro, Ega voltou-se, exclamou, apertando contra o peito do paletó o ferro, enrolado no «Jornal do Comércio»”(257). Note-se que não é por acaso que Ega embrulha o jornal numa publicação nacional. Repare-se que não utiliza nem o *Fígaro* nem o *Times*, por exemplo. Assim, Eça ironiza a pouca importância dada a algumas publicações portuguesas em prol das europeias, colocando em causa a boa qualidade dos jornais nacionais. Mas não é esta a única vez em que, durante o romance, Ega toma a iniciativa de embrulhar um objecto num jornal. Quando um domingo, ao anoitecer, Carlos chega ao Ramalhete, Baptista anuncia que “ o sr. Ega tinha partido nesse momento para Sintra, levando apenas livros e umas escovas embrulhadas num jornal” (447).

A mesma situação pode ser observada em *O Primo Basílio*, quando Jorge oferece a Julião uma caixa de charutos:

“- Leva a caixa! Eu em viagem só fumo cachimbo. Leva a caixa, homem!

Embrulhou-lha num «Diário de Notícias»: Julião meteu-a debaixo do braço” (52).

Ainda em *O Primo Basílio*, Luísa, já não sabendo como disfarçar perante Jorge a sua tristeza e aflição devido à chantagem de Juliana, estando com ele à mesa e vendo o marido zangado por não perceber a razão pela qual a mulher perdera a autoridade sobre a criada, tomou o jornal para disfarçar uma lagrimazinha que lhe tremia na

pálpebra”(368). Em *A Ilustre Casa de Ramires*, Gonçalo sacode o jornal “com que se abanava”(216). N’ *Os Maias*, Tancredo “ficara a ler o jornal encostado aos travesseiros”(40). Afonso, uma tarde, “muito melancólico, estava na livraria com um jornal esquecido nas mãos, os olhos cerrados...” (85). O mesmo sucede com Craft:

“O *coupé* partiu, ia entrar no Largo da Graça, quando uma caleche de praça, aberta, o cruzou a largo trote. Dentro um sujeito de chapéu baixo ia lendo um grande jornal.

- É o Craft - gritou Ega, debruçando-se pela portinhola” (153).

Ega, todas as manhãs, recebia “algum jornal cintado”(420). Em *O Primo Basílio*, Juliana, em criança, via a mãe receber em casa um sujeito, o sr. Augusto que vinha todos os dias, no Verão, à tarde, e no Inverno, de manhã. À noite, o “sr. Augusto voltava; trazia sempre um jornal”(76). Também nesta obra, quando Julião e Sebastião comentam, no café onde se encontram, as visitas de Basílio a Luísa, a certa altura, o narrador afirma que “defronte deles um sujeito de ar debochado lia um jornal”(134). É de notar que, mesmo sendo a cena central o diálogo entre Julião e Sebastião, a verdade é que o narrador faz constante alusão ao sujeito que, desoladamente, lê o jornal. É um sujeito de aspecto sujo, infeliz, entediado, que, mesmo assim, não abandona a leitura do jornal, acabando no final da cena por se dirigir aos dois amigos que conversavam sobre Luísa, revelando ser “um antigo empregado da nação, reduzido à miséria”(139).

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, a certa altura, Bento bate à porta da livraria onde Gonçalo se encontrava, trazendo “os jornais e duas cartas” (53). Mais tarde, o leitor fica a saber que, uma manhã, Gonçalo “injurou o Bento, por lhe trazer tão tarde os jornais e o chá”, (155) prova de que o fidalgo gostava de se manter informado logo cedo sobre as mais recentes notícias. E, a dado momento, contam a Gonçalo que D. Ana Lucena tomava todos os dias um grande banho e ficava uma hora a ler “ o jornal dentro da tina”(215).

Como se pode constatar, o jornal, como objecto, habita os romances de Eça de Queirós de várias formas. No âmbito da leitura, é alvo de interesse por parte de diferentes personagens, quer através de publicações que realmente existiram, quer através de outras, expressamente criadas pelo autor para a sua ficção. Passados os breves momentos da leitura, o jornal, apesar da sua natureza efémera, pode adquirir

outra serventia e ainda passar a elemento decorativo que, no meio de outras publicações, povoa compartimentos onde vamos encontrar as personagens como agentes da intriga.



**2**

**... COMO ORGÃO DE IMPRENSA**



Eça de Queirós apresenta uma visão crítica acerca do jornalismo que se fazia em oitocentos, procurando mostrar os seus vícios, os seus defeitos. Desde a sua colaboração no *Diário de Évora*, o escritor mostrava possuir uma ideia definida do que deveria ser o papel do jornalismo, forte, não se deixando abater pelos obstáculos e não abdicando dos seus princípios:

“O jornalismo não sabe que há o abatimento moral, o cansaço, a fadiga, o repouso. Se ele repousasse, quem velaria pelos que dormem? É áspero, trabalhador infatigável para quem não há noite nem aurora; a luta é terrível, é necessário conservar uma consciência satisfeita e uma energia poderosa para desprezar as calúnias, para afrontar os tédios e os desgostos, fazer face às hostilidades viperinas e incessantes que os poderes promovem, lutar, trabalhar, ter as suas convicções puras e fortes no meio do ódio de uns, do desleixo de outros, da indiferença, da apatia de todos.”<sup>1</sup>

Nesta passagem, conseguimos perceber o modo como Eça encarava o jornalismo como instituição. Assim, reconhecia nesta actividade um carácter moralizador e educativo da sociedade, nunca se deixando abater, ainda que, por vezes, a mensagem transmitida nos textos jornalísticos parecesse não fazer efeito, à partida, no público leitor. Desta forma, o jornalista português encara a actividade jornalística como uma luta constante por uma sociedade melhor, mesmo que para tal fosse necessário levantar a voz ao poder vigente. É verdade que, desde o início da sua carreira como jornalista, Eça tinha consciência da influência da imprensa junto dos seus leitores e de como tal devia ser usado pelos jornalistas, como uma arma contra as injustiças e a corrupção de carácter. Só aos poucos acabaria por ver esmorecer um pouco esta crença, à medida que se dava conta de que o nobre papel da imprensa era tantas vezes corrompido por aqueles que dela se apropriavam para difusão de ideias que lhes eram convenientes, pessoal, económica ou politicamente.

Numa carta a Bento de S., Fradique Mendes escreve acerca do papel da imprensa, avaliando a situação dos jornais. Começa a missiva condenando fortemente a

---

<sup>1</sup> Eça de Queirós, *Da Colaboração no «Distrito de Évora» - I (1867)*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.10.

ideia de Bento fundar um jornal, uma vez que reprova o hábito dos juízos ligeiros, a que os periódicos habituam, e que conduzem à avaliação leviana. Condena ainda as vaidades levantadas pelo jornal e a intolerância destilada pelo mesmo:

“A tua ideia de fundar um jornal é daninha e execrável. Lançando, e em formato rico, com telegramas e crónicas, uma outra «dessas folhas impressas que aparecem todas as manhãs», como diz tão assustada e pudicamente o arcebispo de Paris, tu vais concorrer para que no teu tempo e na tua terra se aligeirem mais os juízos ligeiros, se exacerbe mais a vaidade, e se endureça mais a intolerância. Juízos ligeiros, vaidade, intolerância - eis três negros pecados sociais que, moralmente, matam uma sociedade! E tu alegremente te preparas para os atihar. Inconsciente como uma peste, espalhas sobre as almas a morte. Já decerto o Diabo está atirando mais brasa para debaixo da caldeira de pez em que, depois do julgamento, recozerás e ganirás, meu Bento e meu réprobo!”<sup>2</sup>

O artigo é duro e longo. Nele, Eça revela-se muito familiarizado com a imprensa, mesmo que utilizando a máscara Fradique. Na missiva referida, transmite uma consciência muito apurada a respeito da importância da imprensa, “aponta os perigos e esclarece que as ideologias e os capitais podem dominá-la e colocá-la ao serviço dos seus objectivos.”<sup>3</sup> O escritor salienta, neste excerto, a tendência cada vez maior da imprensa para, ao invés de levar o seu público a reflectir, habituá-lo às opiniões mais imponderadas e comuns sobre o mundo à sua volta. Chama também a atenção do leitor para o facto de que a imprensa tende a servir a vaidade de uns, poderosos, e a ser intolerante para outros, os mais fracos e menos protegidos socialmente. É curiosa a forma quase revoltada como Eça se dirige a Bento de S., comparando os efeitos que a má imprensa tem sobre os valores sociais, com a peste, que gera a morte, pois que também os piores jornais são capazes de adormecer as consciências ou, mais do que isso, matá-las.

As críticas ao jornal como órgão da imprensa estão presentes nos vários romances do escritor, em passagens onde transparece a ideia de que “o nível do nosso jornalismo é

---

<sup>2</sup> Idem, *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.215.

<sup>3</sup> Beatriz Berrini, *Portugal de Eça de Queiroz*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p.280.

deplorável”<sup>4</sup>. É curiosa a afirmação que parte de Baptista, no contexto de um diálogo com Carlos da Maia, em que podemos constatar, em primeiro lugar, que o criado era leitor assíduo de periódicos, e, em segundo lugar, que mesmo na sua condição culturalmente inferior à do patrão, tem a consciência dos erros e da falta de ideias que caracterizam muitas vezes as edições dos jornais portugueses:

“ - Que há hoje no «Jornal da Noite»? - perguntou ele, bocejando, enquanto Baptista o descalçava.

- Eu li-o todo, meu senhor, e não me pareceu que houvesse coisa alguma. Em França continua sossego... Mas a gente nunca pode saber, porque estes jornais portugueses imprimem sempre os nomes estrangeiros errados” (138).

Repare-se na crítica que ressalta das palavras de Baptista ao pouco rigor linguístico dos textos da imprensa portuguesa, que não imprime correctamente os nomes estrangeiros. Paralelamente, incide sobre o facto de que, mesmo lendo todo o jornal, não encontrara nada que lhe tivesse chamado a atenção em particular, o que revela o carácter pouco interessante e pouco inovador dos textos, mesmo para um leitor menos culto, como era o caso de Baptista.

Alencar, procurando criticar Gouvarinho, afirma que este é “oco como uma coluna do «Diário do Governo»” (426). Esta afirmação é reveladora da natureza das publicações do governo, reflectindo o estado do mesmo, espelhada em ministros como Gouvarinho, voltado para o passado e com uma enorme falta de cultura. Ao comparar o Conde de Gouvarinho com uma coluna oca do *Diário do Governo*, Alencar salienta a incompetência do poder político e, por extensão, dos textos publicados no seu âmbito.

Mas é Eça que, n’*Os Maias*, melhor sintetiza e incorpora a opinião que Eça tinha acerca da imprensa quando, num diálogo com Melchior, caracteriza os jornais portugueses que, não proporcionando um espaço em que se possa efectivamente escrever sobre arte, sobre literatura, em nada contribuem para o desenvolvimento cultural da sociedade. Não deixa, porém, de atribuir culpas “à passividade abúlica do público, ao desinteresse geral”<sup>5</sup>. Eça apresenta a imprensa como mal estruturada, sem matérias com

---

<sup>4</sup> Isabel Pires de Lima, *O Complexo Ideológico da “miséria portuguesa” em Eça*, Porto, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 1984, p.31.

<sup>5</sup> Isabel Pires de Lima, *ibidem*, p.32.

verdadeiro interesse, deixando de lado o espírito crítico que deveria ser a maior virtude desta instituição. Aponta ainda a falta de qualidade de alguns artigos que, ainda para mais, são mal escritos, e a falta de ideias que ultrapassem o interesse pela vida social do *High Life* da capital:

“ - Então onde queria você que se falasse dos livros?...  
Nos repertórios?

Não, nas revistas críticas: ou então nos jornais – que fossem jornais, não papeluchos volantes, tendo em cima uma cataplasma de política em estilo mazorro ou em estilo fadista, um romance mal traduzido do francês por baixo e o resto cheio com anos, despachos, parte de política e lotaria da Misericórdia. E como em Portugal não havia nem jornais sérios nem revistas críticas – que se não falasse em parte nenhuma.

- Com efeito - murmurou Melchior - ninguém fala de nada, ninguém parece pensar em nada...

- (...) Mas em geral o silêncio dos jornais para com os livros provém sobretudo de eles terem abdicado de todas as funções elevadas de estudo e de crítica, de se terem tornado folhas rasteiras, de informação caseira, e de sentirem por isso a sua incompetência” (575-576).

Através da leitura deste excerto, podemos verificar que Ega critica o estilo dos textos produzidos pela imprensa portuguesa e, simultaneamente, a falta de rigor que a caracteriza, visível, por exemplo, na fraca tradução dos romances franceses. O fiel amigo de Carlos considerava que os jornais portugueses, repletos de assuntos sem verdadeiro interesse, como despachos ou a lotaria, sem textos em que transparecesse a reflexão acerca de assuntos importantes, não tinham espaço merecedor de acolher a cultura nas suas páginas. Daí que os caracterize como “folhas rasteiras, de informação caseira”, onde se torna evidente a falta de competência da imprensa face às questões por meio das quais tanto poderia intervir e educar o seu público.

É também através da leitura que Ega faz dos jornais, mais especificamente da *Gazeta Ilustrada*, que nos apercebemos da forma ridícula como a imprensa descreve o

Sarau da Trindade, elogiando a retórica ultrapassada e bajuladora de Rufino, e desencorajando os ideais filosóficos de Alencar:

“E enquanto esperava o almoço, Ega percorreu os jornais. Todos falavam do sarau, em linhas curtas, prometendo detalhes críticos, mais tarde, sobre esse brilhante torneio artístico. Só a «Gazeta Ilustrada» se alargava, com frases sérias, tratando o Rufino de «grandioso», o Cruges de «esperançoso»: no Alencar a «Gazeta» separava o filósofo do poeta; ao filósofo, a «Gazeta» lembrava, com respeito, que nem todas as aspirações ideais da filosofia, belas como miragens de deserto, são realizáveis na prática social; mas ao poeta, ao criador de tão formosas imagens, de tão inspiradas estâncias, a «Gazeta» desafogadamente bradava: «Bravo! Bravo!». Havia ainda outras abomináveis sandices”(629).

Prestemos atenção ao facto de a *Gazeta Ilustrada* deter um pobre espírito crítico, engrandecendo, antes, o bajulador Rufino, desvalorizando o talento de Cruges e os ideais sociais de Alencar. Ao elogiar, por outro lado, a poesia ultra-romântica do velho amigo de infância de Pedro da Maia, a *Gazeta Ilustrada* revela-se um jornal pouco virado para as novas correntes realistas e naturalistas da literatura. Por todos estes motivos, e sabendo o leitor que Ega era contra tudo o que a *Gazeta* valorizava no seu artigo acerca do Sarau, não é surpreendente a utilização da expressão “abomináveis sandices”, para ilustrar a visão que o amigo de Carlos possuía da descrição da noite cultural, feita por aquela publicação nacional.

Também Alencar, quando Carlos lhe pergunta, no final da obra, se ainda escreve poesia, assume um papel crítico face aos jornais portugueses, deduzindo que Carlos, agora longe da capital portuguesa, e por comparação com a imprensa internacional, já não encontraria qualquer valor na leitura dos periódicos do seu país:

“ - (...) Tu não viste nos jornais?... Está claro, não lês cá esses trapos que por aí chamam de gazetas” (694).

Saliente-se o uso do nome “trapos”, que, como sabemos, são tecidos velhos, sem qualidade, usado por Alencar para descrever as gazetas portuguesas, paradas no tempo,

com pouca abertura à mudança, contrariando jornais de qualidade reconhecida por toda a Europa e que, provavelmente, continuariam a ser a preferência de Carlos que, aliás, como visto anteriormente, já quando vivia em Portugal, preferia a imprensa francesa ou a inglesa.

Ainda n' *Os Maias* há episódios que mostram bem o funcionamento da imprensa portuguesa de oitocentos. Um deles é o da *Corneta do Diabo*, jornal que, pondo em risco o bom nome de Carlos, o leva a concluir que “só Lisboa, só a horrível Lisboa, com o seu apodrecimento moral, o seu rebaixamento social, a perda inteira de bom senso, o desvio profundo do bom gosto, a sua pulhice e o seu calão, poderiam produzir uma «Corneta do Diabo»”(532). Os directores do jornal eram Silvestre e Palma, que redigiam todo o jornal, como era comum na época. Esta publicação vivia da exploração dos podres sociais e de chantagens, matéria facilmente vendida a uma sociedade em decadência que, vítima de uma vida vazia e tantas vezes fútil, vibrava com os escândalos e desgraça alheios. Repare-se como os interesses pessoais prevalecem na selecção de textos a publicar, uma vez que Palma Cavalão tão facilmente permite que um texto difamatório faça parte das páginas do seu jornal, como também rapidamente o retira de circulação, a troco do dinheiro que Carlos, através de Ega, lhe oferece. Afirma-se, assim, que grande parte da imprensa portuguesa, de que esta *Corneta do Diabo* é vivo exemplo, esquecerá há muito a qualidade das suas publicações, dando lugar a textos que espelhavam a falta de carácter de quem os escrevia, deixando também evidente a falta de escrúpulos de quem os publicava.

A *Tarde* é um jornal que defende e elogia de acordo com os seus interesses políticos. É órgão do partido do Gouvarinho, defendendo deputados e políticos convenientes, assim como poetas amigos, como é o caso do Craveiro, e sempre pronto a atacar o inimigo. Vejamos um excerto do diálogo entre Ega e Gonçalo, um dos colaboradores deste jornal, que ilustra o poder do interesse político:

“Mas Ega, justamente, achava uma desgraça incomparável para o país esse imoral desacordo entre a inteligência e o carácter. Assim, ali estava o amigo Gonçalo, como homem de inteligência, considerando o Gouvarinho um imbecil...

- Uma cavalgada - corrigiu o outro.

- Perfeitamente! E todavia, como político, você quer essa cavalgada para ministro, e vai apoiá-la com votos e com discursos sempre que ela relinche ou escoucine” (578).

É notório, neste diálogo, que Ega aponta o dedo a Gonçalo, afirmando que este, mesmo tendo consciência da imbecilidade de Gouvarinho e da sua falta de competência para fazer parte do governo do país, ainda assim o apoia nas páginas do jornal, muito provavelmente esperando outros favores que mais tarde viriam como recompensa.

Já em *A Ilustre Casa de Ramires*, se manifesta a indignação de Gonçalo pelo facto de, devido ao poder político de André Cavaleiro, nenhum jornal denunciar a sua falta de escrúpulos, pelo medo das represálias que poderiam sofrer, mesmo os jornais de oposição:

“ – Mas que preciosa maroteira!... E não se tem falado? Esse jornal de oposição, o «Clarim de Oliveira», nem uma denúncia, nem uma alusão?...

O Guedes pendeu a cabeça, descoroado. O sr. Gonçalo Ramires conhecia bem essa gente do «Clarim»... Estilo – e estilo brincado, opulento... Mas para assoalhar, assim num caso gravíssimo como o do Noronha, a verdade bem nua – pouco nervo, nenhuma valentia.” (110-111)

É clara, neste excerto, a crítica feita ao *Clarim de Oliveira*, que representa todos os jornais que bajulam o poder vigente e escondem os seus podres, mesmo conscientes da sua abundante existência. Salienta-se, pois, a cobardia de alguns jornais face ao poder, deixando-se corromper pelo mesmo, e acabando por servir os seus propósitos. Podemos afirmar que a imparcialidade da imprensa é aqui colocada em causa, uma vez que protege, neste caso, ao actos pouco merecedores de aplausos de André Cavaleiro.

Em *O Crime do Padre Amaro*, o Comunicado de um homem humilde como João Eduardo tem impacto no clero, devido à sua publicação e divulgação num jornal. No entanto, por mais que este Comunicado tenha incomodado os membros da Igreja da cidade de Leiria, é facilmente abafado. Na verdade, é interessante analisarmos a ingenuidade de João Eduardo, ao pensar que o jornal da oposição teria mais poder do que a Igreja, o que, na verdade, não acontecia. Aliás, e como se tornou tão evidente através da História, há todo um jogo de interesses que une o poder ao clero e, mais

tarde, à própria imprensa. O que quer dizer que a própria Igreja tinha jornais de apoio que se revelavam bem mais fortes do que os da oposição, uma vez que eram poucos os que ousavam colocar-se no caminho de uma instituição religiosa com tanto poder social. No conflito “Amaro *versus* João Eduardo, é um *Comunicado*, publicado e divulgado pela imprensa que se constitui uma arma – temporariamente acessível a João Eduardo – para atacar o clero.”<sup>6</sup> Porém, como acaba depois por se constatar, na evolução da intriga, não surte o impacto esperado pelo jovem enamorado de Amélia e enciumado da relação desta com Amaro.

Finalmente, em *A Cidade e as Serras*, podemos observar um momento em que a crítica repousa não num jornal português, mas numa publicação francesa, o que comprova que, como já visto anteriormente, Eça, apesar de ter vivido muito tempo em Paris e de ter consciência da superioridade de alguns dos seus periódicos em relação aos do seu país, consegue, porém, detectar-lhes alguns pontos fracos:

“Ele sorriu à minha deliciosa pilhéria, - e eu abri, contente, a «Voz de Paris». Na primeira coluna, através de uma prosa muito retorcida, toda em brilhos de jóia barata, entrevi uma princesa nua, e um capitão de dragões, que soluçava. Saltei a outras colunas, onde contavam feitos de *cocottes* de nomes sonoros. Na outra página escritores eloquentes celebravam vinhos digestivos e tónicos. Depois eram crimes. - Não há nada de novo” (236).

Neste excerto, Zé Fernandes reconhece, na *Voz de Paris*, colunas de pouca qualidade, com uma história pouco interessante, futilidades do *High Life*, crimes, e uma página sobre vinhos digestivos e tónicos. No fundo, nada que entusiasmasse um leitor como Zé Fernandes.

Como tivemos oportunidade de ver, Eça tinha uma opinião muito delineada acerca do jornal no século XIX. Sabia o poder social que os periódicos detinham, muitas vezes exercido de forma negativa, esquecendo a função pedagógica e culturalmente enriquecedora que a imprensa deveria ter. Ao longo dos seus romances, faz de algumas personagens veículos da crítica que pretende veicular, aproveitando

---

<sup>6</sup> Beatriz Berrini, *ibidem*, p.277.

também os lances da intriga para, ironicamente, traçar o retrato da imprensa do século em que viveu.



**3**

**... COMO ESPAÇO DE REDACÇÃO**



O espaço de redacção do jornal surge em alguns dos romances de Eça como um ambiente que reflecte a falta de qualidade do que se escrevia, aliado à imagem do jornalista que produz essa informação. Ao longo do século XIX, não só na capital portuguesa, como em outros pontos do país, com a existência de um número cada vez maior de periódicos, proliferavam espaços que constituíam a sede dos jornais e o local onde os artigos eram escritos e o jornal era gerido.<sup>1</sup>

A sala de redacção era, regra geral, local de grande confusão, onde emergia a figura do director. As redacções dos jornais adquiriam um movimento interessante, por exemplo, durante as crises partidárias e em vésperas de quedas dos governos.

No universo do corpus seleccionado para esta dissertação, a referência a redacções de jornais encontra-se em dois romances: *Os Maias* e *O Crime do Padre Amaro*.

N' *Os Maias*, a redacção da *Corneta do Diabo* é descrita como um “antro”, palavra com conotação negativa, uma vez que o que se escrevia neste periódico em nada tinha a ver com a preocupação de formar a sociedade, de fornecer informação interessante e construtiva. Pelo contrário, o importante era produzir notícias que vendessem e, muitas vezes, publicadas a pedido de outros e a troco de dinheiro e de favores pessoais:

---

<sup>1</sup> Por curiosidade, deixamos aqui registado um exemplo da transformação da instalação de vários jornais num dos bairros mais antigos e tradicionais da capital: “A partir de finais do século XIX, boa parte da nobreza tradicional abandonava o Bairro Alto, em Lisboa, que assistia à instalação de fábricas e ao nascimento da maioria dos jornais lisboetas, alterando a funcionalidade de vários edifícios. Em 1881, instala-se no Palácio dos Viscondes de Lançada o jornal *O Século*, fundado por Magalhães Lima. O palácio recebeu então inúmeras alterações, embora o corpo central e a entrada principal conservem ainda as características monumentais setecentistas de origem, tendo-se igualmente mantido a escadaria interior, em mármore, e alguns silhares de azulejos com bastante interesse. A partir de 1905 são adicionados três pisos ao edifício, destinados ao Bairro Operário de *O Século*, ocupando ainda parte do que fora a quinta dos Viscondes de Lançada, com entrada pelo n.º 59 do imóvel. A capela do palácio, dedicada a Nossa Senhora do Monte do Carmo, foi então transformada em casa de máquinas de impressão. Mas particularmente ligadas à história do jornal ficariam as obras de princípios do século XX, quando foi anexada uma parte do contíguo Palácio Pombal, reconstruída para receber oficinas, escritórios e uma redacção *belle époque*, salão amplo e de pé-direito duplo, ritmado por graciosos colunelos em ferro, altos e finos, com capiteis trabalhados, e mobilada com balcões em madeira, cristais e latões dourados, cujo acesso se faz por uma porta rotativa. Na fachada, ressalta a ampla utilização do ferro forjado e do vidro, em janelões com guardas de ferro policromado (em vermelhão) típicas da arquitectura da época, e que vazam por inteiro os dois andares intermédios. Para além do valor patrimonial, como interessante exemplar da arquitectura do ferro e do ecletismo de finais do século XIX e da primeira metade do século XX, parte da relevância deste imóvel prende-se com a própria história da imprensa em Portugal, cuja influência viria mesmo a modificar a toponímia das freguesias do Bairro Alto; assim a Rua Formosa passou a chamar-se Rua do Século (desde 1911), e a Rua dos Calafates é hoje a Rua do Diário de Notícias, para citar apenas os periódicos de maior destaque num movimento que marcou fortemente o perfil cultural do bairro.” – in <http://www.sg.maotdr.gov.pt/Galeria/sHistSeculo.htm> (informação da Secretaria-Geral do Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional).

“Por esse sólido princípio correrá a procurar o Palma «Cavalão» no seu antro. (...) Fora pois ao antro. E encontrara as coisas dispostas pelas mãos hábeis de uma Providência amiga. Primeiramente, depois de imprimir cinco ou seis números, a máquina, esfalfada na prática daquelas maroteiras, desmanchara-se” (538).

Repare-se que a *Corneta do Diabo* é de imediato associada ao seu jornalista, Palma Cavalão, tão mesquinho quanto os artigos do seu jornal. Ega tem a sorte de encontrar ainda a publicação antes da circulação, uma vez que a fraca qualidade dos equipamentos utilizados atrasara o processo. Assim, podemos encontrar um elemento revelador do fraco investimento tecnológico que os directores faziam nos jornais, o que levava a que, muitas vezes, o equipamento avariasse e a publicação de um número fosse atrasada. Esta falta de equipamentos de boa qualidade pode também aludir ao facto de os jornais precisarem de homens de poder que a eles se associassem e, daí, terem de sucumbir aos interesses daqueles que neles investiam. É de notar ainda que as notícias publicadas são caracterizadas como “maroteiras”, salientando-se o carácter pouco sério desta publicação, que vivia da difamação alheia. A redacção da *Corneta do Diabo* apresenta-se como um local pouco profissional, reflectindo o também pouco profissionalismo do seu director, Palma Cavalão.

O espaço do jornal *A Tarde* apresenta, em primeiro lugar um pátio que, apesar de pertencer a um edifício aparentemente elegante, revelava um odor extremamente desagradável:

“Era a redacção d’«ATarde».

Dentro do pátio desse jornal elegante fedia” (571).

Repare-se na expressividade da utilização da forma verbal “fedia”, como forma de tornar evidente, perante o leitor, o cheiro horrífico que caracterizava um espaço que, à partida, deveria ser limpo e propício à escrita. Um local sério, onde se escreviam coisas sérias jamais apresentaria um odor daqueles, o que, desde logo, nos ajuda a perceber que tipo de jornal seria aquele.

Já no espaço interior, a sala era vasta e iluminada por bicos de gás sem globo, com pessoas a discursar e outras a ouvir, e outros sujeitos sentados a escrever. É aqui que Ega vai encontrar Neves, director do jornal:

“Foi encontrá-lo numa vasta sala alumiada por bicos de gás sem globo, sentado na borda de uma mesa atulhada de jornais”(571).

Veja-se a pouca preocupação em tornar este local apazível, mesmo em termos decorativos. É um lugar frio, pouco acolhedor, com bicos de gás sem globo e pouca arrumação, uma vez que os jornais estavam todos atulhados, reflectindo a pouca organização do director, Neves, que paralelamente desempenhava a função de político. No espaço de redacção, juntavam-se vários indivíduos, ou para saber as novidades em primeira mão, ou com o objectivo de conseguir um emprego, ou ainda por interesses particulares ou políticos. Outros ali iam apenas para passar o tempo. Juntavam-se também ali deputados que a crise arrastara para Lisboa e que viam em Neves a oportunidade de um cargo, dada a influência concedida pelo apoio que o seu jornal exercia junto de políticos poderosos:

“Muitos frequentavam este espaço e iam “às noites, àquele jornal do partido<sup>2</sup>, saber as novas, beber do fino, uns com esperanças de empregos, outros por interesses de terriola, alguns por ociosidade” (573).

O ambiente da redacção do jornal *A Tarde* mais parece um grande convívio do que um espaço profissional onde os esforços se deveriam conjugar para construir bons artigos, úteis à sociedade. De facto, ali se ri, bebe e conversa-se, batem-se palma a alguns e injuriam-se outros, tudo disto nas costas, está claro, como convinha aos mais cobardes e bajuladores. Até padres frequentavam este espaço, o que, mais uma vez, vem sublinhar a ligação da Igreja à política e à imprensa. Vejamos este trecho, em que Gouvarinho é

---

<sup>2</sup> Muitos jornais sofriam influência partidária e empregavam redactores políticos. É o caso, por exemplo, do *Progresso*, ligado ao Partido Progressista, ou do *Correio da Noite* que, apesar de procurar a independência partidária, acabou por nela se envolver.

ridicularizado, não obstante o facto de o jornal, ainda assim, o apoiar, reconhecendo a sua grande influência política.:

“A rapaziada arregalou os olhos para o Neves, à espera da «do trapézio». Fora na Câmara dos Pares, na reforma da instrução. Estava falando o Torres Valente, esse maluco que defendia a ginástica dos colégios e queria as meninas a fazerem a prancha. Gouvarinho ergue-se e atira-lhe esta: «Sr. Presidente, direi uma palavra só. Portugal sairá para sempre da senda do progresso, em que tanto se tem ilustrado, no dia em que nós formos ao ensino, com mão ímpia, substituir a cruz pelo trapézio!»

- Muito bem! - rosou um dos padres, profundamente satisfeito” (574).

Note-se como a mesma crítica que é feita por Eça ao ensino é também feita à imprensa, ambos com a função de educar a sociedade, acordar consciências, mudar a sociedade e o mundo. No entanto, caminhavam lado a lado no caminho oposto, atrasados em relação ao resto da Europa. De salientar a satisfação de um dos padres presentes na redacção do jornal, que aprova as palavras de Gouvarinho, mostrando que, à Igreja, representada pela cruz colocada nas salas de aula, interessava continuar a poder manipular os crentes com ideias convenientes a si e ao governo que apoiava, contando ainda com a ajuda de influentes jornais. Repare-se também como, a certa altura, Melchior, redactor do jornal, abre um gavetão e retira daí uma escova para, desesperadamente, tentar retirar o cal que abundava no local da redacção onde escrevia, do que, mais uma vez, se pode concluir do estado de degradação e de idade avançada do edifício onde o jornal *A Tarde* se instalara:

“Abriu um gavetão, sacou uma escova, rompeu a escovar-se com desespero. E Ega ia ajudá-lo, limpar-lhe as costas cheias de cal” (577).

Logo de seguida, Gonçalo, também político, pergunta a Ega o que fazia este naquele “covil da notícia”. (578) É, desde logo, interessante a expressão com que

descreve a redacção daquele jornal. Um “covil”, como sabemos, é uma palavra com conotação negativa, quase como uma toca onde as feras se juntam e congeminam. Pois assim é este significado associado àquela redacção, onde jornalistas se reúnem num espaço pouco convidativo, pouco organizado, para escreverem artigos que bajulam quem politicamente lhes interessa, e difamam quem lhes é opositor. É na sala onde todos se reúnem que, quando Gonçalo grita a palavra “dinheiro”, esta parece ficar a vibrar na atmosfera “quente do gás”(579). Todos, na sala, se calam, como se aquela palavra acordasse as suas cobiças.

Em contraste com a sala do jornal *A Tarde*, alumada pelos bicos de gás sem globo, temos a redacção da *Voz do Distrito*, no *Crime do Padre Amaro*, que “fora criada por alguns homens, a que chamavam em Leiria o «Grupo do Maia», particularmente hostis ao sr. governador civil”. (161) O espaço do jornal lembrava uma caverna, iluminada por um horrível candeeiro a petróleo, constituindo como que o reinado solitário de Agostinho, redactor do periódico e sempre pronto a publicar qualquer notícia que abalasse algum membro do clero:

“Àquela hora da noite a sala da tipografia no primeiro andar estava fechada (o jornal tirava-se aos sábados); e João Eduardo encontrava em cima Agostinho abancado, com uma velha jaqueta de peles cujos colchetes de prata tinham sido empenhados - ruminando, curvado, à luz de um medonho candeeiro de petróleo, sobre longas tiras de papel: estava fazendo o jornal, e a sala escura em redor tinha o aspecto de uma caverna”(162).

É de salientar, em primeiro lugar, o facto de Agostinho trabalhar sozinho numa sala que é descrita como uma “caverna”, como um lugar escondido, onde o jornalista congeminava contra os inimigos do jornal. É expressivo o uso do adjetivo “medonho” para qualificar o candeeiro de petróleo, à luz do qual Agostinho trabalhava. Mais uma vez, vemos a pouca preocupação com a decoração do espaço, que se transforma num ambiente pesado, hostil, escuro, como se algo de terrivelmente secreto ali tivesse a sua génese, onde o jornalista ruminava como uma fera à procura da sua próxima vítima. É igualmente curioso o facto de ser referido que os colchetes de prata haviam sido empenhados, o que é revelador do baixo estatuto de muitos jornalistas que trabalhavam

por contra de outrem e que, por vezes, ambicionavam viver acima das suas possibilidades.

A certa altura, o narrador afirma que João Eduardo, encontrando-se na redacção com Agostinho, “estirava-se no canapé de palhinha, ou indo buscar a um canto a velha guitarra de Agostinho, repenicava o *fado corrido*.” (162) Veja-se como se encontra um elemento decorativo pouco usual em ambientes de trabalho: um canapé de palhinha. Tal acontecia, uma vez que a redacção do jornal *A Voz do Distrito* era também o local onde Agostinho vivia, qualificado este espaço pelo narrador como “um terceiro andar desmantelado numa viela ao pé da Praça”(161). Paralelamente, Agostinho ali mantinha a sua guitarra, esperando talvez que o fado o inspirasse na sua escrita.

Como podemos observar, as redacções dos jornais alternam entre um espaço solitário, onde apenas um redactor trabalha no seu pequeno reino e que, no caso do romance *O Crime do Padre Amaro*, conspira contra o clero, e um espaço mais amplo, onde vários indivíduos trabalham e convivem com outros que, por diversos propósitos, por ali aparecem durante a noite<sup>3</sup>,

---

<sup>3</sup> Escreve Eduardo Noronha, secretário de redacção do *Novidades*, a propósito das horas que Eça passava nesse jornal: “Eça de Queirós, quando residia em Lisboa, demorava-se quotidianamente algumas horas na redacção das *Novidades*. Palestrava, narrava factos, comentava sucessos, desfechava um dito a propósito, sabia milhões de anedotas, numa palavra, ouvi-lo era um encanto. Um dia pede-me:

“- Ó Noronha, você põe no *Carnet Mondain* a notícia de que fulanas e sicranas chegaram a Lisboa.

“- Meu caro doutor, o senhor que há tanto tempo não escreve uma linha para o jornal, tem aí pena e papel. Os tipógrafos hão-de exultar de compor a sua bela prosa - retorqui a rir.

“-Não exultam muito porque a minha caligrafia é péssima - retrucou Eça ajeitando o típico monóculo - mas lá vou redigir esse artigo de fundo.” (Eduardo Noronha, *Vinte e cinco anos nos bastidores da política*. Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1913, p.346.)

**4**

**TEMAS FREQUENTES  
ASSOCIADOS AOS PERIÓDICOS**



## **4.1**

# **O PALCO DE CONFLITOS PESSOAIS**



Vários jornais do século XIX apresentavam páginas que esqueciam os artigos de real interesse construtivo, privilegiando outros que verdadeiramente serviam como espaço de resolução de conflitos pessoais. Mais uma vez, encontramos, no *corpus* seleccionado, várias passagens em que a utilização do jornal para este propósito é evidente, chegando até, por vezes, a ser empregue linguagem imprópria como forma de insulto. Ter, nestas ocasiões, conhecimentos na redacção de jornais era considerado um privilégio, uma vez que vários indivíduos, com o intuito de vingança, conseguiam, através dessas relações proveitosas, publicar textos injuriosos contra aqueles que consideravam inimigos.

N' *Os Maias*, numa das noites de convívio no Ramalhete, falou-se “do duelo do Azevedo da «Opinião» com o Sá Nunes, autor de «El-Rei Bolacha», a grande mágica da Rua dos Condes, e ultimamente ministro da Marinha: tinham-se tratado furiosamente nos jornais de *pulhas* e de *ladrões*”(126). Repare-se como nem as páginas dos periódicos escapavam à utilização de linguagem pouco apropriada, passando o jornal a ser um palco de troca de insultos, ao invés de seguir aquele que deveria ser o seu grande objectivo: informar com qualidade. É interessante observarmos que este maldizer recíproco é caracterizado como um “duelo”, neste caso, de palavras, espelhando uma utilização da língua pouco digna das páginas que imensos portugueses liam todos os dias. Julgamos importante focar ainda que esta resolução de problemas de modo insultuoso se passa entre dois indivíduos que não pertencem a classes desprivilegiadas, sendo um deles, o Azevedo da *Opinião*, representante da classe jornalística, e o outro, Sá Nunes, ministro da Marinha. Era, pois, à partida, de se esperar que outro tipo de conduta e outra linguagem fossem utilizadas por personagens com um determinado estatuto social, o que, de facto, não acontece.

Também neste romance não pode ser esquecido o texto que Dâmaso pretendia que fosse publicado na *Corneta do Diabo* para difamar Carlos e Maria Eduarda. e Descobrimo que estaria a decorrer um romance entre Maria Eduarda, que desejava para amante, e Carlos, que em tudo procurava imitar, Dâmaso fica enfurecido e, num desejo de vingança, escreve um texto difamador contra o casal. Este tipo de publicação revela a cobardia de Dâmaso, que, frente a frente, perdia toda a coragem para se opor a quem considerava seu adversário. Felizmente, Ega chega à redacção a tempo de evitar que o texto seja publicado, para além das cópias que haviam sido enviadas para Carlos e Maria:

“Inquieto, Carlos descintou o jornal. Chamava-se a «Corneta do Diabo»: e na impressão, no papel, na abundância dos itálicos, no tipo gasto, todo ele revelava imundice e malandrice. Logo na primeira página, duas cruces a lápis marcavam um artigo que Carlos, num relance, viu salpicado com o seu nome. E leu isto: «Ora viva, sô Maia! Então já se não vai ao consultório, nem se vêem os doentes do bairro, *sô janota?* (...) Ainda assim, o sô Maia só apanhou os restos de outro, porque a tipa, já antes de ele se enfeitar, tinha *pandegado* à larga, aí para a Rua de S. Francisco, com um rapaz da fina, que se safou também, porque cá como nós só *aprecia a bela espanhola*. Mas não obsta que o sô Maia seja um traste! Pois se assim é, dissemos nós, cautelinha, porque o Diabo cá tem a sua *Corneta* preparada para cornetear por esse mundo as façanhas do *Maia das conquistas*. Ora viva, sô Maia!»

Carlos ficou imóvel entre as acácias, com o jornal na mão. (...) Sentou-se por fim no banco de cortiça, descintou a «Corneta», sobrescrita para Maria, releu lentamente a prosa imunda” (530-532).

Logo no início deste excerto, é de salientar a utilização expressiva dos nomes “imundice” e “malandrice” como caracterização do jornal. *Imundo* é uma palavra com conotação ainda mais negativa do que *sujo*. Ou seja, o que se escrevia neste jornal e a conduta do seu director, Palma Cavalão, eram tão sórdidos e mesquinhos, que era quase inacreditável como uma publicação jornalística podia receber nas suas páginas textos sem nenhuma utilidade social, tão mal escritos e que espelhavam uma utilização tão vergonhosa da língua portuguesa. Além disso, eram textos que reflectiam a “malandrice” de quem estava por trás deles, ou seja, um carácter rasteiro, que revelava a má fé daqueles que desejam ver a sua publicação.

Dâmaso inicia a sua carta questionando a dedicação de Carlos ao trabalho, aos seus doentes, dando a entender que o amante de Maria Eduarda não passaria de um dandy e diletante, daí o uso da expressão “sô janota”. Depois, atinge Maria Eduarda, dando a entender que esta teria várias relações, para além de Castro Gomes e de Carlos, levando uma vida de prazeres. Reparemos na utilização da forma verbal “tinha

*pandegado*” como forma de sujar completamente a imagem de Maria, fazendo dela quase uma meretriz, que procurava este tipo de vida pelo prazer que a luxúria lhe proporcionava. Dâmaso prossegue com a sua escrita, apelidando Carlos de “traste”, como alguém que não tem qualquer valor, vivendo da conquista de mulheres alheias, chamando-o de “Maia das conquistas”. É de salientar ainda o uso sarcástico do diminutivo na palavra “cautelinha”, como uma advertência de que haveria sempre um jornal, como a *Corneta do Diabo*, pronto a denúncias, sem o mínimo escrúpulo. Assim, é interessante colocarmos a nossa atenção na utilização pelo próprio Dâmaso da forma verbal “cornetear”, que nasce do título do próprio jornal, para mostrar que tal como o som da corneta se faz ouvir alto e em bom som, também este periódico estaria sempre pronto para espalhar aos quatro cantos de Portugal os podres dos nomes mais conhecidos da sua sociedade.

Mesmo ainda desconhecendo a identidade do autor da carta, Ega previu logo que o “inspirador da «Corneta» devia ser alguém (...) que tinha, por ciúme ou vingança, um desejo ferrenho de magoar Carlos; alguém que sabia a história de Maria; e enfim alguém que era um covarde”(539). Mais tarde, sem referirem o nome de Maria Eduarda, contam ao maestro que “o Dâmaso publicara num jornal, a «Corneta do Diabo» (cuja tiragem eles tinham suprimido, não sendo possível por isso mostrar o número imundo), um artigo em que a coisa mais doce que se chamava a Carlos era «pulha»”(549). Só um homem rancoroso como Dâmaso, vivendo de aparências e revelando, junto de quem de perto o conhece, uma falta imensa de cultura e de princípios, poderia preparar um cilada deste calibre contra Carlos. É notória a cobardia deste homem que precisava de se apoiar numa escrita anónima e de nível degradante para limpar o seu orgulho ferido e a inveja daquele por quem, afinal, nunca nutrira uma amizade sincera mas, pelo contrário, oportunista.

Dâmaso Salcede, forçado por Ega, escreve uma carta, retractando-se da calúnia que levantara contra Carlos. Este, no final, não faz questão de manter a missiva, pedindo a Ega que lhe desse o destino que achasse melhor. O amigo de Carlos da Maia, enciumado pelo facto de ter começado a ver frequentemente Raquel Cohen na companhia de Dâmaso, e também revoltado pelo que este havia engendrado contra o seu grande amigo, começa a ponderar a publicação daquela carta com o propósito de envergonhar Salcede perante toda a opinião pública, o que, provavelmente, seria o pior castigo que um homem que vivia de convívios sociais fúteis, para quem ser *chique* aos olhos dos outros era tudo, poderia esperar:

“Que efeito, que soberbo efeito se aquela confissão do nosso «distinto *sportman*» surgisse um dia na «Gazeta Ilustrada» ou no novo jornal «A Tarde», nas colunas do *High Life*, sob este título: «Pendência de honra!» E que lição, que meritório acto de justiça social” (563).

Ega decide, pois, pagar a Dâmaso na mesma moeda, acabando por procurar publicar a sua vergonhosa carta no jornal *A Tarde*, dirigindo-se, para tal, à redacção, para falar com Neves:

“Ao ver o Ega (um íntimo do Gouvarinho) ali na redacção, naquela noite de intriga e de crise, Neves cravou nele os olhos tão curiosos, tão inquietos, que o Ega apressou-se a dizer:

- Nada de política, negócio particular... Não te interrompas. Depois falaremos.

O outro findou a injúria que estava lançando ao José Bento, «essa grande besta que fora meter tudo no bico da amiga do Sousa e Sá, o par do «Reino» - e na sua impaciência saltou da mesa, travou do braço de Ega, arrastando-o para um canto:

- Então que é?

- É isto, em quatro palavras. O Carlos da Maia foi ofendido aí por um sujeito muito conhecido. Nada de interessante. Um parágrafo imundo na «Corneta do Diabo», por uma questão de cavalos... O Maia pediu-lhe explicações. O outro deu-as, chatas, medonhas, numa carta que quero que vocês publiquem” (571-572).

Note-se que, quando repara em Ega, Neves encontra-se ele próprio a escrever uma injúria contra José Bento, a quem apelida de “besta”. Por aqui vemos que estes ajustes de contas nas páginas dos jornais não eram propriedade única da *Corneta do Diabo*. O jornal *A Tarde* também assim o fazia. Inclusive, conseguimos perceber a impaciência de Neves em saber que tipo de negócio Ega lhe iria propor. O companheiro de Carlos da Maia descreve o que Dâmaso escrevera contra Carlos como um “parágrafo imundo”, mas não conta o real motivo pelo qual Salcede tivera tal atitude. Ega acaba

por convencer Neves a publicar a carta que Dâmaso, mais uma vez cobarde, escrevera, e que descreve como uma série de explicações “chatas, medonhas”. É realmente expressivo o uso do adjectivo “medonhas”, que coloca as palavras de Dâmaso num patamar de mediocridade extrema. De facto, as palavras que escreve são de um nível muito baixo, sem o mínimo respeito pelas pessoas às quais se dirige.

Em *O Primo Basílio*, lembremo-nos que Juliana, no meio da chantagem que estava a exercer sobre Luísa, e cada vez mais invejosa da condição social superior da patroa, repleta de raiva, ameaça ir para os jornais contar o caso desta com Basílio, o que prova a grande importância que naquela altura a imprensa já tinha na formação da opinião pública, assim como a larga circulação da palavra escrita, através do jornal. Juliana sabe que, por esse facto, seria muito fácil a rápida difamação de alguém conhecido no seio da sociedade lisboeta:

“E o que eu passei com a bruxa da tia! É o pago que me dão! Os diabos me levem se eu não for para os jornais” (397).

A utilização das páginas dos jornais como forma de ataque pessoal a outrem também marca presença em *A Ilustre Casa de Ramires*. Logo nas primeiras páginas, o leitor toma conhecimento de que Gonçalo Ramires escreve um artigo para a *Gazeta do Porto*, contra André Cavaleiro. Neste ponto do romance, ainda desconhece o leitor as razões pessoais que o conduzem a tomar esta atitude. Só mais adiante na narrativa, o leitor descobre que André Cavaleiro havia, no passado, abandonado Gracinha, irmã de Gonçalo, sem ao menos uma carta, causando-lhe enorme desgosto e traindo a amizade que unia as duas personagens. Assim, Gonçalo decide escrever um artigo maldizendo André Cavaleiro que, entretanto, ascendera ao cargo de governador civil. No entanto, não coloca a sua assinatura no artigo, preferindo utilizar o pseudónimo *Juvenal*, como o pai fazia:

“Realmente só na Páscoa do quinto ano retomou a pena – para lançar, na «Gazeta do Porto», contra um seu patrício, o dr. André Cavaleiro, (...) duas correspondências muito acerbas, de um rancor intenso e pessoal (a ponto de chasquear «a feroz bigodeira negra de Sua Excelência»). Assinara «Juvenal», como outrora o pai, quando publicava comunicados políticos de

Oliveira nessa mesma «Gazeta do Porto», jornal amigo, onde um Vilar Mendes, seu remoto parente, redigia a «Revista Estrangeira»” (12).

Saliente-se o uso da palavra “rancor”, que demonstra um profundo ressentimento, que não conhece perdão, e um desejo de vingança, que caracterizam as duas correspondências escritas por Gonçalo contra André Cavaleiro. À medida que o romance avança, damos-nos conta de que o forte ressentimento de Gonçalo se mantém, quando vai descobrindo novas façanhas de André Cavaleiro, voltando a escrever contra este, procurando denunciar a sua falta de carácter perante a sociedade:

“E sem emperrar, sem rascunhar, num desses soltos fluxos de prosa que brotam da paixão, improvisou uma «Correspondência» rancorosa para a «Gazeta do Porto» contra o senhor governador civil. Logo o título fulminava: «Monstruoso Atentado». Sem desvendar o nome da família Noronha, contava miudamente como um acto certo e por ele testemunhado, « a tentativa vilosa e baixa da primeira autoridade do distrito contra a pudicícia, a paz do coração, a honra de uma doce rapariga de dezasseis primaveras»” (112-113).

É de notar que o texto escrito por Gonçalo é qualificado como prosa “rancorosa”, palavra que coloca o sentimento que este nutre por André muito para além do ressentimento. É um verdadeiro desejo de vingança, de querer ver o seu antigo amigo pagar pelos erros que contra a sua família cometeu no passado. Daí que a escrita de Gonçalo seja muito mais emocional do que racional, pouco reflectida, espontânea, fruto de um ímpeto forte de rancor, como se pode ver, desde logo, pelo título escolhido pelo ilustre membro da casa de Ramires: “Monstruoso Atentado”. André Cavaleiro é descrito como um vilão, de poucos valores, desrespeitador e desonrado.

Contudo, Gonçalo temia as consequências da sua prosa impulsiva e fortemente condenadora de alguém tão influente como o governador civil. Por isso, mesmo protegido pelo pseudónimo, receando o impacto da publicação do seu artigo, decide recolher discretamente a Santa Ireneia:

“A «Gazeta do Porto», com a «Correspondência» vingadora, devia desabar sobre Oliveira na quarta-feira de manhã, dia dos anos da prima Maria Mendonça. Mas Gonçalo, ainda que não temesse (ressalvado pelo seu pseudónimo de «Juvenal») uma briga grosseira com o Cavaleiro nas ruas da cidade, nem mesmo com algum dos seus partidários servis e façanhudos, como o Marcolino do «Independente», recolheu discretamente a Santa Ireneia na terça-feira” (117).

Gonçalo conhecia o poder da imprensa da época e as consequências que teria a publicação da sua “Correspondência” na *Gazeta do Porto*, daí temer não só André, como também outros que o apoiavam, entre os quais jornalistas com poder, como era o caso do Marcolino do *Independente* e que, facilmente, poderiam arrasar com Gonçalo nos jornais, caso o soubessem autor daquele texto. Porém, mais tarde, abrindo-se-lhe a possibilidade de uma carreira política, e sabendo que seria fundamental o apoio de André, Gonçalo decide, por interesse próprio, colocar de lado o orgulho e o rancor, ainda que confesse, num diálogo com Gouveia, temer a reacção do Cavaleiro à tentativa de reconciliação, tendo consciência do que havia escrito contra este:

“Porque, enfim, Gouveia, eu, nas minhas «Correspondências» para a «Gazeta do Porto», tenho sido feroz com o Cavaleiro” (140).

Em *O Crime do Padre Amaro*, João Eduardo deseja vingança contra Amaro, devido às investidas deste junto de Amélia, ainda para mais sendo membro do clero, classe que o escrevente despreza profundamente. Completamente enciumado, decide, em conversa com o tipógrafo da *Voz do Distrito*, escrever um artigo contra o seu adversário, uma vez que aquele jornal mantinha um ódio de estimação contra os membros da Igreja. Acaba por ser publicado um “Comunicado”, em que João procura alertar as mães de família contra os membros do clero, que seriam como lobos disfarçados de cordeiros. No entanto, João não assina o artigo com o seu nome, mas sim sob o pseudónimo de “Um liberal”, revelador da consciência do impacto sobre si próprio se conhecessem a identidade do autor de um artigo que tanto maldizia pessoas detentoras de certo poder:

“E Agostinho declarou ao escrevente - que a coisa publicava-se como um «Comunicado», assinado: «Um liberal». Somente João Eduardo terminava o artigo exclamando: «Alerta, mães de família!» O Agostinho sugeriu que este final *alerta* podia dar lugar à réplica jocosa «Alerta está!» E depois de largas combinações, decidiram-se por este fecho: «Cuidado, sotainas negras!»”(166).

Como podemos observar, João Eduardo procura, indirectamente, alertar para a depravação dos costumes por parte do clero, representados pelas suas “sotainas negras”. Não ataca directamente os membros da Igreja, mas, através da expressão utilizada, o leitor facilmente percebe qual o alvo a atingir. Com isto, alerta a sociedade para o facto de o perigo estar onde menos se espera, proveniente dos padres que, muitas vezes, não respeitavam o que deles seria esperado.

Apesar da inocente esperança de que a Imprensa teria um poder suficientemente grande para, através deste texto, abalar a estrutura dos membros da Igreja de Leiria, João Eduardo acaba por perceber que o seu Comunicado não teria o efeito demolidor pretendido, e ainda o afasta mais da sua amada. Não se conformando, e enfurecido pela proximidade cada vez maior de Amaro e Amélia, volta a desejar, com a ajuda de Gustavo, tipógrafo da *Voz do Distrito*, escrever contra Amaro, mas desta vez num artigo ainda mais forte, em forma de folhetim:

“Uma vingança? João Eduardo desejava-a, ferozmente!

Mas qual?

- Qual? Contar tudo no «Distrito», num artigo tremendo”(264).

Note-se o uso do advérbio “ferozmente”, para descrever o forte desejo de vingança de João Eduardo, indiciando também de que se trataria de um artigo motivado por um sentimento de ira, uma vontade de agredir Amaro, e os restantes padres que o rodeavam, com palavras que abalasses a reputação destes. Vejamos o tipo de texto que João Eduardo pretendia:

“ Então, com os cotovelos sobre a mesa, a garrafa entre eles, conversaram baixo, de rosto a rosto, sobre o plano do folheto. A coisa era fácil: escrevê-lo-iam ambos. João Eduardo queria-o em forma de romance, de enredo negro, dando à personagem do pároco os vícios e as perversidades de Calígula e de Heliogábalo” (265).

João Eduardo queria, de facto, um texto no qual se salientasse a figura de Amaro, que encarava como um verdadeiro vilão, comparável a Calígula ou a Heliogábalo, ambos imperadores romanos sobejamente conhecidos pela sua crueldade. É curioso que Amaro seja comparado a imperadores, sublinhando-se o poder que os membros da Igreja tinham na sociedade de oitocentos. No entanto, a falta de verba para a compra do papel, acaba por inviabilizar a publicação do folhetim, recordando a João Eduardo que o poder dependia sempre de recursos económicos, sendo os dos membros do clero muito superiores aos do escrevente.

Através da análise de vários excertos de obras pertencentes ao *corpus* do trabalho, apercebemo-nos de que, de facto, várias são as passagens em que as páginas dos jornais são utilizadas como forma de vingança pessoal, como meio de resolver uma questão, procurando manchar a reputação de alguém publicamente. Por isso, também aqui nos deparamos com a realidade de que os periódicos tinham uma grande circulação e um grande impacto na formação da opinião pública, embora muitas vezes dependentes de relações com determinados grupos sociais, nas quais o jogo de interesses prevalecia sobre a importância de transmitir informação enriquecedora, objectiva, imparcial.



**4.2**

*O HIGH LIFE*



No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, começou a ser comum o desejo de aparecer no jornal, ainda que pelo motivo mais fútil. Na verdade, as sociabilidades ocupavam um lugar de destaque no quotidiano português de oitocentos, ganhando forma através de reuniões particulares, *soirées*, festas, viagens, nas quais o *High Life* marcava presença habitual. Como sabemos, a alta burguesia, que vinha a ganhar maior poder económico, procurava também o reconhecimento social, buscando na cultura uma forma de o conseguir. No entanto, esta corrida a uma espécie de nobilitação através da cultura baseava-se em gostos muitas vezes duvidosos, facto visível, por exemplo, no tipo de leitura procurada, na falta de conhecimentos literários, ou na música ouvida. Lembremo-nos, por exemplo, do episódio do Sarau da Trindade, n’*Os Maias*, no qual Eça tão bem traça um perfil dos gostos culturais do *High Life* português, ridicularizando-o. Neste contexto, para a alta burguesia ter um lugar de destaque na alta sociedade portuguesa e, através desta, conseguir ter o nome publicado nos jornais era considerado um sinal do reconhecimento público que tanto buscava. Retomemos Fradique, na já citada carta a Bento de S.:

“Nas nossas democracias a ânsia da maioria dos mortais é alcançar em sete linhas o louvor do jornal. Para se conquistarem essas sete linhas, os homens praticam todas as acções - mesmo as boas” (219).

Neste pequeno excerto, conseguimos perceber a ironia presente na expressão “mesmo nas boas”. O que Eça pretende é mostrar que tudo se fazia para ver o nome publicado nas colunas sociais, sendo que a maior parte dessas acções no sentido de o conseguir eram, na sua grande parte, menos lícitas.

Através das colunas do *High Life*, os leitores tomam conhecimento de acontecimentos ligados a personalidades e à sua vida privada ou social. É curioso repararmos que o interesse que os leitores de periódicos têm pelo que se passa na vida de individualidades sobejamente conhecidas se mantém até aos nossos dias. Se pensarmos que, na época, não existia rádio nem televisão, podemos facilmente concluir da tamanha importância dos jornais na vida diária das pessoas no século XIX, e que este interesse pelo *High Life* corresponderia ao mesmo relevo que a chamada *imprensa cor-de-rosa* possui na sociedade dos nossos dias. É de notar que, em *A Ilustre Casa de Ramires*, através da personagem Bento, Eça ironiza, quando o criado afirma que *O*

*Século* era um jornal bem informado, uma vez que publicava várias notícias sobre a alta sociedade portuguesa, como se tal conhecimento por si só tornasse um periódico rico em informação:

“(…)Também, o «Século» afiança que os reis estão a acabar, e por dias. Ainda ontem afiançava. E o «Século» é jornal bem informado... No de hoje, não sei se o senhor doutor leu, lá vem a grande festa de anos do sr. Sanches Lucena, e o fogo de vistas, e o bródio que deram na Feitosa”(31).

Em várias obras de Eça, o leitor apercebe-se da importância que os jornais concedem a algumas personagens, mantendo o público a par do que fazem, do que vestem, das festas que dão, dos ambientes que frequentam, etc. Por exemplo, n’ *Os Maias*, sabemos, através das colunas da alta sociedade, que Raquel Cohen “era «uma das nossas primeiras elegantes»”(130). Damo-nos também conta de que a alta burguesia lisboeta do século XIX procurava imitar modelos de outras capitais europeias, principalmente o que se passava em Paris ou em Londres. Daí que, como já vimos antes, a leitura do *Fígaro* ou do *Times* constituísse um hábito, para que a burguesia se mantivesse a par do que acontecia socialmente no resto da Europa. Assim, nesta obra, presenciamos uma cena em que Dâmaso está a ler o *Figaro* enquanto Carlos folheia uma revista, o que revela que a curiosidade das personagens vai para além do que se passava na sociedade portuguesa, passando também pelos acontecimentos em capitais europeias, como Paris. A leitura que Dâmaso considera *chique* é antes reveladora de uma falta de objectivos pessoais, de uma vida cuja futilidade e vazio procura ultrapassar com o interesse superficial pela vida dos outros. Não é por acaso que, a certa altura, o jornal *Futuro*, considerado por Guimarães como “frouxo de ideias” (592), apresenta logo na primeira página a rubrica *Coisas do High Life*. Vejamos a seguinte passagem, em que Dâmaso, maliciosamente, comenta uma notícia do *Fígaro*, ao mesmo tempo que facilmente nos apercebemos da falta de interesse de Carlos pelos comentários que Salcede vai tecendo acerca do que lê:

“Já três vezes Dâmaso tossira, olhara o relógio - mas, vendo Carlos confortavelmente mergulhado na revista, recaía também na sua indolência de homem chique, investigando o

«Fígaro». Enfim, dentro, o relógio Luís XV cantou argentinamente as duas...

- Essa é boa! - exclamou Dâmaso ao mesmo tempo, com uma palmadinha na coxa - Olha quem aqui me aparece! A Susana! A minha Susana!

Carlos não despregara os olhos da página.

- Ó Carlos - acrescentou ele - fazes favor? Ouve. Ouve esta que é boa. Esta Susana é uma pequena que eu tive em Paris... Um romance! Apaixonou-se por mim, quis-se envenenar, o diabo!... Pois diz aqui o «Fígaro» que debutou nas Folies-Bergères. Fala nela... É boa, hem? E era rapariguita chique... E o « Fígaro» diz que ela teve aventuras, naturalmente sabia o que se passou comigo... Todo o mundo sabia em Paris. Ora a Susana! Tinha bonitas pernas. E custou-me a ver livre dela!

- Mulheres! - murmurou Carlos, refugiando-se mais no fundo da revista”(191).

Pela leitura deste trecho, observamos, logo no início, que Dâmaso procura chamar a atenção de Carlos, tossindo e olhando o relógio. No entanto, vendo as suas tentativas frustradas, continua embalado na sua leitura, que é muito mais uma obrigação de “homem chique” do que um interesse por informação de qualidade. Na verdade, as notícias que o *Fígaro* publica acerca de várias questões políticas, sociais, culturais não são aquelas que lhe captam a atenção. Pelo contrário, os seus olhos são logo direccionados para as colunas do *High Life* parisiense, mostrando um entusiasmo por ver um nome de uma rapariga, Susana, com quem, sendo naturalmente fanfarrão, afirma ter tido um envolvimento amoroso, falando desta mulher com leviandade, das suas “bonitas pernas”, e ainda querendo fazer Carlos acreditar de que esta teria desejado colocar fim à sua vida por Dâmaso ter terminado o caso entre os dois. Momentos depois, levanta-se e vai a uma mesa do jardim, onde percorre a *Gazeta Ilustrada*, desta vez para saber o que de socialmente interessante estaria a acontecer na sociedade lisboeta. Nesta passagem, verificamos, mais uma vez, a forma intensa como esta personagem vive as notícias superficiais do *High Life* e os comentários exagerados que tece acerca do que lê:

“E foi realmente com um ar *blasé* que se ergueu a ir buscar a uma mesa do jardim, ao lado, onde estavam jornais e charutos, a «Gazeta Ilustrada», «para ver o que ia pela pátria». Apenas lhe deitou os olhos soltou uma exclamação.

- Outro debute? - perguntou Carlos.

- Não, é a besta do Castro Gomes!

A «Gazeta Ilustrada» anunciava que «o sr. Castro Gomes, o cavalheiro brasileiro que no Porto fora vítima da sua dedicação por ocasião da desgraça ocorrida na Praça Nova, e de que o nosso correspondente J. T. nos deu uma descrição tão opulenta de colorido realista, acha-se restabelecido e é hoje esperado no Hotel Central. Os nossos parabéns ao arrojado *gentleman*.

- Ora está Sua Excelência restabelecida! - exclamou Dâmaso, atirando para o lado o jornal. - Pois deixa estar que, agora, é a ocasião de lhe dizer na cara o que penso... Aquele pulha!

- Tu exageras - murmurou Carlos, que se apoderara vivamente do jornal, e relia a notícia.” (193-194)

É notório o sentimento de inveja que Dâmaso evidencia por ver o reconhecimento social de Castro Gomes na *Gazeta Ilustrada*. Salcede quase fica furioso, o que se pode verificar pela utilização da expressão “aquele pulha”, ao saber que o companheiro de Maria Eduarda já estava restabelecido, e pela atenção que o jornal lhe havia concedido por este incidente. Dâmaso fica de tal forma aborrecido que atira o jornal para o lado, mostrando, uma vez mais, a pouca importância que dava às restantes notícias que estavam para além do *High Life*.

No episódio da corrida de cavalos, as mulheres que se encontravam no hipódromo são identificadas como “as senhoras que vêm no *High Life* dos jornais”(316). As viagens e regressos de várias individualidades são também retratados nestas colunas sociais. É também por este meio que Ega toma conhecimento do regresso dos Cohen:

“A chegada dos Cohens, não é verdade? Lera-o logo nessa manhã, na «Gazeta Ilustrada», no *High Life*. Lá se dizia

respeitosamente que Suas Excelências tinham regressado do seu passeio pelo estrangeiro”(382).

É através dos jornais que o leitor se apercebe da viagem de Dâmaso, após a vergonha pública motivada pela publicação, no jornal *A Tarde*, da carta onde confessa perante o olhar de todos os leitores, ser caluniador e bêbedo. O verdadeiro motivo da partida de Dâmaso é camuflada pelo próprio periódico como sendo uma viagem de recreio a Itália, embora, no fundo, todos soubessem o que, de facto, o conduzira a tal decisão:

“ «E o derradeiro, esvaído eco da carta do Dâmaso foi, na véspera do sarau da Trindade um parágrafo da própria «Tarde», onde ela fora publicada, nestas amáveis palavras:

O nosso amigo e distinto *sportman*, Dâmaso Salcede, parte brevemente para uma viagem de recreio a Itália. Desejamos ao elegante *touriste* todas as prosperidades, na sua bela excursão ao país do canto e das artes.»”. (581)

É verdadeiramente irónica a forma como *A Tarde* descreve a decisão da partida de Dâmaso. Em primeiro lugar, trata-o como “amigo” e “sportman”, coisas que, como sabemos, Dâmaso não era. Na verdade, a publicação desta nota no jornal parece mais uma forma de irritar Salcede, como se a notícia contivesse em si mesma um riso sarcástico de cada leitor que por ela passasse os olhos, troçando publicamente da vergonha pública do inimigo de Carlos.

Falando de viagens, vemos também anunciada, no final da obra, na *Gazeta Ilustrada*, a viagem de Carlos e de Ega, após a catástrofe familiar, motivada pela relação incestuosa de Carlos com a irmã, Maria Eduarda, e a conseqüente morte do avô, Afonso. O jornal procura dar o máximo de informações que consegue acerca da viagem dos dois amigos, procurando agradar aos leitores das colunas sociais que, diariamente, buscavam naquela página pormenores sobre a vida do *High Life*:

“Semanas depois, nos primeiros dias do ano novo, a «Gazeta Ilustrada» trazia na sua coluna do *High Life* esta notícia: «O distinto e brilhante *sportman*, o sr. Carlos da Maia, e o nosso

amigo e colaborador João da Ega, partiram ontem para Londres, donde seguirão em breve para a América do Norte, devendo aí prolongar a sua interessante viagem até ao Japão”(688).

Em *O Primo Basílio*, é pela coluna do *High Life* que Luísa toma conhecimento da chegada do seu parente a Lisboa, motivo que desencadeará o desenrolar da história e o final trágico. Assim, podemos afirmar que, em primeira instância, é o jornal, com as suas notícias sobre a vida de personalidades famosas no seio social, o primeiro elemento catalisador da tragédia. O sorriso que Luísa esboça ao ler esta notícia denuncia o seu entusiasmo pelo regresso do primo Basílio, novidade que traz colorido à sua vida confortável mas sem a emoção das heroínas dos romances que lia. É também interessante repararmos que esta rubrica concedia aos periódicos uma oportunidade de adulação de indivíduos influentes, através dos quais os jornalistas poderiam conseguir, através da lógica da troca de favores, benefícios para o seu jornal ou para si mesmos:

“ - Ah! - fez Luiza de repente, toda admirada para o jornal, sorrindo.

- Que é?

- É o primo Bazilio que chega!

E leu alto, logo:

«Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordéus, o sr. Bazilio de Brito, bem conhecido da nossa sociedade. Sua Excelência, que, como é sabido, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna com um honrado trabalho, anda viajando pela Europa desde o começo do ano passado. A sua volta à capital é um verdadeiro júbilo para os amigos de Sua Excelência, que são numerosos»”(14).

Repare-se que, mesmo havendo Basílio vivido fora de Portugal durante vários anos, as colunas do *High Life* não o perdem de vista, focando, nesta nota, a sua fortuna, daí que talvez os seus “amigos” fossem tão numerosos, interessados nos proveitos que uma relação de proximidade com pessoas influentes pudesse trazer.

Quando Luísa encontra o conselheiro Acácio, a caminho de um dos encontros com Basílio, este que, para sua infelicidade, se prontifica a acompanhá-la naquela

excursão matinal, desconhecedor do verdadeiro destino de Luísa, fica verdadeiramente surpreendido por ela não ter conhecimento de que ele estivera uns dias em Sintra, pois viera publicitado nos jornais. Vejamos como a própria utilização do ponto de exclamação no final da frase é expressiva do espanto do conselheiro perante o facto de Luísa não ter lido essa notícia no *Diário de Notícias*, como se perder aquelas breves linhas do *High Life* fosse estranho, fora do vulgar, e deixando claro que o jornal o havia dado a conhecer à restante sociedade, como se fosse realmente algo de tão importante que merecesse ser noticiado:

“ - Permite-me decerto que a acompanhe na sua excursão?  
- Decerto, com o maior prazer. Mas que tem feito? Tenho muito que lhe ralhar...  
- Estive em Sintra, minha querida senhora. - E parando: - Não sabia? O «Diário de Notícias» especificou-o!”(233).

É também no final deste romance que presenciamos o conselheiro Acácio a ler no *Diário do Governo* que “a família real «passava sem novidade»”(445). De salientar ainda o necrológio que o conselheiro Acácio escreve em memória de Luísa e que pretende publicar na *Voz Popular*, apresentando ao resto da sociedade a sua homenagem a uma senhora bem conhecida do *High Life* lisboeta. A Luísa dedica palavras românticas de Garrett:

“Rosa d’amor, rosa purpúrea e bela,  
Quem entre os goivos te esfolhou na campa?”(441).

Em *A Cidade e as Serras*, Madame d’Oriol percorre “de manhã, tomando chocolate, os Ecos e as Festas do «Figaro»”(98). No mesmo romance, Jacinto, ainda em Paris, liga “o 202<sup>1</sup> com os fios telegráficos do «Times», para que no seu gabinete, como num coração, palpitasse toda a Vida Social da Europa”(106). Repare-se como, inicialmente, Jacinto procura conhecer o que socialmente acontecia na Europa, ainda que esse entusiasmo pela vida social seja mais abrangente do que o *High Life*.

---

<sup>1</sup> Número da porta do palacete nos Campos Elísios, onde Jacinto habitava.

Finalmente, no desenlace de *A Ilustre Casa de Ramires*, Gonçalo parte para Lisboa, o leitor toma conhecimento de que, no decorrer do Inverno, “andou sempre nos *Carnet-Mondain* e *High-Life* dos jornais, nas notícias de jantares, do *raouts*, de tiros aos pombos, de caçadas de el-rei, tão notado nos movimentos mais simples da sua elegância que os Barrolos assinaram o «Diário Ilustrado», para saber quando ele passeava na Avenida”(345). Na verdade, aquele que um dia tanto criticara André Cavaleiro, refugiado em Santa Ireneia, no recato de sua velha casa a escrever uma obra literária, dá uma reviravolta na sua vida, passando ao convívio social e vendo o seu nome permanentemente presente nas colunas sociais, em todo o tipo de eventos em que as sociabilidades são evidentes e nos quais era importante que um político em ascensão, como é o caso de Gonçalo, aparecesse. Note-se que ele era seguido de perto através da leitura das notícias do *High Life*, de tal forma que os Barrolos até assinam o *Diário Ilustrado* apenas para se poderem manter a par dos seus movimentos sociais.

Como pudemos ver e analisar, Eça procura chamar a atenção do leitor para a importância da vida social das classes mais privilegiadas portuguesas na sociedade do século XIX. Os portugueses seguiam, através dos jornais, as notícias das personalidades mais notadas no país, assim como no resto da Europa, uma vez que, como sabemos, era também frequente a leitura de periódicos como o *Times* ou o *Figaro*, por exemplo. O papel que hoje cabe grandemente à televisão e às revistas especializadas nas histórias verdadeiras e menos verdadeiras dos membros mais expostos da sociedade, era antes preconizado pelos jornais que, também por isto, eram vendidos em grande escala.

**4.3**

**A POLÍTICA**



A discussão à volta de assuntos políticos surge nas obras de Eça motivada, muitas vezes, pela leitura de notícias nos jornais. Não só a política portuguesa é debatida, como também o que neste campo acontece no resto da Europa. Nas palavras de Beatriz Berrini, no universo político português retratado nas suas obras, não existe “conteúdo pragmático, apenas interesses pessoais de grupelhos, que almejam empolgar o poder e ora estão no governo ora na oposição, sempre com propostas iguais, tácticas iguais, princípios iguais.”<sup>1</sup> Isto significa que Eça tinha uma opinião estruturada acerca do panorama político português, julgando-o vazio de ideias, de objectivos. De facto, o escritor não reconhecia credibilidade à maioria dos políticos portugueses de oitocentos, uma vez que considerava existirem, ao invés de políticos, pessoas que se juntavam em grupos de interesses, mais do que em partidos defendendo os seus ideais. A palavra de ordem do dia era o poder e o desejo de o alcançar a qualquer custo, pesando menos o progresso do país do que os projectos motivados pela ambição pessoal.

Nas *Memórias e Notas* que antecedem as *Cartas de Fradique Mendes*, Eça descreve a opinião que Fradique tinha acerca dos políticos:

“Fradique nutria pelos políticos todos os horrores, os mais injustificados: horror intelectual, julgando-os incultos, brancos, inaptos absolutamente para criar ou compreender ideias; horror mundano, pressupondo-os reles, de maneiras crassas, impróprios para se misturar a natureza de gosto; horror físico, imaginando que nunca se lavavam, rarissimamente mudavam de meias, e que deles provinha esse cheiro morno e mole, que tanto surpreende e enoja em S. Bento aos que dele não têm o hábito profissional.”<sup>2</sup>

Na voz de Fradique, presente neste excerto, pressentimos, na verdade, a visão do próprio Eça de Queirós. É de salientar o uso da palavra “horror” para descrever o sentimento que a figura do político desperta em Fradique. A opinião acerca dos governantes do país é repleta de adjectivos extremamente depreciativos, no que diz respeito à sua formação, julgando-os vazios de ideias e de cultura, com uma enorme falta de gosto, também no que toca ao seu aspecto físico, que provoca uma repulsa

---

<sup>1</sup> Beatriz Berrini, *Portugal de Eça de Queiroz*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p.268.

<sup>2</sup> Eça de Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, pp.79-80.

imensa e uma descrença do escritor em relação a esta profissão que deveria ter uma missão tão nobre.

Não é, pois, de estranhar que a visão que Eça nos transmite do mundo político, nos seus romances, não seja a mais positiva, não deixando de mostrar o jogo de interesses que muitas vezes existia entre partidos, políticos, e jornais que os apoiavam. Na realidade, nas obras de Eça, “a política é sempre apresentada de um prisma crítico e de forma muito negativa, como uma ocupação perversa que degrada o indivíduo ou se serve de indivíduos já depravados”<sup>3</sup>.

N’*Os Maias*, Afonso conversa com Steinbroken sobre as notícias daquela manhã, publicadas pelo *Times* e o *Punch*. Conseguimos, através desta passagem, perceber a relação estreita do avô de Carlos com os jornais britânicos<sup>4</sup>, elogiando a forma como estes periódicos noticiavam a queda de Mac-Mahon<sup>5</sup> e a eleição de Grévy<sup>6</sup>:

E que dizia o amigo Steinbroken às notícias da manhã?  
- perguntava Afonso. - A queda de Mac-Mahon, a eleição de Grévy... O que o alegrava nisto era o desaparecimento definitivo do antipático senhor de Broglie<sup>7</sup> e da sua *clique*. A impertinência daquele académico estreito, querendo impor a opinião de dois ou três salões doutrinários à França inteira, a toda uma Democracia!<sup>8</sup> Ah, o “Times” cantava-lhas!

- E o “Punch”<sup>9</sup>? Não viu o “Punch”? Oh, delicioso!...” (121-122).

Afonso é um homem culto, que busca nos jornais informação sobre o mundo à sua volta, sobre questões governativas e sociais. É visível a credibilidade que associa aos jornais estrangeiros, nomeadamente os britânicos. As suas palavras traduzem uma

---

<sup>3</sup> Maria Jesus Fernández Garcia, “O Tipo do Político na Obra de Eça de Queirós” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirozianos*, Vol. II, Coimbra, Almedina, 2002. p.740.

<sup>4</sup> Note-se que Afonso vivera em Inglaterra, no seio de uma cultura que admirava e cujos modelos de educação procurou aplicar ao seu neto, Carlos.

<sup>5</sup> Foi marechal da França e Presidente da República francesa entre 24 de Maio de 1873 e 30 de Janeiro de 1879. Acaba por renunciar em 1879 devido a problemas com o governo.

<sup>6</sup> Jules Grévy foi presidente da França de 1879 até 1887, durante a terceira república francesa.

<sup>7</sup> Duque de Broglie, ministro do governo de Mac-Mahon.

<sup>8</sup> Depois do período dito da república conservadora, de Thiers, até 24 de Maio de 1873, segue-se a presidência de Mac Mahon, com o governo do duque de Broglie, quando é assumido um pró-clericalismo, em nome da chamada *ordem moral*. A república vem a ser consagrada em 30 de Janeiro de 1875 e os republicanos vencem as eleições de 1876 e 1877. Entre 1879 e 1887, sob a presidência de Jules Grévy, domina o republicanismo positivista e maçónico, ao mesmo tempo que se dá uma expansão colonial feita em nome das exigências morais da razão e da democracia.

<sup>9</sup> Revista semanal britânica de humor e sátira, fundada em 1841.

visão política própria, defendendo sempre os valores da democracia, mantendo-se a par, através da leitura dos periódicos, de tudo o que politicamente acontecia no resto do mundo. Neste excerto, percebemos também o entusiasmo do avô de Carlos ao ver que periódicos consagrados como o *Times* corroboravam as suas ideias, o que permite concluir das inclinações políticas que os jornais estrangeiros poderiam mostrar, conseguindo, através do seu espírito crítico, despertar mentalidades acerca de diversas questões de interesse geral, ao contrário da grande maioria dos jornais portugueses, muito fechados sob os seus próprios interesses políticos, muitas vezes parciais e mesquinhos.

Ainda n' *Os Maias*, o conde de Gouvarinho, estragando os planos de Carlos de ser apresentado aos Castro Gomes, leva-o à Rua do Marçal, instala-o numa poltrona e lê-lhe “um artigo que destinava ao «Jornal do Comércio» sobre a situação dos partidos em Portugal”(291). Sendo Gouvarinho, que dá provas de uma enorme falta de cultura e de ideias, o autor de tal artigo, podemos imaginar a pouca qualidade do seu texto, e o quanto periódicos como o *Jornal do Comércio* se prestavam a publicar nas suas páginas textos tão pouco construtivos para Portugal, dando provas de uma submissão ao poder vigente.

Também neste romance de Eça, encontramos uma passagem, na qual Carlos consegue decifrar as inclinações políticas de Castro Gomes, considerando-o adepto das ideias de Napoleão Bonaparte, pela leitura que este faz do *Pays*:

“- Este cavalheiro é bonapartista - disse Carlos, vendo sobre a mesa os números do «Pays»” (260).

No início de *A Ilustre Casa de Ramires*, o narrador informa o leitor de que os companheiros favoritos de Gonçalo eram três ou quatro rapazes que se preparavam para a Política e, para tal, “folheavam atentamente o «Diário das Câmaras»...”(12). Neste passo da obra, o jornal *Gazeta do Porto* surge visivelmente ligado à política, como um espaço onde o pai do Fidalgo da Torre publicava comunicados de Oliveira. Mais adiante, Gonçalo, perspectivando uma possível futura carreira política, questiona-se acerca de uma forma de conquistar afeições neste campo. Brás Vitorino sugere, então, que a melhor forma para o conseguir seria escrever nos jornais, pelo que percebemos a grande importância dos periódicos na vida política do país:

“Sim! Eis a teoria esplêndida: - mas consistência, nomeada, afeições políticas, como se conquistam? «Advogue, escreva nos jornais!», fora o conselho distraído e risonho do seu chefe, o Brás Vitorino. Advogar em Oliveira, mesmo em Lisboa? Não podia, com aquele seu horror ingénito, quase psicológico, a autos e papelada forense. Fundar um jornal em Lisboa com o Ernesto Rangel, seu companheiro de Coimbra no Hotel Mondego? (...) Batalhar num jornal de Lisboa? Nessas semanas de capital, sempre pelo Banco Hipotecário, sempre com as «primas», nem formara relações duráveis e úteis nos dois grandes diários regeneradores, «A Manhã» e «A Tarde»”(28-29).

Repare-se na preocupação de Gonçalo ao dar-se conta de que ainda não possui relações de proximidade com jornais influentes, uma vez que teria decerto consciência do precioso apoio que os periódicos poderiam dar aos políticos, como um suporte às suas ideias e um meio de propaganda da sua imagem. É evidente, pois, mais uma vez, o jogo de interesses que estaria por trás das relações entre políticos e jornalistas.

Outro aspecto a considerar é o facto de diferentes jornais apoiarem diferentes partidos e diferentes visões políticas. Ainda nesta obra, há uma referência à venda de Lourenço Marques aos ingleses, questão amplamente contestada pelos jornais da oposição. Gonçalo e João Gouveia “conversavam sobre essa venda de Lourenço Marques aos Ingleses, preparada sornateiramente (conforme clamavam, arrepiados de horror, os jornais da Oposição) pelo Governo do S. Fulgêncio”(34). Reparemos no uso hiperbólico da expressão “arrepiados de horror” para caracterizar a reacção dos jornais da oposição a uma notícia relativa às colónias, numa altura de instabilidade política em Portugal, devido aos conflitos com a Inglaterra e à famosa questão do mapa cor-de-rosa.<sup>10</sup> A cedência do governo português perante a Inglaterra é visivelmente considerada, neste diálogo entre o Fidalgo da Torre e João Gouveia, uma verdadeira vergonha para o país. Assim, os dois amigos não ficam surpresos perante a reacção dos jornais da oposição, partidários dos Regeneradores, uma vez que a venda de território

---

<sup>10</sup> A Sociedade de Geografia de Lisboa, defendendo a necessidade de formar uma barreira às intenções expansionistas britânicas, organizou uma subscrição permanente para manter a zona de influência portuguesa do interior do continente, definida num mapa, ligando Angola a Moçambique: o mapa cor-de-rosa. A disputa com a Grã-Bretanha sobre estes territórios levou ao ultimato britânico de 1890, a que Portugal cedeu, causando sérios danos à imagem do governo monárquico português.

nacional aos britânicos era, nas palavras de Gonçalo, “uma abominação que justificava todas as violências, mesmo uma revolta, e a Casa de Bragança enterrada no lodo do Tejo!” (35), dando a entender que seria inevitável, a partir daquele facto, a descrença no governo monárquico português.

Ainda em *A Ilustre Casa de Ramires*, num jantar em casa de Barrolo e Gracinha, se deixa perceber a importância do apoio dos jornais para um partido político:

“ - E por Evaristo!... Ele sempre funda o novo jornal republicano, o «Rebate»?<sup>11</sup> (...)

- Quando eu andava em Preparatórios existiam simplesmente dois republicanos em Oliveira, o velho Salema, lente de Retórica, e eu. Agora há partido, há comité, há dois jornais. E há mesmo o barão das Marges com a «Voz Pública»<sup>12</sup> na mão, debaixo da Arcada...” (199-200).

Pela leitura deste excerto, apercebemo-nos do crescimento do partido republicano, no início de forma bem discreta, com poucos partidários, para, mais tarde, ganhar espaço de peso no panorama político português, conseguindo, por extensão, o apoio de jornais. Até o barão da Marges, com um título nobre, surge com um jornal defensor de novas ideias políticas, sinal do avanço dos tempos e da mudança de mentalidades. Como sabemos, personalidades da Geração de 70, como o próprio Eça, Antero de Quental ou Oliveira Martins apoiaram as ideias republicanas, muito embora o republicanismo só viesse a ter real expressão em 1890, após o ultimato inglês, recrutando adeptos em todas as camadas da sociedade liberal. Aliás, também n’*Os Maias* se fala em republicanismo, embora seja dado a entender, através da personagem Guimarães, que alguns jornais partidários dos ideais da república, tivessem ainda ideias pouco interessantes e pouco consistentes:

“Na véspera, em casa de um antigo amigo, o Vaz Forte, deitara por acaso os olhos ao «Futuro», um jornal republicano, bem escrito, mas frouxo de ideias” (592).

---

<sup>11</sup> Jornal republicano, que viria a ter o seu primeiro número publicado a 23 de Abril de 1901.

<sup>12</sup> Periódico sediado no Porto, defensor de ideias republicanas.

Mais adiante, Guimarães confirma essa visão que possui acerca dos jornais republicanos, afirmando o pouco valor dos mesmos, desviando-se dos grandes propósitos sociais que deveriam constituir a sua missão como órgãos de imprensa:

“- É como os jornais republicanos que por aí há... Tudo uma palhada, senhores, uma balofice!.. É o que eu lhes digo a eles: «Ó almas do Diabo, atacaí as questões sociais!» (623)

Em *A Cidade e as Serras*, Silvério contesta quando Zé Fernandes explica que Jacinto gostava da serra, pois ali ficava o solar da família, e ali haviam começado os Jacintos, no século XIV. Silvério fica incrédulo relativamente ao facto de Zé Fernandes falar em fidalguia, quando já se falava em todo o lado na república, inclusive no jornal *O Século*, que lhe fazia propaganda:

“Pois estamos lá em tempos de se falar de fidalguias, agora que por toda a parte anda tudo em República? Leia o «Século», sr. Fernandes, leia o «Século» e verá!” (176).

De facto, podemos verificar que a ligação da política à imprensa, seja ela relativa à ideologia de uma personagem ou à existência de partidos e grupos com influência social, é uma realidade bastante comum no romance queirosiano. Eça, ele próprio interessado na vida política do seu país, revelando laivos republicanos desde a Geração de 70, como já referido anteriormente, conhecia o poder dos jornais na sociedade e o precioso apoio que poderiam constituir na difusão de determinadas ideias políticas.

# **CAPÍTULO 2**

## **O JORNALISTA**



**1**

**O RETRATO**



Associada aos periódicos está, naturalmente, a figura do jornalista. Recordemos que o jornalismo só constituiu verdadeira profissão e que os jornalistas só tomaram consciência do prestígio que lhes advinha da sua missão no decurso do século XIX.

No romance queirosiano, é comum encontrarmos esta personagem, que se constitui como um tipo, uma vez que o objectivo do autor reside na apresentação dos vícios dos jornalistas do seu tempo.<sup>1</sup> Vejamos a definição do *tipo*, por Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, explorando os dois pontos principais apresentados pelos autores, nos quais julgamos que mais se enquadra a personagem do jornalista representada na obra de Eça:

“1.Constituído por uma subcategoria da personagem, o tipo pode ser entendido como uma personagem-síntese entre o individual e o colectivo, entre o concreto e o abstracto, tendo em vista o intuito de ilustrar de uma forma representativa certas dominantes (profissionais, psicológicas, culturais, económicas, etc.) do universo diegético em que se desenrola a acção, em conexão estreita com o mundo real com que estabelece uma relação de índole mimética ...

3. (...) Chega-se, por vezes à fixação numa profissão ou condição, como processo de manifestação narrativa do tipo. (...) É essa profissão ou condição que torna o tipo facilmente reconhecível...”<sup>2</sup>

O jornalista dos romances de Eça é, de facto, sempre descrito de uma forma caricatural, como uma personagem-tipo, pois corresponde à realidade e ao propósito de retratar com ironia a sociedade portuguesa do seu tempo.<sup>3</sup> Assim, representa os piores

---

<sup>1</sup> Alfredo da Cunha, em *Elementos Para a História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, 1941, p.151, refere que de 1641 a 1821, só a uma pequena minoria de escritores, “pelo seu merecimento relevante e pela sua assídua aplicação ao labor periodístico, cabe, com propriedade, a qualificação de jornalistas profissionais, como se diria hoje”.

<sup>2</sup> Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina, 1996, pp.411-412.

<sup>3</sup> Lola Galdes Xaxier, em “O Primo Basílio, de Eça de Queirós: espaço social, discurso e ideologia”, *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina, 2002, p.630, afirma que “a apresentação das personagens-tipo dá-se, no geral, de uma só vez, de forma predominantemente directa, física e ordenada. Correspondem, no geral, a personagens planas e ilustram o espaço social da burguesia em que se movem, pelos seus discursos (...) e reacções previsíveis”.

traços do jornalista comum do século XIX, cujo retrato é recorrentemente retomado pelo autor ao longo da sua obra.

Repare-se que Eça, apesar de ele próprio ter sido jornalista durante quase toda a sua vida, não hesitou em criticar o que observava de errado naqueles que exerciam esta função. É certo que o romancista possuía, desde os tempos de *O Distrito de Évora*, uma visão bastante apurada do que devia ser o bom jornalista. No entanto, não se julgando perfeito, parece provável que projectasse na caracterização do jornalista, alguns traços caricaturais que talvez reconhecesse como seus, uma vez que, como é sabido, Eça detinha um forte poder de auto-crítica, demasiado até, em várias circunstâncias, não só relativamente à sua escrita, como ao retrato físico que desenhava de si mesmo. Podemos, pois, afirmar que a auto-crítica de Eça “não é mais, evidentemente, que um dos aspectos da crítica. Sem espírito crítico (...) não pode haver auto-crítica”.<sup>4</sup>

Como realista e ciente dos erros cometidos pelos jornalistas, Eça sentia a mágoa de qualquer jornalista que gostaria de ver a sua profissão prestigiada, levando-o “ a castigar, nos mais duros termos, a venalidade e corrupção, a ignorância e a insuficiência dos pretensos jornalistas, e não só dos patrões mas da própria criadagem, dos escribas-lacaios”.<sup>5</sup> A forte participação de jornalistas como personagens da ficção queirosiana é mais um elemento que comprova a importância cada vez maior que o jornalismo ia adquirindo na sociedade de oitocentos.<sup>6</sup>

Em *O Primo Basílio*, destaca-se Savedra, “redactor do «Século», o jornalista temido pela sociedade, pelas suas intrigas e pela sua postura oficial”<sup>7</sup>. A sua caracterização física destaca o seu novo-riquismo, no desejo de alcançar um estatuto social que julgava poder obter através da sua profissão. O exagero da forma como se apresenta é descrito caricaturalmente por Eça que, através da descrição física introduz um dado sobre o seu carácter, salientando que este jornalista escrevia apenas mentiras e banalidades. É no episódio do jantar na casa do conselheiro Acácio que Savedra se evidencia como uma personagem com traços muito próprios e de conotação extremamente negativa, expostos de forma mordaz pelo autor:

---

<sup>4</sup> Roberto Nobre, “Crítica e auto- crítica em Eça de Queiroz” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p.618.

<sup>5</sup> Jaime Brasil, “Eça de Queiroz, jornalista” in Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis (orgs.), *op. cit.*, p.518.

<sup>6</sup> Esta tendência europeia reflecte-se no romance, já citado, de Balzac, *Illusions Perdues*, e em *Bel-Ami*, de Maupassant.

<sup>7</sup> Lola Geraldine Xaxier, *op. cit.*, p.625.

“Daí a pouco entrou a figura do Savedra, redactor do «Século». A sua face branca parecia mais balofa; o bigode muito preto reluzia de brilhantina; as lunetas de ouro acentuavam o seu tom oficial: trazia ainda no queixo o pó de arroz que lhe pusera momentos antes o barbeiro; e a mão, que escrevia tanta banalidade e tanta mentira, vinha aperreada numa luva nova, cor de gema de ovo!” (327).

Pela leitura deste excerto, conseguimos depreender do aspecto nada requintado de Savedra, ainda que quisesse, numa tentativa frustrada, transmitir uma imagem de pessoa chique, deixando, no entanto, junto do leitor, um retrato na direcção oposta. Repare-se no uso da palavra “balofa” para descrever a sua gorda face, o uso exagerado de brilhantina no bigode, as lunetas de ouro, o pó de arroz, e ainda a luva nova com uma cor inesperada e extremamente chamativa. Todos estes pormenores conduzem-nos à nítida conclusão de que o propósito de Savedra era dar nas vistas, tentar destacar-se entre os restantes. Na verdade, vai para um jantar de conhecidos como se quase de uma grande festa se tratasse, aperaltando-se todo de forma exagerada para a ocasião. É de tal forma notório o esforço que faz para se evidenciar que acaba por cair no ridículo total. Aliás, a sua falta de maneiras é evidente ao longo de todo o jantar. Fala “com a boca cheia” (331) e pede mais arroz, que “devorava” (332). No decorrer do jantar em casa do conselheiro, Savedra rapidamente revela a sua falta de modos e de refinamento, pois, “ocupado com o alimento; tinha desabotoado a fivela do colete; espalhava-se-lhe no rosto gordo uma cor de enfartação, e sorria vagamente, inchado”(335). Como podemos constatar, o jornalista nitidamente desconhece valores de boas maneiras e de educação, o que significa que o seu poder económico e social não é, de forma alguma, condizente com a sua postura. Contudo, não tem noção da sua falta de modos, e ainda se tem em alta consideração, considerando-se um sujeito chique, como se pode ver nesta passagem, em que insiste em abrir a garrafa de champanhe que a sr<sup>a</sup> Filomena traz:

“A sr<sup>a</sup> Filomena, então, com solenidade, veio colocar-lhe ao pé uma garrafa de champanhe:

O Savedra pediu logo para a abrir, porque o fazia com muito chique” (338).

A descrição do jornalista Agostinho Pinheiro, redactor do jornal *A Voz do Distrito*, em *O Crime do Padre Amaro*, é feita, à semelhança de Saverda d’*O Primo Basílio*, de forma caricatural, mas de modo oposto. Se Saverda procura cuidar da sua imagem de tal forma que cai no ridículo e na falta de gosto, Agostinho prima pela falta de cuidados e até mesmo de higiene, focando o narrador alguns dos seus traços físicos, como a forma de olhar, reveladores da sua depravação e dos seus vícios:

“O redactor da «Voz do Distrito», o Agostinho Pinheiro, era ainda seu parente. Chamavam-lhe geralmente «o Raquítico», por ter uma forte corcunda no ombro e uma figurinha enfesada de héctico. Era extremamente sujo; e a sua carita de fêmea, amarelada, de olhos depravados, revelava vícios antigos, muito torpes. Tinha feito (dizia-se em Leiria) toda a sorte de maroteira. (...) e os seus dedos queimados terminavam em unhas muito compridas – porque tocava guitarra”(161).

Agostinho não era o dono do jornal, apenas redactor do mesmo. Daí ser notória a fraca apresentação, revelada na sua sujidade, e a extrema magreza, em contraste com o aspecto balofo de Saverda. Podemos mesmo considerar que Agostinho vibra com os textos difamadores que escreve, não se preocupando com aparições sociais, congeminando na sua redacção e escondendo-se na mesma. O seu único passatempo parece ser tocar guitarra, tarefa para a qual deixa as unhas muito compridas, ainda que isso prejudique a sua imagem. A sua falta de escrúpulos reflecte-se nos seus olhos “depravados”, adjectivo extremamente pejorativo, propositadamente utilizado por Eça para salientar o lado extremamente pervertido de Agostinho. Podemos quase dizer que toda a descrição do jornalista tem pouco de humano e mais de animalesco, o que se traduz na utilização da forma verbal “ruminando” para descrever a forma como Agostinho está a trabalhar, quando João Eduardo o encontra. Salienta-se também a falta de recursos do jornalista, trabalhando por conta de outrem, tendo, por isso, necessidade e empenhar os colchetes de prata da sua jaqueta:

“(...) e João encontrava em cima Agostinho abancado, com uma velha jaqueta de peles cujos colchetes de prata tinham sido empenhados – ruminando” (162).

No fim da obra, o abade Ferrão, em conversa com o Dr. Gouveia, refere que este fala “com a leviandade de um jornalista” (469), fazendo Eça, com esta discreta afirmação, colocada na fala de uma personagem, mais uma crítica à personalidade do jornalista e ao carácter muitas vezes imprudente das suas afirmações.

N’*Os Maias*, é-nos apresentado o retrato de Palma Cavalão, ainda antes do episódio da *Corneta do Diabo*, quando Carlos o conhece e o encontra com Eusebiozinho, em Sintra, com duas prostitutas espanholas:

“Pertencendo à súcia, havia um outro sujeito, gordo, baixo, sem pescoço, com as costas para a porta e a cabeça sobre o prato, babujando uma metade de laranja.” (226)

“Vendo isto, impressionado com tanta familiaridade - o sujeito obeso, que apenas levantara um instante a cabeça do prato, decidiu-se a examinar mais atentamente os amigos do Eusébio: cruzou o talher, limpou com o guardanapo a boca, a testa, o pescoço, encavalou laboriosamente no nariz uma grande luneta de vidros grossos, e erguendo a face larga, balofa e cor de cidra, examinou detidamente Cruges, e depois Carlos com uma impudência tranquila.

Eusebiozinho apresentou o seu amigo Palma: e o seu amigo Palma, ouvindo o nome conhecido de Carlos da Maia, quis logo mostrar, diante de um *gentleman*, que era um *gentleman* também. Arrojou para longe o guardanapo, arredou para fora a cadeira; e de pé, estendo a Carlos os dedos moles e de unhas roídas, exclamou, com um gesto para os restos da sobremesa:

- Se Vossa Excelência é servido, é sem cerimónia... Que isto quando a gente vem a Sintra, é para abrir o apetite e fazer bem à barriga...” (226-227).

O retrato de Palma Cavalão, feito nesta passagem, sugere semelhanças com Savedra d’*O Primo Basílio*. Note-se como também Palma come desenfreadamente, “babujando uma metade de laranja”. É extremamente gordo, tal como Savedra, usa luneta, e a cor amarelada da sua face revela um aspecto pouco saudável. Sem qualquer pudor, observa descaradamente Carlos e o seu amigo Cruges. Ao saber que se trata de

Carlos da Maia, ilustre figura da sociedade lisboeta, Palma quer logo mostrar que não está atrás deste e que também é um *gentleman*, ainda que os modos e as atitudes revelem o oposto quando, por exemplo, oferece a Carlos restos de sobremesa que ainda sobravam na mesa. O seu aspecto pouco polido é também revelado através do pormenor das unhas roídas, focadas pelo narrador quando Palma cumprimenta Carlos. Outro pormenor que aproxima este jornalista de Savedra é o facto de ambos desabotoarem a roupa depois de se encherem de comida, e os seus péssimos modos à mesa:

“Então Palma pousou a chávena, lambeu os beiços, e de pé no meio da sala, com a face luzidia, o colete desabotoado, fez, num tom entendido, o resumo daquele desgosto” (229).

Como podemos constatar, o retrato do jornalista é construído habilidosamente por Eça, deixando evidente a existência de uma personagem tipo, marcada por traços negativos, que chocam com o ideal de jornalista defendido pelo escritor.

**2**

**A ARROGÂNCIA, MESQUINHEZ E  
FALTA DE ÉTICA**



Grande parte dos jornalistas de oitocentos tinha perfeita noção do crescente poder da imprensa no decorrer do século XIX, daí que julgassem que essa realidade, por si só, lhes conferia influência e prestígio social, tornando-se, frequentemente, arrogantes. Desta forma, os profissionais dos jornais usavam e abusavam da sua nova posição na sociedade, não olhando a meios para atingir os fins. Desejavam conquistar o interesse do público mas, simultaneamente, agradar às elites que apoiavam os jornais política e economicamente, o que conduzia a uma atitude muitas vezes parcial e reveladora de uma verdadeira falta de ética, e a uma mesquinhez no tratamento dos vários assuntos geradores de notícias. Assim, matérias realmente importantes e construtivas para o público leitor eram preteridas em função de interesses pessoais, revelando falta de carácter por partes dos jornalistas.

No romance queirosiano, surgem jornalistas que representam estes traços, um dos quais Palma Cavalão, n' *Os Maias*. Alencar é o primeiro a caracterizá-lo de forma profundamente depreciativa, focando a falta de carácter do director da *Corneta do Diabo*:

“- E esse Palma - acrescentou ele - é um traste! Eu conheço-o; ele teve uma espécie de jornal, e já lhe dei muita bofetada na Rua do Alecrim. Foi uma história curiosa... Ora eu ta conto, Carlos... Aquele canalha! Quando me lembro!... Aquela vil bolinha de matéria pútrida!... Aquele chouricinho de pus!” (238).

Como vemos, no decorrer de uma conversa com Carlos e Cruges, em Sintra, o poeta deixa transparecer uma profunda mágoa em relação ao jornalista, que o teria já difamado anteriormente. As palavras de Alencar são reveladoras de uma fúria, sentida na emoção com que parece reviver esse episódio. Para o poeta, Palma é um indivíduo sem escrúpulos, de tal forma que, mesmo à distância dos acontecimentos, continua a deixá-lo fora de si. Reparemos no uso expressivo da pontuação utilizada, à medida que Alencar recorda a história. De facto, a utilização repetida das exclamações e reticências faz sobressair o profundo ressentimento em relação a Palma Cavalão. O uso do diminutivo, declaradamente irónico, em “bolinha” e “chouricinho” serve o propósito de ridicularizar a imagem do jornalista da *Corneta do Diabo*, ao mesmo tempo que outras palavras de conotação extremamente negativa são utilizadas para o caracterizar e deixar

muito clara a sua falta de carácter e corrupção, como é o caso de “traste”, “canalha”, “matéria pútrida”.

É Eusebiozinho que afirma que *A Corneta do Diabo* é “um jornal de pilhérias, de picuinhas” (465), levando Carlos a concluir que o periódico deveria então reflectir os valores do seu proprietário, “qualquer coisa sebácea e imunda como ele”(465). Quando Ega procura Palma Cavalão, com o intuito de evitar a venda do jornal com o artigo vergonhoso acerca de Carlos e Maria Eduarda, e de conhecer o nome do seu autor, o jornalista facilmente troca esse favor por uma boa quantia em dinheiro, revelando a sua falta de profissionalismo e de carácter:

“E Palma «Cavalão», agitado com o tinir do ouro, desabotoou logo o jaquetão, sacou uma carteira onde reluzia um pesado monograma de prata sob uma enorme coroa de visconde. Os dedos tremiam-lhe; por fim dobrou, estendeu três papéis sobre a mesa” (541-542).

São notórios o nervosismo e a ansiedade de Palma, com a perspectiva de receber a sua recompensa em troca de uma informação, mostrando, sem nenhuma reserva, a sua mesquinhez. Palma tem necessidade de se exhibir perante os outros, de mostrar ser mais do que o que realmente é, de tentar colmatar a sua falta de formação e de berço com o poder que julga ter, daí o pormenor do “monograma de prata sob uma enorme coroa de visconde”, que usava na carteira. O jornalista fica entusiasmado quando vê as libras à sua frente, não conseguindo esconder o seu contentamento perante o que podemos considerar um negócio, contrariando os valores que deveriam suportar a sua profissão. Ega entrega-lhe o dinheiro, não perdendo a oportunidade de lhe mostrar o seu desprezo, de forma irónica:

“Palma, no entanto, nervoso, rufava com os dedos sobre a toalha, junto ao prato onde reluziam as libras. E foi o Ega que o animou, depois de relancear os olhos aos documentos por cima do ombro de Carlos:

- Recolha o bago, amigo Palma! Negócios são negócios, e o baguinho está aí a arrefecer!

(...) Vivamente, com um olhar, recontara o dinheiro na palma da mão: depois esvaziou a genebra, de um trago consolado e ruidoso” (542).

A atitude de Palma é de tão baixo nível, que é curioso o uso do termo popular “baguinho”, para significar o dinheiro que o jornalista estava ávido por arrecadar. De forma mesquinha, Palma volta a contar atentamente o dinheiro e, de tão satisfeito com a quantia obtida, ainda como que celebra para consigo mesmo, bebendo de um só trago o licor.

O director da *Corneta do Diabo* diz a Ega que trabalha com um outro jornalista, o Silvestre, que, segundo ele, apesar de escrever mal, tinha uma característica importante para o jornal, já que sabia “coisas da sociedade, assim maroteiras de fidalgos, amigações, pulhices” (543). Era este tipo de informações, verdadeiras ou meramente especulativas, como mais conviesse, que o jornal de Palma tinha a oferecer ao público. Por estas palavras de Palma, facilmente depreendemos o tipo de artigos que interessava a este jornal, ou seja, o que de mais torpe existisse na mais fina sociedade lisboeta. No final da conversa, o jornalista deixa evidente que sempre que Ega precisar dos seus serviços, a troco de dinheiro, evidentemente, estará sempre à disposição, confirmando, uma vez mais, a sua total falta de ética.

Mas Palma Cavalão não é o único representante da classe jornalística em evidência n’*Os Maias*. Neves, director do jornal *A Tarde*, surge também nesta obra, associado ao mau jornalismo. Na verdade, não vê qualquer problema em utilizar o seu jornal para difamar alguém por quem não nutre particular simpatia ou que se achesse no caminho de quem apoia politicamente. Neves decide publicar, a pedido de Ega, a carta que Dâmaso escrevera, afirmando-se um alcoólico incorrigível, apenas porque com isso tinha algo a ganhar, uma vez que Salcede havia prejudicado a última eleição, interpondo-se no caminho do director do jornal *A Tarde*. Sendo alguém de quem não gosta e de quem guarda um ressentimento, não hesita em colocar em destaque a carta que serviria de humilhação ao seu inimigo:

“Espera lá.. Não é um gordalhufo, um janota que tem uma propriedade em Sintra? Isso! Um maganão que nos entalou na eleição passada, fez gastar ao Silvério mais de trezentos mil reis... Perfeitamente, às ordens... Ó Pereirinha, olhe aqui o sr.

Ega. Tem aí uma carta para sair amanhã, na primeira página, tipo largo...”(573).

Note-se como Neves, inicialmente, julgava que Dâmaso era alguém das suas relações, não querendo publicar a carta. Porém, quando se apercebe que se trata de alguém de quem guarda ressentimento, dá logo prioridade à publicação da carta, concedendo-lhe a primeira página e em letras bem visíveis. E era este tipo de notícias que um jornal de Lisboa tinha a oferecer aos seus leitores em primeira mão. Neves revela ser também ele mesquinho, colocando os seus interesses pessoais à frente do que deveria ser a sua imparcialidade como jornalista.

Em *A Ilustre Casa de Ramires*, Gonçalo fica espantado pelo facto de um jornal da oposição, o *Clarim de Oliveira*, não denunciar a vingança de André Cavaleiro contra a família Noronha. Na verdade, não conseguindo seduzir uma das irmãs daquela família, André não hesita em tratar da transferência de Ricardo Noronha para o Alentejo, longe da sua terra e das suas gentes. Em conversa com Guedes acerca do sucedido, Gonçalo questiona os motivos que levariam o *Clarim de Oliveira* a não referir nada sobre o assunto, ao que o seu interlocutor dá a entender que o redactor principal do jornal, Biscainho, teria evitado o escândalo, a troco de suborno de André Cavaleiro, o que revela a falta de carácter do jornalista e o jogo de interesses que muitas vezes estava por detrás daquilo que era publicado.

Em *O Crime do Padre Amaro*, salienta-se o facto de Agostinho ter sido escolhido pelo Dr. Godinho para trabalhar no jornal, por não ter escrúpulos em publicar mesmo as coisas mais vis:

“O dr. Godinho, que era o chefe e candidato do «grupo», tinha encontrado em Agostinho, como ele dizia, o «homem que se precisa»: o que o «grupo» precisava era de um patife com ortografia, sem escrúpulos, que redigisse em linguagem sonora os insultos, as calúnias, as alusões que eles traziam informemente à redacção, em apontamentos. Agostinho era um estilista de vilezas” (161).

É de salientar a caracterização de Agostinho como “patife”, que sabia, através da escrita, dar voz de alarido aos assuntos mais torpes, sem dor de consciência. O narrador

descreve-o como um “estilista de vilezas”, uma vez que Agostinho domina a função de caluniar os outros, estando sempre à disposição do dr. Godinho para deturpar qualquer facto e procurar arruinar a reputação de alguém, se a situação assim o exigisse, e não temendo o uso da linguagem de mais baixo nível, se o objectivo fosse insultar.

Note-se também a hipocrisia e arrogância de Savedra, jornalista do *Século*, n’*O Primo Basílio*, quando o conselheiro Acácio lê aos presentes uma das provas que estava a rever do seu novo livro. Quando termina a leitura, Savedra elogia-o fervorosamente, mas o narrador, omnisciente, revela ao leitor os pensamentos do jornalista que, na verdade, em nada apreciara o que ouvira:

“Declarou para os lados com autoridade «que o estilo era digno de um Rebelo ou de um Latino, e que realmente estava-se precisando muito em Portugal de uma obra daquele quilate...» E pensava baixo «Grandíssima cavalgada!...» O que era a sua apreciação genérica de todas as obras contemporâneas – exceptuando os seus artigos no «Século»”(329).

Savedra julga os seus artigos superiores a qualquer obra contemporânea. Ainda que perante os outros elogie o texto do conselheiro Acácio, no fundo acredita que as palavras que ouve nada valem comparadas com as suas, revelando uma enorme arrogância e falta de humildade.

De facto, na obra de Eça, os factores arrogância, mesquinhez e falta de ética são evidentes na personagem do jornalista, sendo este apresentando, mais uma vez, repleto de traços negativos, salientando-se a existência de muita corrupção na imprensa oitocentista, aliada ao facto de muitos jornalistas não oferecerem escrita de qualidade, construindo textos de pouca ou nenhuma qualidade literária e sem qualquer carácter verdadeiramente informativo ou construtivo.



**3**

**A ESTUPIDEZ, LEVIANDADE E FALTA  
DE CULTURA**



Apesar de prestígio e poder serem características que vários jornalistas de oitocentos reuniam, a verdade é que o mesmo não se pode dizer sobre o nível de cultura que possuíam, assim como acerca da pertinência de muitos dos juízos que formulavam. De facto, a rápida ascensão da imprensa, em direcção a um patamar de influência social elevado, colocou muitos homens, que nesta área faziam a vida, numa situação que lhes permitia modelar à sua medida o pensamento dos leitores. À primeira vista, este poder poderá parecer interessante, na medida em que seria de esperar que os jornalistas aproveitassem a sua posição privilegiada para, entre outros objectivos, contribuir para o desenvolvimento da cultura junto do público leitor e para a disseminação de novas ideias instrutivas neste campo. No entanto, e ao contrário do que poderia esperar-se, uma classe profissional com tanto poder era, no entanto, detentora de um baixo nível cultural e de opiniões muitas vezes levianas relativamente aos mais variados assuntos, o que se torna perfeitamente visível na obra de Eça de Queirós que, sendo também jornalista, muita razão teria em envergonhar-se de grande parte daqueles que com ele partilhavam este meio.

N’*Os Maias*, Ega critica duramente os jornalistas da *Gazeta do Chiado*, baseando-se na péssima interpretação que haviam feito de um dos episódios da sua obra, *As Memórias de um Átomo*:

“ - Estas bestas! Estas bestas destes jornalistas! Leste?  
«Lágrimas em todos os olhos da numerosa e estimável colónia hebraica!» Faz cair a coisa em ridículo...E depois a «fluência de estilo». Que burros! Que idiotas!” (134).

Como vemos, neste pequeno excerto, Ega sente-se ultrajado pelo facto de os jornalistas deste jornal deturparem o sentido das palavras que escrevera, de não possuírem a capacidade de perceber a mensagem que o escritor pretendia passar com as suas palavras. Ega destaca, portanto, a idiotice e estupidez destes jornalistas que, perante o público leitor, desconhecedor ainda do conteúdo de *As Memórias de um Átomo*, faziam transparecer uma ideia da obra contrária à realidade.

Savedra, em *O Primo Basílio*, revela a sua falta de cultura e leviandade de juízos. Em primeiro lugar, mostra falta de sensibilidade perante a arte e um desconhecimento desta área, quando, de forma ridícula, afirma:

“Eu, num quarto de dormir, as únicas pinturas que admito são uma bela ninfa nua, ou uma bacante desenfreada!” (332).

Mas o baixo nível dos seus comentários e a sua estupidez não ficam por aqui. Mais adiante, durante o jantar na casa do conselheiro Acácio, apresenta a seguinte opinião leviana acerca do casamento e da relação entre um homem e uma mulher:

“Quiseram então saber as opiniões de Sebastião - que se fez escarlate.

Por fim, muito solicitado, disse com timidez:

- Eu acho que se deve casar com uma rapariga de bem, e estimá-la toda a vida...

Mas o Savedra, reclinando-se, classificou uma tal opinião, de «burguesa»; o casamento era um fardo; não havia nada como a variedade...” (337).

Savedra, contrariando a espontânea e inocente opinião de Sebastião, mostra-se totalmente descrente da relação duradoura entre um homem e uma mulher, considerando o casamento um peso e desvalorizando o sentimento do amor e a busca de qualidades de facto importantes numa companheira. O mais curioso é que acaba mesmo por apresentar, sem rodeios, as características que mais admira numa mulher, mostrando que esta, para si, apenas serve como objecto de prazer, ao mesmo tempo que revela uma sensualidade grosseira e desenfreada:

“Dissertou então sobre as mulheres. O que sobretudo lhes exigia era um bonito pé; não havia nada como um pezinho catita! E a todas preferia a mulher espanhola!”(337).

“ E reclamava espanholas! Queria fogo! Queria *salero*! Tinha o olho brilhante do vinho: a comida acendia-lhe o sentimento!”(338).

Vejamos, de seguida, n' *Os Maias*, uma passagem em que o jornalista Palma Cavalão, no encontro ocasional num hotel, em Sintra, revela a sua falta de inteligência ao achar que Carlos conheceria Saldanha, apenas por alguns bens que este possuía:

- Olha - disse o Palma lentamente, de cigarro na boca e tirando a isca da algibeira - duas boas bofetadas na cara lhe dei eu ainda há três semanas... Pergunta ao Gaspar, o Gaspar assistiu... Foi até no Montana... Duas bofetadas que lhe foi logo o chapéu parar ao meio da rua... o sr. Maia há-de conhecer o Saldanha... Há-de conhecer, que ele também tem um carrito e um cavalo..." (228).

Através da leitura desta passagem, apercebemo-nos da fanfarronice de Palma, sempre exibicionista, com necessidade de corroborar a sua versão dos factos com a palavra de outra pessoa. O jornalista da *Corneta do Diabo* julga, levemente, à sua imagem e semelhança, que Carlos deveria conhecer Saldanha porque este tinha "um carrito e um cavalo". Ou seja, Palma acha, estupidamente, que são estes factores suficientes para que Carlos conheça Saldanha, porque, cego pelo prestígio social que julga ter, não consegue aperceber-se da distância de valores, morais e culturais, que se interpõe entre o jornalista e o neto de Afonso da Maia.

Também Palma Cavalão diminui a condição feminina, defendendo, ainda em Sintra, um modo absurdo e violento no tratamento das mulheres:

"Enfim, ele não dizia que em certos casos, duas bolachas, mesmo um bom par de bengaladas, não fossem úteis... Sabiam, por exemplo, os amigos, quando se devia bater? Quando elas não gostavam da gente, e se faziam ariscas. Então sim. Então, zás, tapona, que elas ficavam logo pelo beijo... Mas depois, bons modos, delicadeza, tal qual como com francesas..." (230).

Como podemos constatar, Palma Cavalão considera que bater numa mulher é admissível e completamente justificado quando esta se mostra indiferente ou difícil perante o homem que as corteja. Repare-se que a opinião por este formulada é de tal modo ofensiva, que a linguagem utilizada pelo jornalista acompanha o nível do seu

discurso: daí que surjam as expressões “bolachas”, “bengaladas” e “zás, taponas”. Estas palavras, aliadas ao uso do discurso indirecto livre, ajudam-nos porque quase nos ajuda a visualizar a veemência com que o jornalista se agarra à sua opinião e a defende com a certeza de que está certo. É de notar o nível de violência presente no seu discurso, admitindo a agressão para se forçar uma mulher a algo que, na verdade, não quer.

Pela leitura destas passagens de alguns romances de Eça, podemos verificar que os jornalistas à frente da imprensa em Portugal, no século XIX, eram detentores de uma mentalidade retrógrada, formuladores de juízos levianos e reveladores de uma enorme estupidez e falta de cultura, o que, naturalmente, influenciava também o nível de textos que ofereciam aos leitores. Na verdade, a imprensa proliferava, o que não significava que o seu valor construtivo fosse directamente proporcional ao seu crescimento.

**4**

## **O PODER E O PRESTÍGIO**



O rápido crescimento da influência social da imprensa oitocentista conduziu ao aumento do poder e do prestígio de muitos jornalistas, que procuravam explorar este seu novo estatuto em prol dos seus interesses pessoais. Efectivamente, os jornalistas conquistaram uma posição social que colocava muitos indivíduos na sua dependência, uma vez que possuir o apoio de um jornal prestigiado podia ser um grande passo para o acesso ao poder. Na verdade, ter contacto directo e estabelecer relações de cordialidade, ou até mesmo de amizade, com um jornalista com poder e prestígio podia significar a abertura de novas portas políticas, sociais e, até mesmo, económicas. Desta forma, muitos eram aqueles que bajulavam os jornalistas de maior gabarito, frequentando assiduamente as redacções dos jornais, em busca de um potencial favor.

Quando, n’*Os Maias*, Ega procura Neves na redacção do jornal *A Tarde*, rapidamente se apercebe do número elevado de pessoas que ali se reunia, na esperança de conseguir proveitos da sua relação próxima com o director do jornal, nomeadamente apoio político ou um emprego. O poder de Neves causa-lhes fascínio, admiração e respeito:

“Ega acendeu o charuto, ficou um momento considerando aqueles sujeitos que pasmavam para o verbo de Neves. (...) Para todos o Neves era um «robusto talento»; admiravam-lhe a verbosidade e a tática; decerto gostavam de citar nas lojas das suas vilas o amigo Neves, o jornalista, o d’«A Tarde»...” (573).

Repare-se que o simples prestígio social de Neves leva a que os que o bajulam e dele precisam se espantem perante as suas palavras, não pela grandiosidade das mesmas, mas pelos objectivos que consegue atingir através delas. A admiração que sentem não é pela qualidade do jornalismo de Neves, mas pelo poder que alcançara através dos seus textos, independentemente da importância social dos mesmos. As ligações políticas de Neves causam impacto junto dos que o rodeiam, que o invejam na forma como conseguiu chegar a uma situação de poder, através do uso que faz da palavra no seu jornal. Também é de sublinhar o facto de gostarem de dizer que conheciam o jornalista, como se tal facto lhes concedesse respeito por parte das outras pessoas e aumentasse o seu próprio prestígio.

Contudo, ao mesmo tempo que admiram Neves e dele precisam, têm plena consciência que o apoio deste poderia ter um custo elevado:

“Mas, através dessa admiração e do prazer de roçar por ele, percebia-se-lhes um vago medo que aquele «robusto talento» lhes pedisse, num vão de janela, duas ou três moedas”(573-574).

Como vemos, Neves sabia tirar proveito do patamar social em que se encontrava, colhendo recompensas monetárias daqueles a quem interessadamente ajudava. Não nos podemos também esquecer que a inimizade ou um confronto com um jornalista cujo jornal tinha grande tiragem, poderia significar a ruína da reputação de muitos, daí que o poder e o prestígio fossem também factores de opressão. Na verdade, um favor de Neves poderia custar caro a quem lho pedisse, uma vez que o jornalista tinha perfeita consciência dos que dele dependiam e dos lucros que poderia obter através de favores prestados junto a personalidades da sua rede de influências. Neves tem poder porque escolheu apoiar aqueles que poderiam aumentar o seu prestígio. Na sociedade de oitocentos, poder e prestígio andavam de mãos dadas, pois ter prestígio era sinal do poder social que um indivíduo detinha. O prestígio está, pois, associado não à cultura, não ao que de mais nobre um homem pudesse fazer pela sociedade, não a valores humanos, mas sim ao facto de alguém ter uma profissão ou um cargo que o haviam feito ascender na vida. Assim acontecia com Neves, que tão bem sabe explorar a posição privilegiada da qual um jornalista com poder podia usufruir no século XIX.

N’*O Primo Basílio*, é curioso o facto de Savedra gabar a sua profissão, não pela oportunidade que dá ao jornalista de agir socialmente ou de divulgar a cultura, por exemplo, mas pelo simples facto de ter entrada fácil em alguns eventos, de conhecer gente e de ser temido, pelo que, mais uma vez, vemos a força social ascendente da imprensa no século XIX, e a ideia distorcida e abusiva que muitos jornalistas faziam da sua função:

“O redactor do «Século» gabava a profissão de jornalista – quando a gente, já se sabe, tem alguma coisa de seu; mais tarde ou mais cedo apanha-se um nicho, não é verdade? Depois as entradas nos teatros, a influência nas cantoras. Sempre se é um bocado temido”(338).

Savedra mostra, neste excerto, uma consciência do seu poder que, no entanto, é aproveitado de forma mesquinha, para entrar em teatros ou ter conhecimentos junto de mulheres. O jornalista gosta de ser temido e, abertamente, o confessa perante todos os convidados do jantar na casa do conselheiro Acácio. Savedra julga que a sua posição como jornalista o coloca num patamar social superior a muitos outros, esquecendo a educação e o refinamento dos modos. Um homem que escreve e que deveria ser defensor da cultura, que poderia usar a escrita como uma arma social, opta por, estupidamente, transformar o jornalismo numa porta de entrada nas redes sociais de maior prestígio. Para este jornalista, como para tantos outros da época, o respeito social e o prestígio, ao invés de serem alcançados por mérito próprio e reconhecidos sem nenhuma imposição pelo público leitor e pela restante sociedade, são antes impostos aos outros pelo medo que possuem de verem o seu nome difamado no jornal. Há, assim, um abuso do poder por parte dos jornalistas, pelo facto de usarem a palavra como uma arma na direcção errada e com o pior dos propósitos.

Durante essa noite, salienta-se ainda a importância do apoio que a imprensa concedia aos políticos, que muito sabiam utilizar o poder da imprensa na propaganda sua imagem:

“Ele tinha-os apoiado, não é verdade? E com lealdade. Porque era leal! Sempre o fora em política!” (333-334).

Savedra mostra, nesta passagem, que era leal em política, e não necessariamente noutros campos. A sua lealdade é comprada pelo poder político, uma vez que sabe aproveitar-se do apoio que pode conceder a alguns políticos, em troca de uma forte propaganda ao seu jornal e de apoio económico. É esta uma lealdade falseada, uma vez que é trocada e não concedida sem nada esperar em troca.

O poder dos jornalistas é também focado numa passagem de *A Ilustre Casa de Ramires* já anteriormente citada, em que Gonçalo é aconselhado a criar influências em jornais importantes, como forma de divulgar as suas pretensões políticas e conseguir apoio na sua candidatura:

“Sim! Eis a teoria esplêndida: - mas consistência, nomeada, afeições políticas, como se conquistam? «Advogue, escreva nos jornais!»” (28).

Neste excerto está evidente a ligação dos jornais à política e o poder que os jornalistas tinham, pois sabiam que os políticos deles precisavam como forma de propaganda da sua imagem. Se Gonçalo queria sucesso na sua actividade política, se queria ver o seu nome divulgado, precisaria do apoio de jornalistas influentes.

Os jornalistas do romance queirosiano são, efectivamente, na sua maior parte, detentores de um enorme poder social que lhes foi granjeando um prestígio e, dessa forma, colocando muitos indivíduos na sua dependência, não pela sua sabedoria, não pela sua cultura, não por advogarem causas sociais nos jornais, mas simplesmente pelos ganhos políticos ou materiais que esta ascensão lhes proporcionava.

# **CONCLUSÃO**



O trabalho de análise levado a cabo sobre a ficção de Eça de Queirós evidencia a enorme importância que nela cabe à presença do jornal e da figura do jornalista. Seria incoerente, neste trabalho, desvincular a obra do tempo e espaço do seu escritor, uma vez que a obra queirosiana retrata, como sabemos, aspectos da sociedade portuguesa de oitocentos. De facto, os jornais seleccionados pelas várias personagens, o uso que fazem destes, os ambientes que envolvem as redacções, os princípios reguladores da actividade jornalística do século XIX e a própria imagem que nos é transmitida do jornalista desta época ajudam a perceber a vontade de Eça de interferir na sonolência com que o seu país se deparava em relação ao resto da Europa que, como sabemos, tão bem conhecia.

No decorrer do século XIX, a imprensa adquiriu, como foi focado ao longo desta análise, um papel cada vez mais preponderante na sociedade. E não passou despercebido a Eça de Queirós o facto de que jornal se tornara “o meio mais eficaz de difusão da leitura: o preço tornava o jornal muito mais acessível do que o livro, a variedade dos assuntos permitia abranger um público heterogéneo e, por isso mesmo, mais amplo”<sup>1</sup>.

A ligação do jornal à leitura é evidente, como tivemos oportunidade de verificar, pelo suporte que os periódicos constituíam na divulgação de obras de ficção e dos seus autores. Os romances eram, pois, lidos parcialmente, sujeitos ao ritmo da periodicidade do jornal ou revista onde eram publicados mas, simultaneamente, conferiam ao jornal uma garantia de circulação, uma vez que este parcelamento de uma obra obrigava o leitor a comprar o número seguinte, de modo a ficar a par do desenvolvimento da história.

Não podendo dissociar a análise do *corpus* do seu autor - também ele grande jornalista - optámos por elaborar uma primeira parte em que estudámos o percurso jornalístico de Eça e a forma como a vivência internacional do escritor lhe concedeu a oportunidade de uma avaliação mais precisa da sociedade portuguesa, em contraste com os países mais desenvolvidos da Europa. Verificámos como Eça utilizou os jornais como depositários da sua visão cronística do mundo que conheceu e, simultaneamente, como meio de publicação da sua obra, como explica Elza Miné:

“A presença de Eça na imprensa periódica de seu tempo, presença essa que acompanha a trajetória da sua vida, situa-se em

---

<sup>1</sup> Maria do Rosário Cunha, *A Inscrição do Livro e da Leitura na Ficção de Eça de Queirós*, Coimbra, Almedina, 2004, p.79.

duas vertentes distintas: numa delas, jornais e revistas comparecem como organismos acolhedores, em primeira instância, da produção do contista e romancista, como, de resto, assim também funcionaram relativamente a outros ficcionistas e poetas de seu tempo. E isso dos dois lados do Atlântico. Na outra vertente, como também ocorreu com outros de seus contemporâneos, quer brasileiros, quer portugueses, jornais e revistas constituíram-se em lugar de inscrição de textos de imprensa produzidos por esses mesmos escritores que, assim, desempenharam também, cumulativamente, funções específicas de jornalistas”<sup>2</sup>.

Ainda na primeira parte deste trabalho, pudemos analisar brevemente a evolução da imprensa periódica de oitocentos e o impacto desta nos indivíduos. Paralelamente, pudemos verificar a crescente força que a actividade de jornalista adquiriu ao longo do século XIX, e o uso por vezes inapropriado e abusivo que estes profissionais faziam da sua influência social. O mau jornalismo é, de facto, apontado por Eça à sociedade do seu tempo, o que conseguimos constatar quando fizemos a análise da visão crítica do escritor relativamente à imprensa de oitocentos, não só a portuguesa, como a inglesa e francesa, que, como sabemos, acompanhou de perto.

Num segundo momento, tivemos oportunidade de verificar a presença do jornal no romance queirosiano. Os periódicos são, realmente, um objecto constante nas mãos de diversas personagens. Internacionais, nacionais, regionais ou locais, têm os jornais lugar marcado na ficção de Eça de Queirós. Numa primeira leitura, poderá passar despercebida a quantidade imensa de periódicos diferentes que abundam nos romances que constituíram o *corpus* deste trabalho, mas uma segunda leitura, mais atenta, permite encontrar, no pormenor da descrição, a importância social do jornal, cujas notícias propiciam as mais variadas conversas. É também nesses momentos de descrição pormenorizada, em que um periódico pode, por exemplo, surgir estrategicamente pousado em determinado local da casa, do consultório, do clube, ou transportado por alguma personagem, que Eça, subtilmente, mas ao mesmo tempo com verdadeira astúcia e ironia, concede ao leitor pistas de interpretação sobre a sociedade portuguesa

---

<sup>2</sup> Elza Miné, “Imagens Finisseculares do Novo Mundo no Jornalismo de Eça de Queirós” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Vol. I, Coimbra, Almedina, 2002, p.31.

do seu tempo, desde as leituras preferidas do criado, passando pelos jornais que a mulher burguesa lê, e acabando nos periódicos cujas notícias servem de discussão à classe mais alta e ociosa. É, de facto, no pormenor que, muitas vezes, como leitores, encontramos mensagens sociais que coexistem com a intriga. Escreve Carlos Reis:

“Eça de Queirós ousou escrever e descrever o pormenor, sem cancelar a possibilidade, mesmo a necessidade, de o integrar na totalidade em que ele rebrilha como sinal de uma existência tão superior, como superior é a capacidade para, vendo perto, alcançar longe: pelo símbolo, pela alegoria e também pela dinâmica representacional da antinomia que se deduz da tensão entre pormenor e totalidade”<sup>3</sup>.

A análise do jornal como instituição permitiu descobrir as falhas que Eça apontava à imprensa portuguesa, nomeadamente a publicação de notícias nem sempre educativas ou construtivas mas, pelo contrário, que apenas estimulavam a curiosidade pela vida da sociedade, como é o caso das notícias sobre o *High-Life*. O papel educativo e de interveniente social da imprensa que, como vimos, é defendido pelo jovem jornalista Eça de Queirós no *Distrito de Évora*, é largamente esquecido por grande parte da instituição jornalística da época, como, aliás, se vem tornando uma tendência até aos dias de hoje, o que, uma vez mais, comprova a actualidade do escritor relativamente às problemáticas sociais que apresentou na obra deixada como precioso legado.

A redacção do jornal, caracterizada de modo negativo por Eça, é associada ao jornalista que ali executa as suas funções. Na verdade, o jornalista queirosiano é sempre caracterizado de forma negativa, por vezes caricatural, o que comprova que o escritor, mesmo sendo também jornalista, não temia criticar os profissionais da sua classe, muitos deles que, pela sua mesquinhez, ambição, pela sua parcialidade e interesses pessoais, materiais ou políticos, desvirtuavam o jornal e desprivilegiavam este grupo profissional. Assim, Eça, mesmo pertencendo ao grupo dos jornalistas, não hesitou em olhar para os defeitos que envolviam a sua profissão, transformando, em certos aspectos, a crítica numa auto-crítica. Na verdade, “a formação literária de Eça de

---

<sup>3</sup> Carlos Reis, “Eça de Queirós e a Estética do Pormenor” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Vol.I, Coimbra, Almedina, 2002, p.30.

Queirós é uma longa, lenta e árdua aprendizagem; e que, longe de ser linear e programada, essa aprendizagem não se isenta, por vezes, de formulações paródicas e auto-paródicas”<sup>4</sup>.

A realização deste trabalho permitiu verificar que, apesar de se afirmar, e até certo ponto ser verdade, que Eça trabalhou como jornalista, de modo a adquirir meios financeiros que lhe permitissem manter o nível de vida que pretendia, a verdade é que a veia jornalística estava-lhe no sangue, a visão cronística da sociedade permanece ao longo de toda a sua obra, trazendo o jornal para dentro do universo ficcional e exigindo do escritor “uma nova postura perante a arte que passa a ser vista como o espelho crítico do mundo”<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Carlos Reis, *ibidem*, p.15.

<sup>5</sup> Irene Jeanete Lemos Gilberto, “A Crítica de Fidelino de Figueiredo sobre Eça de Queirós”, *op. cit.*, vol.II, p.519.

# **BIBLIOGRAFIA**



## BIBLIOGRAFIA<sup>1</sup>

### Bibliografia Activa

**QUEIRÓS**, Eça de

*Uma Campanha Alegre*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Cartas e Outros Escritos*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Cartas de Paris*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*A Cidade e as Serras*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Da Colaboração no «Distrito de Évora» - I (1867)*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Da Colaboração no «Distrito de Évora» - II (1867)*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Da Colaboração no «Distrito de Évora» - III (1867)*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Correspondência*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*O Crime do Padre Amaro*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Farpas*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*A Ilustre Casa de Ramires*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Os Maias*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*O Primo Basílio*, Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d.

*Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*, Ed. crítica de Elza Miné e Neusa Cavalcante, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2002, pp.15-43.

---

<sup>1</sup> Dividimos a bibliografia em dois blocos distintos: o primeiro, intitulado Bibliografia Activa, compreende todos os títulos de textos que analisámos; o segundo, intitulado Bibliografia Passiva, compreende todos os títulos de bibliografia passiva, teórica e crítica que consultámos e que citámos no presente trabalho.

## **Bibliografia Passiva**

**ABELAIRA**, Augusto - “É uma notícia!” in Lima, Isabel Pires de (org.) in *Retratos de Eça de Queirós: 40 olhares de escritores e artistas sobre a prosa de Eça de Queirós, um dom e dos deuses como a beleza*, Edição Campo das Letras – Fundação Eça de Queiroz, 2000, pp.63-69.

**ANSELMO**, Artur - *Origens da imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981.

**BANDEIRA**, Manuel - “Correspondência de Eça de Queiroz para a imprensa brasileira” in Pereira, Lúcia Miguel e Reis, Câmara (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, pp.167-182.

**BARTHES**, Roland - “O Efeito do Real” in *O Rumor da Língua*, Lisboa, Edições 70, pp.131-136.

**BERRINI**, Beatriz - *Portugal de Eça de Queiroz*, Coleção Temas Portugueses, Vila da Maia Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

**BESSA**, Alberto - *O Jornalismo*, Lisboa, Editora Viúva Tavares Cardoso, 1904.

**BRASIL**, Jaime - “Eça de Queiroz, jornalista” in Pereira, Lúcia Miguel e Reis, Câmara (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, pp.509-520.

**CABRAL**, António - *Eça de Queiroz – A sua vida e a sua obra – Cartas e documentos inéditos*, Lisboa, Livraria Portugal Brasil – Limitada, 2ª edição, 1920.

**CARVALHO**, Augusto da Silva - *Jornalismo Médico Português e a Medicina Contemporânea*. Separata de *A Medicina Contemporânea, I*, Lisboa, Tipografia Labor, 1932.

**CHORÃO**, Luís Bigotte - *O periodismo jurídico português do século XIX: páginas de história da cultura nacional oitocentista*, Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2002.

**CRISTO**, Ana Teresa Fernandes Peixinho de - *A Epistolaridade nos Textos de Imprensa de Eça de Queirós*, tese policopiada, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008.

**CUNHA**, Alfredo da - *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa (1641-1821)*, Lisboa, 1941.

**CUNHA**, Maria do Rosário - *A Inscrição do Livro e da Leitura na Ficção de Eça de Queirós*, Coimbra, Almedina, 2004.

**ESPINA**, Antonio, Pereira - “En la hora de Eça de Queiroz” in Lúcia Miguel e Reis, Câmara (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, pp.401-404.

- FIGUEIREDO**, Mónica do Nascimento - “Corpos e Desejos em Desabrigo: a propósito de *O Primo Basílio* in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Vol.II, Coimbra, Almedina, 2002. pp.821-830.
- GARCIA**, Maria Jesus Fernández - “O Tipo do Político na Obra de Eça de Queirós” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Vol.II Coimbra, Almedina, 2002. pp.739-755.
- GILBERTO**, Irene Jeanete Lemos - “A Crítica de Fidelino de Figueiredo sobre Eça de Queirós” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina, 2002, Vol. II, pp.515-522.
- GUERRA DA CAL**, Ernesto - *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz- Apêndice Bibliografia Queirociana sistemática Y anotada e iconografia artística del hombre y la obra*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1975.
- JURANDIR**, Dalcídio - “Eça de Queiroz, Repórter” in Pereira, Lúcia Miguel e Reis, Câmara (orgs.) *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, pp.201-225.
- LIMA**, Isabel Pires de - *O Complexo Ideológico da “miséria portuguesa” em Eça*, Porto, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 1984.
- LIMA**, Isabel Pires de - *As Máscaras do desengano. Para uma abordagem sociológica de “Os Maias” de Eça de Queirós*, Lisboa, Caminho, 1987.
- MACEDO**, José Agostinho - *Carta [Primeira a Sétima] a Pedro Alexandre Cavroé*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Oficina de António Rodrigues Galhardo/ Oficina da Viúva de Lino da Silva Godinho, 1821.
- MATOS**, A. Campos (Org. e Coord.) - *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ªed., Lisboa, Caminho, 1993.
- MEDINA**, João - *Eça, Antero e Victor Hugo: estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2001.
- MEDINA**, João - *Eça Político*, Lisboa, Seara Nova, 1974.
- MINÉ**, Elza, - *Eça de Queiroz Jornalista*, Colecção Horizonte, nº47, Lisboa, Livros Horizonte, 1986, 2ª Edição.
- MINÉ**, Elza - “Imagens Finisseculares do Novo Mundo no Jornalismo de Eça de Queirós” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina, 2002. pp.31-42.
- MÓNICA**, Maria Filomena - *Eça de Queiroz Jornalista*, Cascais, Principia, Publicações Universitárias e Científicas e Associação Portuguesa de Imprensa Não Diária (AIND), Outubro 2003, 1ªEdição.
- MOOG**, Vianna - *Eça de Queirós e o século XIX*, Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 4ª Edição, 1945.

- NOBRE**, Roberto - “Crítica e auto- crítica em Eça de Queiroz” in Pereira, Lúcia Miguel e Reis, Câmara (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, pp.605-638.
- NORONHA**, Eduardo - *À esquina do Chiado*. Porto: Magalhães & Godinho, 1913.
- NORONHA**, Eduardo - *Vinte e cinco anos nos bastidores da política*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1913.
- PEREIRA**, Astrogildo - “Eça de Queiroz Cronista” in Pereira, Lúcia Miguel e Reis, Câmara (orgs.), *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, 1945, pp.183-199.
- REIS**, A. Do Carmo - *Eça de Queirós na Trajectória do Jornalismo Contemporâneo*, Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde, nº15/16, Dezembro, 1995, pp.47-53.
- REIS**, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. - *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina, 1996.
- REIS**, Carlos - *Eça de Queirós: a escrita do mundo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, Edições Inapa, 2000.
- REIS**, Carlos - “Eça de Queirós e a Estética do Pormenor” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina, 2002, pp.13-30.
- REIS**, Carlos - *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*, Coimbra, Almedina, 3ªed., 1984.
- REIS**, Carlos - *Estudos Queirosianos - Ensaio sobre Eça de Queirós e a sua obra*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.
- SARAIVA**, António José - *As Ideias de Eça de Queirós*, Lisboa, Bertrand, 1982.
- SIMÕES**, João Gaspar - *Eça de Queiroz: O Homem e o Artista*, Lisboa, Edição Dois Mundos- Portugal Brasil, 1945.
- SILVA**, Vítor Manuel de Aguiar e - *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 8ª ed. (2ª reimp.), 1990.
- TENGARRINHA**, José - *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Portugália Editora, 1965.
- VARELA**, Ângela - “A Ascese da Escrita Queirosiana” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina, 2002. pp.363-377.
- XAVIER**, Lola Galdes - “O Primo Basílio, de Eça de Queirós: espaço social, discurso e ideologia” in *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*, Coimbra, Almedina, 2002. pp.619-631.







